
VALENTIM MAGALHÃES
Bric-a-Brac
LAEMMERT & C.o
EDITORES
Rio de JANEIRO e S. PAULO
JULIÃO MACHADO

BRIC-A-BRAC

Obras do autor

Cantos e Lutas, poesias, 1879, esgotado.
Colombo e Nenê, poemeto. Editora—*Gazeta de Noticias*, 1880.
Quadros e Contos, editor Dolivaes Nunes, 1882.
Notas á margem dos «Ultimos Harpejos», editor Serafim J. Alves, 1884.
Notas á margem, chronica quinzenal; editores Moreira Maximino & C.ª, 7 fasciculos, formando um volume de 224 pag., 1888.
Horas Alegres, editores Laemmert & C.ª, 1888.
Vinte Contos, 1ª edição d'*A Semana*, 1886; 2ª edição de Laemmert & C.ª, 1895.
Escriptores e Escriptos, editor C. G. da Silva, 1889.
Philosophia de Algibeira, editores Laemmert & C.ª, 1895.
Bric-á-Brac, com uma capa polychromica, de Julião Machado e o retrato do autor; editores Laemmert & C.ª, 1896.

EM COLLABORAÇÃO

Com SILVA JARDIM:
Idéas de moço, prosa e verso, 1880, esgotado.
O general Osorio, prosa e verso, 1880, esgotado.

Com FILINTO DE ALMEIDA:
O Gran Galeoto, traducção em verso do drama de D. José Echegaray, *El Gran Galeoto*, 1884, esgotada esta edição; a segunda é de Laemmert & C.ª, 1896.

Com HENRIQUE DE MAGALHÃES:
A vida de seu Juca, parodia á morte de D. João, de Guerra Junqueiro, editor Serafim J. Alves, 1880.

Com ALFREDO DE SOUZA:
Ignacia do Couto, parodia em verso á tragedia *Ignes de Castro*, editores Laemmert & C.ª, 1889.

NO PRÉLO

Contos intimos.
Litteratura brasileira, summa das conferencias feitas em Lisboa, com uma selecta em prosa e verso e numerosos retratos. Editor, Antonio Maria Pereira, Lisboa.
Flor de sangue, romance. Editores, Cunha & Irmão.

A PUBLICAR

Na Brécha—perfis, criticas, opiniões.
Cantos e Lutas, edição definitiva, augmentada das melhores poesias do autor.
Noções de Economia Politica.
Fóra da Patria. (Carteira de um viajante).


Valentin Magnan

VALENTIM MAGALHÃES

BRIC-A-BRAC

LAEMMERT & C.—Editores
RIO DE JANEIRO — S. PAULO
1896

BRIC-À-BRAC

"BRIC-À-BRAC.—Reunião das curiosidades de todo genero, de objectos de arte e mobilamento, de valor e sem valor, que o adélo offerece de mistura á venda, em sua loja. Nesta innominavel desordem julga o amador muitas vezes descobrir finas perolas, que elle paga como taes, e que, postas em casa, não lhe produzem mais effeito que o vulgar strás. O *Bric-à-brac* de outr'ora é o avô do *bibelot* de hoje."

Assim define a cousa cujo nome escolhi para titulo d'este livro Jules Adeline no seu *Lexicon dos Termos de Arte.*

Pois esta obra é isso mesmo; é um amontoado de curiosidades litterarias e objectos de arte escripta, de todos os generos, inclusive o unico que Boileau condemnava, e em todos os estylos, sem exceptuar o barroco.

Junto a um conto commovido e singelo—um trecho de satyra mordaz e irreverente; em seguida a um grito de

enthusiasmo — uma caricatura a traço largo; depois de um surto amplo de fantasia caprichosa — um quadro exacto e minucioso da vida social: — *Bric-à-brac.*

Ha porventura incoherencia, heterogeneidade num livro assim composto, de tão multifario aspecto?

De nenhum modo. Bem ao contrario. Um livro assim é que é coheso, homogeneo, uno, porque photographa a vida, que é um silforama constante.

De manhã á noite, em um só dia, o homem percorre toda a gamma sentimental — enternece-se, e lacrimeja; encolerisa-se, e ruge; alegra-se, e ri; enfarase e boceja; enamora-se, e canta; indignase, e satyrisa....

O systema nervoso é um apparelho electrico que transmitte em descargas consecutivas, com egual poder — o fremito do espanto e o do amor, a galvanisação da tragedia e a da farça, o spasmo de um beijo e a revulsão de uma affronta.

Toda obra humana, para que o pareça, precisa de ser a reproducção da

multiplicidade de móveis psychicos e da mutabilidade de animo que caracterisam a vida integra e consciente.

Um escriptor, que bem o seja, escreve de risos e lagrimas, faz idylios e epigrammas, desfere cantos de amor, rugidos de indignação e brados de enthusiasmo....

Todas essas varias vibrações animicas, materialisando-se, ou antes — *realisando-se* na escripta, geram obras de arte, mais ou menos bellas, mais ou menos perfeitas.

Ha geralmente o costume de escolhel-as e separal-as para classifical-as methodicamente em generos, de modo que os autores em um livro *só riem*, em outro *choram sómente*, em terceiro *sómente cantam* ou *contam* ou *analysam* — como se elles não fizessem tudo isso sem ordem, quasi ao mesmo tempo!

Não desconheço nem quero negar as vantagens, a necessidade mesmo do systema de differenciação e agrupamento, por assemelhança, das obras de arte.

Mas é innegavel que elle adultéra a verdade da genesis artistica, além de tirar o encanto natural da variedade.

Por isso me agradam as miscellaneas e mosaicos litterarios, todos esses volumes de *mélanges* que se encontram na bagagem de quasi todos os autores.

Não é outra cousa este livro, que entrego ao publico sob o titulo — *Bric-à-Brac.*

Porque o denominei assim, tendo á mão, no vasto armazem da nossa rica lingua, expressões correspondentes áquella?

Sim, temos, de facto, algumas. A *bric-à-brac* corresponde o *ferro-velho*, o *adélo*, o *belchior*, o *alborcador.* Mas não é bem isso, como vimos na definição de Jules Adeline. Esses vocabulos designam o individuo que exerce a acção de colligir e revender os objectos; ao passo que *bric-à-brac* exprime a *reunião d'elles.*

A intitular desgraciosamente o livro *Loja de adélo* prefiro dar-lhe o titulo francez que lhe dou, muito mais adequado e expressivo, além de magnifico, em si, como sonoridade e aspecto graphico.

Que me perdôem os puristas.

Aos visitantes do meu *bric-à-brac* apenas desejo que nelle encontrem algum objecto que, pela puresa da materia prima ou pela delicadesa do lavor, lhes mereça essa attenção affectuosa com que os amadores distinguem na loja de um ferro-velho, d'entre o amontoamento de antigualhas e despojos artisticos de todo genero, uma joia dos tempos coloniaes, um contador da Renascença ou um perfumador japonez.

E queiram desculpar a immodestia da aspiração.

Rio — Dezembro — 1893.

V. M.

BRIC-À-BRAC

ANNO BOM

Todos os annos, no derradeiro minuto do dia de S. Silvestre, effectua-se no ether uma commovente solemnidade, que me foi contada por uma estrella, quando eu tinha quinze annos. . .

*
* *

Eu andava apaixonado por esse tempo e fazia versos.

Para falar a verdade não posso determinar a edade em que comecei a amar nem o anno em que primeiro invoquei a Musa.

Mas lembro-me bem que a amatividade, como diria um scientista, desenvolveu-se-me mais vivamente naquelle tempo e com ella o prurido de poetar. Andava com o coração a transbordar de amor e os bolsos abarrotados de estrophes. Quando a minha amada—bemdita sejas, querida!—estava triste ou quando não me beijavam seus olhos, logo que os meus pousavam nella, enchia-se-me a alma de negrume, o mundo tempestuava-me em torno e eu era o ente mais miseravel da terra.

Partia então, sob o sol ou á luz das estrellas, desapoderado, torvo, ruminando o fim tragico de Werther e mandando a Natureza e o proprio Deus—ao diabo!

Pois em uma noite de S. Silvestre, noite carinhosa e limpida, de uma frescura ineffavel, sahi eu, sinistro como lhes contei, campo fóra, morro acima, matto dentro... Levava seguramente meia duzia de bons desesperos na alma, fervilhante de vinganças. E tinha por que: naquelle dia havia-me parecido que *ella* se sorrira com certa meiguice particular para um mancebo elegante e que tinha a ousadia de ter bigode.

Pois bem, chegando á beira da lagôa, — que era como um grande lençol ondulante, picado de furos luminosos,— parei, deitei-me de bruços na relva e puz-me a olhar para dentro d'agua.

O que então vi era deslumbrante, era lindo! A face do lago, como uma lamina clara de crystal, deixava-me ver ao fundo um immenso salão de contornos indistinctos, todo verde dos lados, com tufos de folhagens e arbustos. O soalho era azul, azul carregado, mas que empallidecia de quando em quando. Estranha musica soava. Só depois de desfeito o encanto, percebi que eram os grillos, os sapos e os noitibós que compunham a orchestra.

E as estrellas dansavam... Umas vermelhas, outras opalinas, quasi todas brancas, brancas d'argento, arrastando as caudas de nevoa.

Eu dilatava os olhos e mergulhava-os dentro d'agua, alheiado do que se passava em torno e acima de mim, e pareceu-me tomar parte no baile. D'ahi a pouco Venus pediu-me o braço e eu pedi-lhe uma valsa...

Notei então, com indizivel sorpresa, que ambos eramos ethereos e não pisavamos o chão, que deslisavamos no ar, isto é: dentro d'agua, pois tampouco lhe sentiamos o peso.

Oh! noite maravilhosa!

Depois da valsa, havendo-me Venus sido arrebatada por Marte, vi uma estrellinha muito pallida, que não dansara, dirigir-se, palpitante, para o meu lado. Fui ao seu encontro.

Enlaçámo-nos logo: parecia-se tanto com a minha amada!

E, emquanto vogavamos ao som da musica, ella falou-me assim:

"Quero revelar-te, poeta, um segredo celeste.

"Todos os annos em a noite de hoje ha esta festa no fundo dos céos e no fundo dos lagos. E' a festa de "anno bom". Como temos o dom da ubiquidade e estamos, inteiras, com o mesmo brilho, tanto no engaste do azul como nas aguas dos lagos e dos mares, como no fio de

crystal das fontes,como na baga de pranto e na perola de orvalho, esta grande festa se realiza, ao mesmo tempo, em todos os pontos do céo e em todos os pontos da terra. Tu não podes ver tudo, porque são ainda mortaes os teus olhos. Mas vou contar-te o que não podes ver.

"Quando falta na ampulheta de *papá* Saturno um grão de areia apenas para que de mais um anno envelheça o teu mundo, reunem-se no Infinito, junto ás portas de ouro e diamante do Oriente, todos os genios do Bem e do Mal, todas as fadas, todas as almas de planetas, *desincarnadas*, todos os espiritos dos meteoros mortos, todas as *willis* celicas, e, formando o grupo mais plasticamente maravilhoso que mente de deus possa idear, emquanto resoam todas as harpas, crótalos, citharas e bandolins dos menestreis e dos bohemios do Azul, aguardam attentamente que o derradeiro granulo de areia da ampulheta de *papá* Saturno, caindo sobre a pyramide dos outros, faça volver o regulador das edades e dê começo a um novo cyclo.

— E quando elle cae, por fim, que acontece então ? interroguei, ancioso.

— Quando nasce o que vocês chamam o *anno bom*, todos os genios, fadas, almas de estrellas, espiritos de planetas, bons e máos, despejam para sobre a terra, das suas cornucopias sem fundo, os beneficios e os maleficios, as alegrias

e as magoas, as festas e as catastrophes, os hymnos de gloria e os ululos de dor, as guerras e os hymeneus, o Amor e o Odio, a Abnegação e a Vingança, os deliquios de goso e os estertores de agonia... Tudo isso cae, desce, evola-se, esparge-se aos quatro ventos, por todo o Universo, invisivel, mysteriosamente.

"E' a vida do anno novo, *vivida* previamente —para nós, omni-pre-scientes; é a historia de todo o anno *escripta* ao seu nascimento.

"Para nós é ella a mesma, eternamente a mesma. E esta cerimonia já nos enfastia. Olha, espera, chegou o momento. Vae nascer o anno. Boas entradas, meu poeta!"

E fugiu-me, deixando de si uma claridade perfumosa.

E ouvi então bater no sino da matriz, erecta e branca, no dorso negro do monte, a reflectir-se nas aguas, a primeira badalada da meia-noite.

E cada uma das doze pareceu-me cantar assim, por valles e montes: *Anno bom! Anno bom! Anno bom!*

*
* *

A festa que me contou a estrellinha pallida, parecida com a minha amada, repetiu-se ainda hontem, ou melhor: ainda hoje, mais uma vez... para os que tiveram a fortuna, ou o infortunio, de passar o S. Silvestre.

Que calamidades e que desgraças estarão viajando no ar, cá para baixo, sobre as nossas cabeças, destinadas aos nossos lares?

Ninguem sabel-o póde.

Como, porém, philosophar é a mais inutil das coisas tristes e já vos contei o que esta madrugada se passou no céo, só me resta desejar-vos, leitoras e leitores, como é costume entre pessoas educadas—que durante todo o anno que hoje começa possaes dizer d'elle o que me disse aquelle sino da roça no tempo em que eu tinha as algibeiras abarrotadas de sonetos e valsava com estrellas no fundo dos lagos:

— *Anno bom! Anno bom! Anno bom!*

1—1—1892.

A ALMA DAS COUSAS

Quando se entendeu chamar "inanimado" ao mundo destituido de acção propria, não foi certamente para negar-lhe uma alma, pois não ha cousa que não tenha a sua.

Se as cousas choram, se as cousas riem, (*lacrimæ rerum, lætitia rerum*) é porque sentem, é porque têm alma.

Dirão os subtilistas que a alma é nossa e a pomos, repartida, nos objectos que nos cercam e, nelles encontrando-a, julgamol-a d'elles; que tudo vae do sentimento com que olhamos o mundo... Digam-no embora, provem-no mesmo, se tanto podem.

Eu continuarei crendo que ha uma alma nas cousas, como nos homens — elevada ou inferior, luminosa ou opaca, suggestiva ou impassivel.

Se todos a vêem, é caso diverso. Não, nem todos a enxergam, atravez da materia muda e immóta.

Isso, porém, que prova ?

Não ha tanta gente para quem o mundo visivel não existe ? E deixa elle, por isso, de existir ?

Homens ha que vivem trinta annos com um relogio, que contemplaram milhares de noites as estrellas, que dormiram centenas de séstas sob a hospitaleira fronde de uma arvore, que habitaram toda a vida uma casa — e nunca, nem uma só vez, entenderam o que lhes dizia o velho relogio, fiel e rabujento amigo, nem jámais ouviram as estrellas, nem perceberam a gesticulação e o ramalhar da arvore — giganta de cem braços, fecunda e ardente, — e morrem, por fim, sem haverem aprendido a linguagem das portas — rangendo nos gonzos, das paredes antigas — em que cada buraco tem um olhar bondoso e cada gilvaz uma historia, a linguagem de toda a casa materna — em que receberam e restituiram a vida!

Ao contrario das cousas que têm alma sem que tenham, muitas vezes, movimento, essa especie de gente move-se, locomove-se, commove-se mesmo; mas não tem alma fina e vibrante, a alma immaterial e eterna que os psychologos de hoje andão buscando por toda parte, cheios da febre do Desconhecido.

Por isso é que taes homens não vêem, nem ouvem o que fazem e dizem as cousas mudas e cegas que nos acompanham vida a fóra.

Vel-as e entendel-as é ser poeta. A communicação da alma das cousas á alma dos homens, é a poesia.

Felizes, vós que entendeis a voz dos sinos e ouvis estrellas e aprendeis a historia das cousas, contada por ellas mesmas!

Como me fallece a *mens divina*, não posso contar senão em prosa descorada e frouxa o que das cousas hei ouvido e visto.

Applicando á observação do homem o methodo de Cuvier para as ossadas, com um só pequenino objecto reconstitue-se a vida da pessoa a quem pertence.

Tão longe não levei os meus estudos do real. Tenho-me limitado, por emquanto, a pesquizar, comprehender e definir "a psychologia do inanimado" e, tambem um pouco, se me perdoam a pretenção, a sorprender e fixar a "linguagem das cousas."

Aqui vou expor-vos alguns modestos resultados d'esses estudos.

I

O GABINETE DO SABIO

Sala espaçosa, sobre o comprido. Por quatro largas janellas, de cujo alto cahem transparentes de seda côr de canna, em que ha grandes passaros bordados a fróco, entra, coada e enfraquecida, a luz clara e ardente do meio dia.

Silencio dentro. Fóra, ruidos confusos de campo, — cucuritar de gallos, rechinar de carros de bois, chiada de cigarras e esse mumurio indefinivel que fazem as plantas e os arvoredos, ao sopro da aragem e ao impulso da seiva, e o glorioso sol infatigavel, brunindo a fogo as folhas, causticando os troncos, queimando as hervinhas e as relvas, aquecendo a terra até estalal-a em fendas...

Em frente a uma grande mesa, coberta de livros e papeis em desordem e, portanto, em ordem, está a velha e vasta poltrona do mestre ausente.

E' de jacarandá e couro de Cordova. Está posta um pouco de esguelha, na posição em que elle a deixára quando a afastou da mesa e levantou-se para sahir.

O couro tomou com a acção do tempo uma côr vermelha-escura, afundou-se no assento e tem ligeiras depressões nos braços e no espaldar. E' um traste austero, pesado, grave. Não temolhar ; o seu caracter vem-lhe dos braços, dos grandes braços curvos, muito abertos, em uma espectativa permanente de amplexo amistoso.

E' ella que preside á assembléa de todas as cousas alli dispostas e dá o diapasão para a sua harmonia.

Essa poltrona fixa a presença de seu sabio dono, quando ausente, tão identificado com ella

lhe está o corpo, em um convivio de tantos annos.

Um pequeno esforço de vontade e vêl-o-eis occupando-a. Amplo, robusto, amollecido um pouco pela edade, enche-a completamente,—o tronco cercado pelos braços d'ella, a cabeça acamada no concavo do espaldar e os braços postos sobre os d'ella, em repouso apparente, mas, de facto, immobilisados para deixar o cerebro trabalhar tranquillo.

Tem a alma serena e casta a velha poltrona.

Se a examinarmos attentamente e procurarmos sorprender-lh'a, *ouvil-a-emos* contar a sua historia honrada e exemplar.

"Sou a cadeira do mestre — diz.

"Sobre mim e dentro de mim, cercado pelos meus braços fortes, em que os seus descansam, tem elle gasto trinta annos de sua vida lendo, estudando, trabalhando.

"Quando a fadiga o prostra, amacio-me toda para dar-lhe um bom somno. Mas tambem eu vou envelhecendo ; sinto-me dura e secca.

"Se não fôra o habito que o fez amar-me e o faz querer-me sempre, eu lhe seria intoleravel. O que elle tem lido e pensado em meus braços ! Dizei-o vós, ó livros, amigos d'elle e meus.

"A Sciencia é uma aspiração, mas não um consolo.

"Só o trabalho dá consolação.

"Fiz-me grave e melancolica por habituada a vêl-o sempre sério e meditativo. Nunca lhe senti o corpo sacudido por uma risada, mas ai, quantas vezes a revolver-se febril, nervoso, nas torturas da impotencia mental ! A Sciencia é uma cousa grave, muito grave. O cerebro humano tem de arder na propria chamma, sempre, sempre, como um archote, até á derradeira fibra, até ao derradeiro lampejo.

"Se a chamma d'essa auto-combustão fosse visivel, eu resplandeceria como o alveolo de um sol e esta sala seria mais clara do que a luz merediana, que agora a inunda. Envelhece. E eu com elle. E tudo comnosco. Vida inutil, velhice ingloria ! Mas elle ha de partir e eu ficarei, cheio d'elle, até que algum barbaro me profane com seu corpo immundo de sybarita, ou mão piedosa me reduza a cinza, dando-me a extincção purificante e gloriosa do fogo."

Sobre a mesa jaziam cahidas, inertes, varias pennas, de bicos oxydados pela tinta. Uma d'ellas vertera a ultima gotta negra sobre uma pagina escripta a meio, na palavra *nada.*

Os livros, numerosissimos, arrumados nas estantes que forram a sala, têm um tom de cansaço e tedio.

Alguns, abertos, bocejam sobre cadeiras e escabellos ; outros, cahidos sobre os visinhos, parecem dormir fatigados.

E todos os objectos do gabinete, presididos pela poltrona veneravel, *falam* de paz, meditação e repouso.

De todos, porém, o que, menos falando, diz mais é aquella penna cahida em meio da pagina, vertendo a sua lagrima derradeira sobre a palavra — *nada*.

II

A CAMARA DA VIRGEM

São nove horas da noite.

O quarto de Virginia espera-a ancioso, palpitando todo no lampejamento tremulo da *veilleuse* de crystal e prata, posta sobre um *guéridon* de onyx-rosa e bronze dourado.

Tudo neste aposento é branco ou côr de rosa. Mas com essa ornamentação e essas côres tanto póde ser o quarto de dormir de uma virgem como o de uma cortezã...

Sim, mas *este* é de uma virgem, e necessariamente linda e purissima.

Porque? Porque se estes objectos, de tão delicado aspecto, de apparencia tão casta, pertencessem a uma mulher impura, não teriam a alma branca e risonha que nelles se adivinha e que enche o quarto de um fluido estranho e ineffavel, que é simultaneamente — musica, luz e perfume.

O leito, principalmente.

Um leitosinho de ipê-rosa, muito singelo, coberto de alvos linhos, espumantes de rendas finissimas, em flocos, presos em varios pontos por laços de fitas côr da aurora.

Na penumbra rosea que a *veilleuse* delicadamente espalha, com esbatimentos doces, o leito murmura :

"Como *ella* tarda ! Anceio por abrir meu seio, puro como o lyrio novo, branco como o leite e fresco como o orvalho matinal, para receber seu corpo de lyrios e rosas, seu corpo virginal, tão puro e tão santo na sua insciencia da vida material, que me sinto indigno de acolhel-o e abrigal-o e apresso-me em escondel-o no mysterio das minhas roupas sem mácula, para que ninguem lhe divise um lampejo da carne, uma linha dos contórnos.

"Guardo no colchão de pennas, com a ferocidade de um avarento, a leve depressão d'esse corpo, a qual lhe molda as fórmas esculpturaes, e na travesseirinha, macia mais que o arminho, a conformação de sua cabeça de serafim... Guardo mais — guardo os pensamentos com que adormece e com que desperta, e os sonhos que sonha.

"São pensamentos de passarinho ; e tambem os sonhos: — muito céu, muita luz, muitas flores, muita musica.

"Depois que resa de joelhos á Santa Virgem e que o seu Anjo da Guarda lhe cólhe a prece, como uma perola, no concavo da mão, e vae leval-a risonho á boa mãe de Deus, deita-se sobre o lado direito, pousa a cabeça no travesseiro, deixa os braços cruzados levemente sobre o seio, que a cambraia afoga pudicamente, e começa então nessa cabecinha adoravel a doce obra do somno. As impressões do dia confundem-se com os planos de amanhã...

"Suas amigas dansam-lhe ante os olhos cerrados, atirando-lhe beijos e flores ; o vestido que está projectando para a proxima *soirée* passa-lhe, feito e vasio, e vem para ella, pelo ar, como para envolver-lhe o corpo... Depois... adormeceu.

"E eu então fico desperto, velando-lhe o somno, fazendo-me molle, tepido, macio, todo orgulhoso de tel-a em mim e de guardal-a avaramente do assalto das paixões terrenas...

"Quando acorda á caricia importuna do sol, pensa ás vezes no passeio, no baile ou no concerto d'aquelle dia, antes da oração matinal, mas nunca a esquece. Quando se levanta e, após a primeira *toilette*, toda intima, se entrega aos carinhosos cuidados da sua criada, fico eu descoberto, lençóes arregaçados, mostrando o concavo feito no colchão pelo seu corpo adorado e vou perdendo, ai de mim ! o calor e o perfume

que d'elle guardava e que se embebem no ar, misturando-se aos cheiros dos sabonetes e das aguas de toucador."

E' isso o que diz o leito de Virginia. E a gente sente, deante d'elle a mesma ingenua veneração, a mesma invencivel timidez que produziria a presença da donzella. Eu seria incapaz de um gesto grosseiro ou de uma palavra impura ante aquelle leito vasio. O proprio pensamento não ousaria peccar. Porque? Porque a alma d'aquella cama domina com a sua candura irresistivel e a sua graça infantilmente fragil.

Na meia sombra que enche o quarto não é possivel distinguir os outros moveis e *bibelots* que o ornam.

Mas, se prestarmos attento ouvido, ouvil-os-emos cantando muito baixinho, em unisono, um hymno estranho e delicioso, exalçando a Formosura e glorificando a Innocencia.

III

A POCILGA DO CRIMINOSO

Uma agua furtada, de telha vã.

Uma janellinha gradeada mal deixa entrar a luz crepuscular, avermelhada e tristonha.

Vem de lá de baixo, como das entranhas do abysmo os uivos de Polyphemo, o formidavel ruido abafado da cidade, que se recolhe do trabalho.

A porta está fechada e vasio o orificio da fechadura — pelo qual entramos, eu e o leitor, graças ao maravilhoso talisman que é privilegio dos novelleiros e romancistas.

Um cheiro acre, aggressivo, empesta o ar, suffocante —o cheiro proprio dos aposentos mal asseiados e mal varridos do ar e da luz.

Uma mesa velha, oblonga, ao meio do aposento, chama e prende a attenção.

Está coberta por uma espessa crosta de poeira e detrictos indefiniveis.

E sobre esse ascoroso tapete os mais disparatados objectos — um toco de vela de sebo, apagado, coalhadas as longas lagrimas pelo gargalo abaixo da garrafa que lhe serve de castiçal ; caixas de phosphoros, a esmo, pontas de cigarros, esmagadas, negras ; um collarinho immundo, torcido ; copos sujos com restos de vinho ; um almanach roto, manchado de vinho e sebo ; umas moedas de cobre e nickel ; uma carteira grande, usada, mas de couro fino, forrada de seda, e de seus bolços sahindo,a espalhar-se sobre a mesa, diversos papeis, uns intactos, outros amarrotados ; ao lado da carteira uma navalha aberta, com a lamina ennegrecida,e um par de punhos, manchados de sangue.

Não sabemos a quem pertence este antro. Mas a mesa vae falar na sua mudez sinistra. Ouçamol-a.

"Eu sou a mesa de um bandido. Estou manchada por todos os liquidos do vicio e do crime. Tenho uma crosta de lama, da peior das lamas — a humana, na qual não penetra o sol.

"Sobre mim têm-se debruçado, á luz do sebo ou do petroleo, mariolas e malvados, conversando impudencias ou concertando planos criminosos. Punhadas colericas, acompanhadas de palavrões horriveis, tê-me desconjuntado e combalido. O miseravel a quem não pertenço legitimamente, pois a minha posse foi resultado de um roubo, está foragido ha muitas semanas.

A ultima vez que aqui veio eram duas horas da madrugada. Entrou subtilmente, accendeu este toco de vela, atirou sobre mim esta navalha, ainda quente de sangue, e estes punhos ensanguentados. Depois tirou do bolço esta carteira. Abrio-a, esvasiou-a. Tinha muitas notas de banco. Guardou-as. Deixou o resto. Depois embrulhou-se na capa, soprou a luz, fechou a porta e sumio-se. E eu aqui apodreço, coberta de immundicies, em meio d'este abandono sinistro, d'este silencio horrente."

Todos os mais objectos — o grábato de roupas enxovalhadas, as poucas cadeiras velhas, a bilha de agua esbeiçada e suja — todos confirmavam a narração tacita da mesa.

E o dia, expirante, atirava para sobre elles, para dentro do antro do crime — sangue, mais

sangue ainda, como para dessedentar a féra que alli se acouta.

Juntae agora, leitores, em macabro e revoltante aconchego — a poltrona do sabio, o leito da virgem e a mesa do assassino.

Vamos, juntae-os.

E' horrivel, não podeis, não é assim ?

Pois o que á vossa imaginação repugna fazer, fal-o a vida.

A vida é essa mistura hedionda, em que talvez mais que a dos homens, chora e soffre a alma das cousas.

Novembro — 1892.

A FESTA DA GLORIA

Grande dia é o de hoje.

Ou antes: — grande dia *foi* o de hoje.

Dize-me se não tenho razão em substituir por este preterito aquelle presente, bom velho, que ahi vaes, melancolicamente acurvado ao peso dos annos, meditativo e tropego. Dize-o, tu, cuja memoria é um verdadeiro registro das nossas tradições, cujo cerebro é uma mysteriosa boceta de que se evaporam ao sopro gelado do Inverno todas as illusões, todos os sonhos, todos os desejos, e em cujo fundo nem sequer ficou a esperança, como na de Pandóra; mas, em compensação, lá está o Passado — esse castello opulento e nebuloso, illuminado pelo tristissimo luar da saudade.

Foi talvez nessa romaria que começaste a namorar a tua *velha*.

Viste-a... (Se não foi comtigo que se deu a historieta que vou contar, foi com o teu compadre Sancho ou com o teu amigo Martinho. E se não foi esta, foi outra historia, pouco differente. O resultado é o mesmo.)

Viste-a pela primeira vez neste bello dia da Assumpção de Nossa Senhora. Foi ao subir a

ladeira. Ias de troça entre o Martinho e o Sancho, a fumar, a rir e a beliscar as mulatinhas. Na tua frente subia um florido festão de raparigas, saturando o ar do cheiro de agua da Colonia, trilando risos, agitando laçarias festivas.

O sol descia vagarosamente o outeiro, a deitar-se nas aguas tranquillas da bahia, palhetando-as de vermelho.

Os marmanjos, acostados aos lados para verem a multidão subir, acolhiam a passagem victoriosa das raparigas com facecias leves, ditinhos de bregeirice familiar :

— Que de flores bonitas !

— Bravos ! D'isto é que eu gosto !

— Ai, ai ! não pisem o coração da gente !

— Como vai soberba ! Nem conhece mais quem a adora.

Riam-se as moças e cochichavam. E os paes, gravibundos mas condescendentes, subiam abordoados ás bengalas, com os queixos entalados nos collarinhos em que se enroscavam os laços de gravata, com os longos rodaques desabotoados, e sobre o peito da camisa um grande alfinete de pedra brilhante, mais ou menos falsa.

Atraz as *crias*, moleques e negrinhas, tresandando a pomada de Hollanda e a cachimbo, carregadas com as mantas e capas das *sinhás* e com os chinellos de *sinhô velho*.

Uma occasião, uma penca de pessoas vindo pela ladeira abaixo, gritando e rindo, fez parar a onda ascendente. Os velhos aproveitaram o *Deo gratias* para fungar uma pitada, as moças para atirar o anzol do olhar aos namorados. Então uma das raparigas voltou-se : —viu-te, fitou-te, sorriu-te. Viste-a, fitaste-a, sorriste-lhe...

Essa operação foi-se repetindo durante o resto da ladeira. Antes que ella acabasse, desengataste o braço dos braços dos companheiros, passaste o grupo e fôste esperal-a ao alto, sorrindo-lhe.

Ha sim, uma Providencia para os namorados :— o Martinho era afilhado de chrisma do pae da rapariga. D'ahi apresentação á familia, e logo : intimidade. No adro déste o braço á Ritinha ; mostras-te-lhe o imperador quando elle sahia da igreja, com repiques de sino e foguetorio. Por seu turno ella mostrou-te uma Luciola que passava, sósinha, e que não encontrou nessa tarde o nosso Alencar para immortalisal-a. E perguntou-te quem era. Inventaste um pretexto para não responder. Pobre Luciola ! Ainda na vespera lhe havias dito entre beijos que a adoravas !

Depois, como a familia ficasse para o fogo, ficaste com ella tambem para o fogo.

Sempre que ardia uma nova peça, tinhas o cuidado de chamar a attenção dos *velhos* para

ella ; e quando os vias de cabeça para o ar, de bocca aberta, falavas de perto, de muito perto á Ritinha — do fogo... do teu amor. Compraste um *segredo* : era um sabonete em forma de coração ; abria-se, e dentro estava um bonequinho nú, deitado entre flores. Mostraste-o com um sorriso malicioso á moça. Ella corou e...

E d'ahi a onze mezes o seu coração abria-se tambem maternalmente para dar ao mundo um pequerrucho risonho, côr de rosa, o primeiro fructo do vosso amor.

....

Então que é isso, commoves-te ? Vamos, meu velho, sê forte ! Adeus. Até logo. Hei de encontrar-te no outeiro em que Antonio Caminha continuou piedosamente a santa obra de Ayres de Lucena, o ermitão da Gloria.

Naturalmente ficarás para o fogo.

Pois bem, um conselho : Quando algum rapaz, alegre e bonitote como tu foste, te mostrar com muito interesse o barbeiro de fogo ou o combate da fragata com a fortaleza, disfarça e olha para a tua Ritinha...

Mas se o rapaz lhe estiver fazendo o que tu fizeste á mãi d'ella, á outra Ritinha, neste dia, ha 35 annos, tósse ; tósse pr'a disfarçar.

Não te admire o não o veres dar-lhe o classico sabonete de coração com menino dentro. E' que isso passou de moda. Faltará o sabonete ;

mas de hoje a um anno ha de o teu velho coração abrir-se para receber a imagem de um pequenito.

Milagres d'esta Santissima Virgem da Gloria!

1888

PRIMEIRO DE ABRIL

Eram já oito horas da noite e elle ainda não chegara.

E, no emtanto, havia promettido ir vel-a muito cedo, logo que se libertasse do escriptorio!

— Que lhe teria acontecido? Porque não vem? perguntava Conceição, impaciente, debruçando-se pela centesima vez na janella e alongando os seus lindissimos olhos pela rua além.

E voltava para debaixo da luz macia da lampada e reencetava a leitura da pagina em que, debalde, havia duas horas tentava fixar a attenção.

— Ora adeus! Não te amofines. Elle ha de vir; dizia-lhe a irmã, tranquillamente embebida a ajustar os quadros de uma colcha de crochet, do outro lado da mesa.

— Mas isto são horas? Fazer-me esperar tanto tempo! Matar-me assim lentamente, com o peior dos supplicios! Ah! ouvi um ruido... E' elle!...

E corria á escada, pressurosa, agitando as rendas e as fitas do seu penteador de cassa e

PRIMEIRO DE ABRIL

Eram já oito horas da noite e elle não chegara.

E, no emtanto, havia promettido muito cedo, logo que se libertasse do ptorio!

— Que lhe teria acontecido? Por vem? perguntava Conceição, impacie bruçando-se pela centesima vez na ja alongando os seus lindissimos olhos além.

E voltava para debaixo da luz lampada e reemettava a leitura da pa que, debalde, havia duas horas tent a attenção.

— Ora adeus! Não te amofines. [illegible] tranquillamente vir; dizia-lh [illegible] uma colcha a ajustar o [illegible] outro la [illegible] oras? Faz

— M [illegible] tar-me a tant [illegible] supplicios e, [illegible] uid [illegible] pressurosa. E [illegible] penteado a [illegible]

— todos os dias. E, de mais, se eu quizesse, não me faltariam meios de enganar *Tolinha.*

(Era assim que elle chamava á amante nas horas quentes de amor e nas horas risonhas de idylio.)

— Isso sei eu. Mas hoje não, hoje é que você não me enganava.

— Com certeza ?

— Com certeza. Se eu estou prevenida ! Não enguliria nenhuma peta.

— Está bom, muitos parabens ; murmurou Eduardo, enrolando vagarosamente um cigarro, com o ar attento e risonho de quem está pensando em pregar alguma peça.

— Mas vamos, venha cá ; exclamou Conceição ; — e ella é que foi sentar-se juntinho do amante — diga-me, seu coisa ruim : — Onde esteve ? que fez hoje ? Por que veio a esta hora ? Ainda não me deu conta do emprego do seu dia. Vamos.

— Ora, se eu te disser a razão porque venho assim tarde, hoje, não acreditas.

— Conforme. . . Diga lá.

— Um duelo, filha, um diabo de duelo, em que estou mettido a contragosto, eu, o menos dueloso dos homens. . .

— Um duelo, ein? perguntou Conceição, fazendo-se muito séria. E porque meu senhor ?

— Ora ! coisas de imprensa ! uma pilheria mal interpretada. . .

— Sim, ein? e a carinha espirituosa e meiga de Conceição veio collocar-se com um momo graciosissimo deante da de Eduardo, que se revestira de uma seriedade tabelliôa.

— E as armas? — accrescentou. Pistola? Garfo? Cabo de vassoura?

— Ahi está, eu bem te dizia que não havias de acreditar...

O relogio bateu nove horas.

— Sabes, *Tolinha*, tenho que deixar-te...

Conceição endireitou rapidamente o busto, os olhos brilharam-lhe e o lindo sorriso, com que havia instantes embebia de malicia a sua incredulidade, como que se lhe fixou nos labios, trocando a curva de alegria travessa por um quasi rictus de magoa. Momentos depois, disse a sua phrase habitual, que era o seu séstro: Sim, ein? mas com uma expressão de ameaça e despeito, que Eduardo conhecia perfeitamente.

— Sim, de certo. Tenho que tratar do duelo. Não sei o que resolveram entre si os padrinhos.

— Gaiato! Para primeiro de Abril já chega; disse lá do seu canto a voz calma e conciliadora de Dolores, que previa alguma borrasca imminente.

— Deixa-o lá. Eu hoje não me zango. Resolvi não me zangar. Estou tão contente!...

— Sim, ein ? interrogou Eduardo, arremedando-lhe o séstro.

— Sim, senhor, muito, muito contente ! e sacudiu o corpo sobre o canapé, batendo as palmas.

— Tens razão. E' verdade : Não era hoje que elle tinha de vir ?

— Elle ! elle quem ?

— O doutorzinho que veio de S. Paulo, de proposito para ver a senhora.

— Aquelle idiota ?

— E', aquelle idiota, que a senhora recebeu. . .

— Que eu não podia deixar de receber. Um cavalheiro correcto, bem vestido, que me procurava, que me mandava o seu cartão e pedia-me o favor de admittil-o a falar-me. . . Eu não sabia do que se tratava. . . Mas logo que lhe percebi as intenções, desenganei-o formalmente. . .

— Sim, tão formalmente, que elle prometteu voltar.

— Peior. . . peior. . . Eu já te disse que não quero zangar-me.

— Mas responda-me a isto : se a senhora, o tivesse desenganado, como diz, elle prometteria voltar a vel-a ?

— Mas tenho eu culpa de que elle seja cara dura ?

— ... ou já teria vindo? perguntou Eduardo muito sério, pegando no chapéo, nas luvas e na bengala.

— Não veio, nem virá; exclamou Conceição, já irritada.

— Tenham juizo, não sejam crianças; aconselhava, do seu canto calmo de trabalho, a voz de Dolores, agitando trefegamente a sua agulha de crochet.

— Mas como ainda póde vir e eu não quero ter o desgosto de desmanchr o *tête-a-tête*, retiro-me.

— Pois retire-se e amanhã verá...

— Que verei eu amanhã, senhora dona Conceição?

— Faça o que diz e verá amanhã.

— Ah! percebo, ameaça-me. Já tardava. Como sabe que não cedo a ameaças, ameaça-me que é para eu ir-me embora e a senhora ter o pretexto de substituir-me... amanhã. Bem combinado, o plano. Muito boa noite. E Eduardo, sério como um defunto rico, estendia-lhe cerimoniosamente a mão.

Conceição estava pallida; os labios tremiam-lhe, e via-se que estavam gelidos; ergueu-se, de impeto, angustiada, indecisa no que fazer; os olhos enormes, limpidos, bons como os das ovelhas e das pombas, marejaram-se de lagrimas; mas, quando ia estalar o soluço da sua

immensa angustia, Eduardo apertava-a nos braços, gritando-lhe :

— Primeiro de Abril, *Tolinha*, primeiro de Abril! e suffocava-lhe o soluço com um turbilhão de beijos.

Ineffavel, nesse momento a physionomia de Conceição. Como na face de um lago se confundem os ultimos raios do sol com os primeiros brilhos das estrellas, as derradeiras sombras do crepusculo com os primeiros clarões da lua, no seu rosto espirituoso e meigo fundiam-se, em uma indizivel expressão, que nenhuma palavra de nenhuma lingua conseguiria reproduzir, a dor indignada e profunda de ha pouco com a olegria immensa, enlouquecedora do reconhecimento de que aquillo tudo fôra um mero "peixe de Abril. (Esta expressão "mero peixe" é pleonastica neste caso.)

— Ah ! Eduardo ! censurava do seu canto a voz bondosa e conciliadora de Dolores, enxugando as lagrimas na sua colcha de crochet — isso não é brincadeira que se faça.

Tambem eu cahi.

— Não disse ella que ninguem a enganaria hoje ? perguntou Eduardo, escondendo no peito, sob uma chuva de beijos a cabecinha encantadora, singelamente penteada, da amante.

— Mas podia eu prever que tu me enganarias mesmo brincando ?

E, disendo essas palavras, que eram o castigo de Eduardo, ella erguia para os d'elle os seus olhos lindissimos, em que boiava o amor na onda das ultimas lagrimas.

3 de Abril de 1892.

OS "VISIVEIS"

DO

RIO DE JANEIRO

O Rio de Janeiro, como todas as grandes capitaes, é uma cidade toda de apparencias, de *exterior*, de *casquinha*, e, portanto, de fundos mysterios, de miserias secretas, d'isso que os francezes chamam *bas-fonds*.

Eugenio Sue descreveu os mysterios de Paris, Ponson du Terrail os de Londres, Camillo Castello Branco os de Lisboa, e, como esses, outros muitos escriptores têm desvendado e virado á luz publica a parte intima e secreta d'essas e d'outras grandes cidades. Estão ainda por descrever os mysterios do Rio de Janeiro. Houve quem começasse essa empreza, mas arripiou carreira pouco depois de inicial-a.

Um dos mais importantes indicios das immensas riquezas existentes nessa mina a explorar é a grande quantidade de sujeitos que aqui se encontram com excellente aspecto, com magnifica representação, vestindo bem, fumando superior tabaco, com credito aberto em casas de commercio, sustentando—ou parecendo

sustentar — mulheres de preços altos, sendo vistos frequentemente com dinheiro na mão, e a respeito dos quaes difficilimo senão impossivel é obter-se resposta a estas questões: Quem são? De que vivem? De que fontes lhe vem o dinheiro com que se vestem, com que se perfumam, com que se alimentam, com que se entregam ao goso de todos os vicios elegantes e dos que se não confessam?

Mysterio! Mysterio insondavel!

Ninguem lhes conhece emprego, nem profissão, nem industria. De muitos sabe-se que são de familias pobres; conhecem-se-lhes parentes miseraveis. Entretanto são sempre encontrados nos botequins, nos theatros, na sociedade emfim, onde a gente se diverte... pagando.

Um bello dia desapparecem — para reapparecerem tempo depois, algumas vezes mais bem dispostos e apatacados do que antes, outras no mesmo estado anterior, e ainda outras — nas estações policiaes, no banco dos réus, ou no necroterio, para cujas mesas lugubres vão transportados com a cabeça furada por uma bala, com o ventre roto á faca ou asphyxiados por submersão.

O numero d'estes desfechos tragicos é, porém, muito limitado em relação aos que continuam na mesma vidinha feliz e realmente milagrosa.

Boa parte d'esses mysteriosos visiveis — não a maior — tem emprego ou uma fonte qualquer de renda conhecida. Mas o mysterio continúa mesmo a respeito d'esses, porque as suas despesas são trasdobradamente mais avultadas que os seos rendimentos.

E' verdade que os desfalques, os alcances, as quebras e as suspensões de pagamentos explicam mais tarde — ás vezes muitissimo tarde — esse milagre estupendo, posto em moda pelo Christo com os cinco pães e os dois peixes. De enorme quantidade d'elles, não ha, porém, nenhuma explicação acceitavel.

Mysterio ! Mysterio impenetravel !

Nas grandes capitaes européas — como Londres e Paris — em que a policia — que é quasi perfeita — não se limita a caçar criminosos e descobrir crimes, mas occupa grande parte de súa actividade e dos seus meios de acção em evitar criminosos e previnir crimes — nessas cidades existem, é certo, milhares d'esses taes sugeitos ; mas a qualquer que vá á policia fazer as tres perguntas supraditas acerca de algum d'elles, a policia responderá promptamente, e tambem completamente quasi sempre. Aqui, na capital do Brasil, não é de admirar que esses mysteriosos o sejam para a propria policia, porque ella está organisada e montada de modo tal, dispõe de recursos tão exiguos, que

não pode sequer guardar a propriedade e a vida dos habitantes.

Gervasio Lobato e Jayme Victor escreveram a historia dos *Invisiveis de Lisbôa.* Quem escreverá a dos *visiveis* do Rio de Janeiro, d'estes mysteriosos que todos vêem, muito mais interessantes e muito mais temerosos do que os *invisiveis* da capital portugueza ?

POETOMANIA

Uma das calamidades permanentes que affligem esta cidade heroica—é a mania poetica.

O verso é o digno e respeitavel companheiro das subscripções, dos beneficios, das musicatas ambulantes, das loterias, das conferencias e das "manifestações."

Sem verso nada se faz, sem verso nada se arranja.

Não ha continuo de secretaría, não ha rapazola de collegio que não arranhe a lyra de quando em vez.

E' enorme, relativamente considerado, o numero de volumes de poesias, de todos os generos e tamanhos, que continuamente apparecem em nosso pobre mercado litterario.

Muitas vezes o volume compõe-se de uma unica poesia e não vae além da decima pagina!

Acredito que se possa affirmar, sem visos de paradoxo, que não ha brasileiro que não tenha em toda a sua vida perpetrado, pelo menos — uma estrophe.

Quantos poetas, quantos! não emergem diariamente dos *A pedidos* das folhas ? !. . .

O verso aqui é páo para toda obra.

Elle serve para celebrar os anniversarios natalicios.

Elle serve — para chorar os infaustos passamentos.

Elle serve — para saudar os nascimentos jubilosos.

Elle serve — para namorar.

Elle serve — para dar parabens.

Elle serve — para dar bordoada.

Elle serve — para arranjar noiva.

Elle serve — para arranjar empregos.

Em summa : Elle serve para tudo e para mais alguma coisa.

Faz annos um nosso primo, um amigo de nosso primo, o amigo de um primo de nosso visinho, a nossa noiva, a nossa mulher, a nossa tia, a nossa comadre, a comadre de nossa tia, a tia de nossa comadre ? faz annos emfim um parente, um amigo, um conhecido, um visinho, um desconhecido nosso ou de algum dos nossos ?. . .

Faz ?. . .

Pois então — lá vae verso.

Nasceu-lhe porventura um filho, a qualquer d'essas referidas pessoas ?. . . Verso.

Vae para a Europa ? Verso.

Foi para o outro mundo ? Verso.

Casou ? Verso.

Enviuvou ? Verso.

Quebrou a perna ? Verso.

Fez alguma coisa ? Verso.

Não fez coisa nenhuma ? Verso.

Em uma palavra : a proposito, sem proposito, por desproposito — todos fazem versos.

Em compensação — ninguem os lê. Quando digo "ninguem" está entendido que exceptúo sempre o poeta que faz os versos, o typographo que os compõe e — algumas vezes — a pessôa a quem se destinam.

Quando o individuo que deseja *deitar poesia* não pode fazel-o por falta de tempo ou de capacidade (este ultimo caso é rarissimo), dirige-se ao poeta mais proximo e encommenda-lhe a obra, que o encommendante quasi sempre apresenta depois como de lavra propria.

E não ha meio de se livrar a gente de semelhante *atracação.*

Que me desmintam todos aquelles que, como quem escreve estas linhas, teve um dia a infelicidade de receber, bem ou mal, o nome de — poeta.

Mas um d'esses martyres, aliás distinctissimo e muito popular, acaba de descobrir um meio eficacissimo de salvação para esses casos terriveis.

Estava elle um dia d'estes a trabalhar tranquillamente á sua mesa, quando lhe appareceu um individuo desconhecido.

Já se sabe : — Cumprimentos : "muita honra em conhecel-o" ; elogios : "grande poeta,

sublime cantor, inspirado vate"; um cigarro: "Não quer um cigarro?.." Ora acceite. Dar-me-á muita honra..." e por fim *zás*:

— Eu queria que V. S. me fizesse um soneto ao primo de minha mulher, que acaba de receber o habito da Rosa...

— Quem? sua mulher.

— Não, senhor, meu primo.

— Ah!...

— Espero que V. S. não recusará este grande favor a quem tanto admira o seu immenso talento, a sua illustração, os seus...

O aggredido empallideceu um pouco, mas, sem se perturbar visivelmente, disse ao seu amavel aggressor:

— Pois não! pois não! Quer apenas um soneto?

— Sómente um.

— Venha buscal-o amanhã.

O outro ergueu-se contentissimo e ia talvez beijar a mão ao poeta, quando este lhe disse muito tranquillamente, com a naturalidade de um caixeiro dando o preço de uma fazenda:

— Custa-lhe vinte mil réis.

O aggressor estremeceu, cambaleou, abriu a bocca...

— Não lhe posso fazer por menos; continuou o poeta. Tenho muitas encommendas e bem sabe que faço sempre obra boa.

— Sim, senhor, mas...

— Acha caro? Pois olhe, não é caro. Conhece o Machado de Assis? Pois elle não faz sonetos a menos de cincoenta mil réis cada um. O Luiz Delfino ainda os faz mais caros — setenta, oitenta, cem mil réis — conforme o trabalho; o Raymundo Corrêa fal-os a quarenta; mas, aqui para nós, não são melhores que os meus.

— E' que....

— Ha quem faça mais barato, é verdade. Isto de versos ha para todos os preços. O Pinheiro por exemplo, fal-os a tostão por duzia; de forma que o senhor póde arranjar um soneto do Pinheiro por menos de seis vintens. Comprehende? Eu não posso; por menos de vinte mil réis não posso.... Se quer...

O outro, o aggressor, estava como um sugeito cahido das nuvens. Jámais lhe havia passado pela imaginação a idéa de que tambem existisse entre nós semelhante commercio.

Quando conseguio falar, respondeu ao poeta:

— Eu... eu... eu vou pensar. E amanhã... Até amanhã.

E fugio espavorido, allucinado como um réprobo do inferno de Dante.

DEPOIS DO TRABALHO

AO DR. THOMAZ DELFINO

Se a profissão do medico é triste, não o é menos, muitas vezes, a do advogado.

Aquelle vive a apalpar, a esquadrinhar e a combater as miserias physiologicas e as podridões organicas; este vive a fazer o mesmo — com excepção de combater — ás miserias e ás podridões moraes.

Ha dias em que o medico volta da clinica dos hospitaes e da particular abatido e melancholico dos gemidos e lamentos que ouvio, nauseado do sangue e do pús em que teve de manchar as mãos.

O mesmo ás vezes acontece ao advogado.

Hontem foi para mim um d'esses dias. Passei-o todo na policia, em trabalho.

Comecei-o por um crime de furto.

Felizmente não tinha que defender o gatuno. Tratava-se de um alfaiate que, tendo recebido umas calças a concertar,—um ligeiro concerto na bainha,—havia ficado com o dinheiro que o dono das calças esquecera em um dos bolsos e não era pouco.

Crime banalissimo.

Terminado esse trabalho, fui chamado a outro.

Ao entrar na sala da delegacia comprehendi logo de que se tratava. O delegado interrogava uma testemunha — um rapaz alto, bem trajado e bem falante— e, sentadas junto da auctoridade, uma de cada lado, duas mulheres, mãe e filha, seguramente; aquella, magra, pallida, physionomia soffredora, olhos pisados de pranto; esta muito joven, dezeseis annos quando muito, bonita, corada, olhos negros, cabellos da côr dos olhos, lusidios e abundantes, penteados com elegante descuido em trança farta e dobrada, cabeça baixa, acompanhando com a vista os zig-zags que ia traçando vagamente no assoalho com a ponteira da linda sombrinha de cabo de ouro lavrado.

— Defloramento, não ha que vêr; disse logo, de mim comigo.

E não me enganava.

Um bello miseravel, um d'esses homens de lama, perfumados, *gantés*, delicados, finos, que devoram a honra das mulheres com a serenidade d'alma com que devoram *foie gras*, um d'esses adorados sevandijas namorou aquella interessante menina, conseguio ingresso na casa e ascendencia sympathica no animo da mãe, — uma pobre senhora doente, que quasi nunca abandonava o leito,— e seduzio-lhe, deshonrou-lhe a filha.

Gosou durante um mez aquella virgindade carnal, saboreou regaladamente aquellas primicias de goso, enganando a pobresinha com fementidas promessas de casamento e depois que, com o primeiro alarma do tedio, entrou-lhe n'alma o primeiro rebate da covardia, tomou um paquete e partiu, fugio para a Europa!

A misera mãe, absorvida pelos seus soffrimentos, tudo ignorava, e sómente soube de tudo por confissão que lhe fez a filha, quando, após oito dias de ausencia do seductor, veio a saber que elle havia partido.

Ergueu-se cambaleante, atordoada, parva de dor e espanto, e correu com a filha á policia.

Felizmente para mim, ainda d'essa vez cabia-me defender a parte fraca, o direito offendido, a victima do crime.

Quando sahi da policia era noite e chovia torrencialmente. Uma noite medonha! e eu sem jantar ainda! Atirei-me atravez das bategas d'agua, resolutamente, encharcando os pés, alentado apenas pela visão fagueira do prato de sopa fumegante sobre a toalha alvadia.

Meia hora depois, na sala de jantar fechada e tepida, no caricioso aconchego domestico, com os pés quentes e o estomago consolado, goleava lentamente o capitoso cafésinho, com o charuto ao lado da chicara e prompto á voz de fogo, ouvindo com delicias a monotonia enfarante da chuva a bater lá fóra, interminavelmente,

quando de subito, zás : *drilindindim!* O criado corre a vêr quem bate e eu ouço alguem dizer-lhe :

— Preciso falar immediatamente ao doutor.

Levanto-me, vou á sala de espera e dou com um homem grosso, de feições duras, a escorrer agua. Mandei-o sentar e dizer-me ao que vinha, e, emquanto elle se preparava para isso, examinei-o melhor.

Era um portuguez de cincoenta e poucos annos, forte, largo de hombros, suissas, a barba do mento por fazer, cabello grisalho e revolto, roupas grosseiras, mãos callosas. Os olhos, ingenuos e desconfiados, tinham um fulgor duro e agudo, de ponta de lança, que não lhes era certamente habitual.

" *Sôr* doutor, começou elle, eu sou um pobre diabo, que vivo do meu trabalho e não faço mal a uma mosca. Sou carpinteiro, trabalho no arsenal de guerra. Logo *deminhanzinha* engulo o meu café com pão e vou-me á labuta, para só voltar de tarde, ás cinco horas. Sou casado. Minha mulher é muito mais nova do que eu e é uma cachopa de encher o olho, palavrinha. Gordêta, fresca, olhos e cabellos nem bem pretos, nem bem loiros. . .

— Castanhos ; disse eu.

" E' isso, como quem diz castanhos, sim senhor. Um bocado bom de mulher, enfim; continuou elle. Ha oito dias. . . Ah ! esquecia-me

de dizer a *Vóssenhoria* que ella é minha sobrinha e foi mais por isso e por não ter mais o pae nem n'a mãe que eu a fiz minha mulher.

" Ha oito dias chegou de Buenos-Ayres um irmão d'ella, que lá vive ha muitos annos, tanto que só fala idioma argentino, e foi, como era natural, aboletar-se lá em casa, com a irmã. Eu recebi bem o rapaz. Pudera ! Meu sobrinho e, demais, é bem apessoado, não parece ser o meliante que alli está.

" Eu tinha na minha mulher uma confiança por ahi além, é bem de ver ; ella sabia tudo o que eu possuia, onde estava o oiro má'las notas, e tudo, em fim.

" Hoje sahi do arsenal á hora do costume e fui com uma fome de lobo invernado pr'a casa, com a agua a bater-me no lombo.

" Chego, abro a porta, entro e só encontro em casa uma pequenita que lá tinhamos para ajudar o serviço. Pergunto-lhe pela ama e pelo mano. Tinham sahido antes de meio dia ; elle primeiro, acompanhado por um carregador, que havia chamado, o qual levava um bahu á cabeça, e ella, depois, atraz, d'elle, com uma trouxita na mão.

" Fugiram ! E veio-me logo a idéa do furto. Corri ás gavetas da mesa. Abertas e vasias ! Tudo varrido ! — O oiro, as notas, a prata ! Cinco contos ! cinco contos de economias ! Oito annos de trabalho ! fui depois aos bahús : o bra-

gal estava pela metade. Tinham levado fronhas, lençóes, tudo o que havia de mais sup'rior em linhos e crivos. Roubado! Eu estava roubado! Corri á auctoridade: mandou que procurasse um advogado; indicaram-me *Vóssenhoria* e aqui estou eu."

Mandei-o entrar para o gabinete, e, emquanto escrevia um requerimento, ia interrogando-o, para firmar bem todos os pontos.

— Sua mulher e seu sobrinho estimavam-se muito, pelo que vejo.

— Demais, senhor doutor, demais!

— Como demais?

— Ai! *Vóssenhoria* então não percebeu ainda que elles eram amasios?

— Que! sua mulher e o irmão?!

— Sim, senhor. Eu só depois é que comprehendi tudo. Pois se a descarada tinha zelos d'elle que nem um moiro! E aquillo vinha de ha muito; que ella já havia ido passar uns tempos com o irmão, lá na Argentina. Eu deixára. Não sabia de nada! E o que custou para ella voltar! E foi ella voltar foi essa pouca vergonha que se vio.

— Mas é horroroso, homem!

— Qual, *sôr* doutor, vê-se tanto d'isto por hi além! Eu é que nunca pensei que me cahisse o diabo do raio em casa! E olhe que tinha a sua instrucção. Nada, mulheres não se querem muito sabias!

Quando, d'alli por minutos, fiquei só e, recostado na cadeira, em frente á banca de trabalho, acabava o charuto, rememorando os episodios do dia, senti no espirito a mesma tristeza e o mesmo cansaço, as mesmas nauseas de nojo invencivel que sente o medico ao voltar do trabalho clinico, trazendo nos ouvidos os lamentos e os gemidos de dôr dos enfermos, e nas mãos, debalde ensaboadas, a impressão repugnante do sangue, do pùs, das podridões em que mecheram.

Como é miseravel a *bête humaine!*

29 de Junho de 1890.

CHEGOU!

Hontem, cerca do meio dia, ninguem se podia mexer no largo do Paço.

Era um aperto de mil diabos. Cartolas circumspectas, de muito aprumo e pouco pello, fulgiam á crúa luz meridiana, derreadas sobre cabeças pensadoras, férvidas, um tanto calvas, suando patriotismo.

Abdomens respeitaveis, conservadores, offegavam tumidos, estufando os colletes, sacudidos de impaciencia.

De vez em quando um foguete, inopinado como um credor, explosivo como um calembourg, subia rugindo,saracoteando inflammado e, descrevendo uma curva elegante, estourava no alto, como um punhado de pipocas ao borralho.

E a multidão suarenta, amarrotada, levantava os papos ao ar, acompanhando a trajectoria dos foguetes com interesse, fazendo oscillar o oceano dos guarda-sóes abertos ; depois estendia os olhos apoplecticos por sobre as aguas da bahia, empalhetadas de sol.

E buffava — pachorrenta, cozinhando os callos ao mormaço.

— Uff ! gemia um chefe conservador, de barbas pintadas e sapatos de duraque.

— Uff ! respondia-lhe, em admiravel harmonia de opiniões, um outro chefe esbaforido, vermelhaço.

— Então ? então ? . . .

Era a pergunta que, com os bofes, atirava a cada momento um recem-chegado pela boca fóra.

— Ainda nada ! respondiam-lhe os visinhos, enxugando o suor das frontes.

Que fazia essa multidão sofrega, deante do mar, debaixo do sól ?

Esperava. . .

Mas esperava por quem ou porque ? . . .

Pelo Snr. conselheiro João Alfredo, que entrava a barra, de volta de Pernambuco.

Por fim — partiram as lanchas para receber de bordo o illustre senador. O resto do povo que não conseguio acamar-se nas lanchas, ficou no caes Pharoux, á espera. . .

O morro do Castello espirrou para o céu algumas duzias de constipados foguetes ; a charanga, cujos metaes derretiam-se, mais pela commoção do que pelo sol dos tropicos, entrou a buzinar tropegamente um dobrado ; os callos escandescidos suspiraram de esperança, os ventres encolheram-se, esvasiando o bojo das calças ; os pescoços esticaram-se na direcção do

Pão de Assucar ; os grossos rolos dos improvisos estremeceram nos bolsos e . . .

— Viva ! Vivôooo !

S. Excia. pousou o pé — naturalmente o direito — sobre as pedras do caes Pharoux.

S. Excia. chegava. . .

S. Excia. chegou !

D'ahi por pouco uma immensa bicha de povo, satisfeito e suado, colleava no largo do Paço, enfiando a cabeça pela rua do Ouvidor.

A cabeça era formada pela charanga, pelos homens dos foguetes e pelo grupo dos chefes, que levava, apertado ao centro, o illustre chegado.

Manda a verdade declarar que na cauda d'essa alegre serpente figuravam cidadãos, talvez muito conservadores, mas que levavam sapatos e chapéos muito mal. . . conservados.

Afinal, e como era de prever, toda essa gente fez o que costuma em taes casos : — dispersou-se.

E o illustre manifestado recolheu-se aos penates muito agradecido, muito lisongeado, muito satisfeito, mas naturalmente tambem muito. . . moido.

Applaudo a manifestação dos manifestantes e saúdo o manifestado.

Sou o primeiro a reconhecer que exerceram um direito, festejando a chegada do seu eminentissimo chefe, e que não deixaram, festejando-a, de cumprir um dever.

Mas o que não comprehendo, a falar com inteira franqueza, são as causas da ovação enthusiastica que acabam de lhe fazer.

Pelo que me disseram e pelo que li nas folhas de hontem, a razão unica de tanto enthusiasmo e de tamanho ruido foi o facto de S. Excia. haver... chegado.

Não me consta até agora que houvesse outro motivo. S. Excia. fez simplesmente, unicamente o seguinte : — chegou. Comprehendo que se fizesse outro tanto, como de facto se fez — e ainda mais — a Joaquim Nabuco.

Este não chegou apenas do Recife : — chegou de uma victoria esplendida, a victoria de uma idéa sublime. Mas o Snr. conselheiro João Alfredo chegou sómente de Pernambuco.

Emfim :— elles são conservadores, lá se entendem.

Mas o certo é que, alguns seculos mais tarde, quando se escrever a Historia do Brasil contemporaneo, entre os mais sublimes e assombrosos feitos heroicos, será certamente inscripto o seguinte : — chegar.

E o historiador exclamará, com a penna commovida e um arrepio na espinha :

— No dia 31 de Janeiro de 1885 S. Excellencia o Snr. conselheiro João Alfredo—chegou!

E os povos espantarrados repetirão, com assombro :

— Chegou ! ! !

OS POMBOS

AO MEIRA, BIBLIOPHYLO

O Marques...

Os senhores conhecem o Marques?

Conhecem; ora se conhecem!

E' aquelle rapaz negociante, magro, corado, com uns bellos olhos risonhos e uns bellos bigodes pretos; muito amavel, muito activo e muito sympathico.

Pois o Marques ficou muito surprehendido vendo chegar, no domingo passado, á sua casa, quasi todos os seus amigos intimos, — inclusive o Thomaz, seu socio, com a familia — e todos para jantar.

Tão surprehendido que mandou recado ao cosinheiro, avisando-o de que era preciso que elle apresentasse um jantar de primor.

O illustre Trompette da casa sahio-se bem do encargo e apresentou um jantarinho chic.

O Marques é solteiro, mas tem ainda mãe, uma santa velhinha, que tem uns setenta annos, mas que parecem apenas cincoenta — mas cincoenta dos fortes, dos sacudidos, dos que parecem quarenta — e duas irmãs solteiras.

O Marques, que é rapaz finorio e intelligente, desconfiou que alli havia dente de coelho... Mas que seria ?

Para descobril-o entrou a estudar as physionomias das pessôas sentadas em volta da mesa, posta com ar de festa. Uma das irmãs, ao encaral-o, entre-sorrio-se e corou.

Quasi na mesma occasião, o Ramos, para quem se havia voltado como instinctivamente, empallideceu e ficou sério. . .

— Hum ! Percebo ; matutou o Marques, disfarçando. E' hoje o pedido.

Apenas a physionomia de sua boa e querida mãe não revelava nada de extraordinario. Estaria simulando não saber do quer que fosse que estava preparado ? Resolveu experimental-a :

— Não se admira, minha mãe, de vêr hoje á nossa mesa tantas pessôas ?

— Não ; pois se tens tantos amigos ! Isto são finezas que te fazem estes senhores ; respondeu a boa senhora com o seu ar natural, perfeitamente tranquilla.

— Não sabe de nada ; — pensou o Marques. Mas que aqui ha cousa, d'isso é que não ha duvida. Que será ?

A conversa animava-se ; todos riam satisfeitos, em cordial convivio.

Começava a sobremesa quando o Thomaz... (Eu ainda não disse que este Thomaz é um

homem de excellentes idéias, sempre azafamado, muito emprehendedor e não menos malicioso; com uma physionomia de quem pensa muito em cousas sérias... quando não pensa em alegres. Pois digo-o agora.) Levantou-se, pedio licença e sahio da sala.

O Marques poz-se então á coca, dizendo á sua costelleta com hervilhas :

— Attenção : é agora.

Com effeito, d'ahi a instantes voltava seu socio. Sentou-se com um risinho maroto, que não podia esconder sob os bigodes, e pouco depois ouvio-se um farfalhar de azas, um ruido de pennas. Dois pombos brancos ergueram o vôo, parecendo sahir do peito do Thomaz, bateram as azas sobre a mesa e, sem forças, como que entorpecidos, cahiram.

Um d'elles abateu o vôo sobre o prato do Ramos ; tinha ao pescoço, presa por uma fita cor de rosa, uma cartinha.

O Ramos, um tanto atrapalhado, pegou no pombo e atirou-o para cima de uma das irmãs do Marques, justamente aquella a que me referi. A moça, muito rubra, com os olhos humidos, mas muito risonha, desprendeu a carta e, depois de olhar-lhe para o sobrescripto, disse :

— E' para a senhora, minha mãe.

— Para mim ?

— Se me permitte, lel-a-ei; acudiu o Thomaz. E, a um aceno da velha, abrio a carta e leu em voz alta:

" Minha senhora, quereria V. Exa. ter mais um filho, que a adorasse respeitosa e dedicadamente? Se o quizesse, eu seria esse filho. Accedendo, faria felizes dois entes que a estremecem."

— Assignado — Ramos; accrescentou o Thomaz.

A destinataria, não podendo responder com a voz, porque o pranto lh'a interdizia, acenou affirmativamente com a cabeça e estendeu as mãos altas, abertas, na direcção dos noivos, como esboçando uma bençam.

Já se sabe o que se seguio:—commoção, parabens, risos, lagrimas, muita festa p'ra festa, de cá p'ra lá e de lá p'ra cá.

— Ah! senhores marotos! exclamou, radiante, o Marques. Puzeram-me cinza nos olhos. Eu bem desconfiava de que a cousa era para hoje, mas como sería é que eu não sabia. Sim, senhores, fizeram-n'a bem feita.

— As honras da obra cabem alli ao Sr. Thomaz; disse o noivo.

— Pois dou-lhe os meus parabens. Mas eu me vingarei da peça, comendo os pombos com arroz.

— Pois não! acudio logo a noiva. Matal-os, comel-os! a elles, que foram os portadores da

minha felicidade! Isso nunca! e beijava-lhes carinhosa, como que reconhecida, as finas pennas alvissimas, mas não tão alvas como a sua alma immaculada de irmã e filha amantissima.

— Eis o que se pode chamar uma bella surpresa! exclamou o commendador F., que até alli estivera calado, tão calado como o peixe com que começara o jantar.

1887.

UM CAVALHEIRO

De uma vez que fui á Detenção visitar um detento meu patrocinado, tive a honra de conhecer um cavalheiro distincto, tão distincto que nunca mais poderei confundil-o com outro.

Eis como :

Um dos empregados, munido da respectiva ordem, entrou na enorme prisão ; ouvio-se um trilo de apito, depois outro e mais outro ; momentos depois sahio, acompanhando quatro ou cinco sujeitos da peior apparencia. O da frente era um italiano velho, sem chapeo, trazendo nos pés umas cousas que, por muito tempo, deviam ter sido sapatos velhos ; e com uma cara á qual seria inutil pedir noticias de agua. O segundo, um preto meio branco, quero dizer meio velho, com uma perna de páo e um olhar de gatuno... que não lhes conto nada. O terceiro era um sujeito muito magrinho, muito sujinho, muito feiinho, muito implicantesinho ; d'esses que, sem o saberem nem quererem, estão pedindo ás nossas botinas um . . . pontapésinho.

Mas d'esses cavalheiros o mais interessante, o unico realmente notavel era o ultimo.

Que typo ! Estatura regular, magro, corpo leve e esguio, e uma cabeça . . . (Como não ha receio de que me ouça a guilhotina, posso falar da cabeça do homem...) Uma cabeça adoravel ! diria Mr. Deiblér. Grenha basta, hirsuta, melenosa, rica de romantismo e, provavelmente, de piolhos tambem ; cara livida, chupada, cheia de cravos e manchas ; barba escassa e inteira, terminada em ponta ; no queixo uma enorme espinha de caracter tão máo como o seu feliz proprietario ; nariz adunco, em bico de abutre ; bocca desdenhosa, com alguns dentes, mas pretos ; olhos castanhos, longos, pouco abertos, escorrendo preguiçosamente para os lados uns olhares em cuja composição entravam, em partes iguaes, a maldade da raposa, a lascivia do bóde e a esperteza do mico. Agora a "toilette" : sapatos que tiveram verniz, mas moldando, ainda com certa elegancia, uns pés pequenos ; calças de lona largas, muito roidas pelos tacões ; sobrecasaca sebosa, amarrotadissima, mas correctamente abotoada com os poucos botões restantes; collarinho negro de immundicie, espontando de um "plastron" sem côr definivel. Como não se lhe viam os punhos, era de crêr que não tivesse camisa. Chegado á porta da Detenção, espreguiçou-se, esticando os braços, e, piscando os olhos, como feridos pela luz do sol, que innudava a rua, exclamou, dirigindo-se ao porteiro :

— Estou estranhando tudo isto. Ha que tempo eu não via uma rua!

Depois, mirando a roupa, e lançando ao cucuruto da juba o pequeno chapéo deformado:

— Estou immundo. O diabo é que não sei onde estarão as minhas cousas. Que canalha esta gente da Detenção! Furtaram-me tudo. Qual! com gatunos não se póde viver! Olhe, creia o senhor, — accrescentou, dirigindo-se a mim — nesta casa um homem limpo e serio como nós (como nós — o biltre!) até aprende máos costumes!

— Mas porque o metteram cá?

— Injustiças! D'aquella vez eu não tinha feito nada. Quando faço alguma das minhas nunca sou preso e quando não faço é isto... E' pr'a vêr! Agora vou mudar de roupa, pôr-me decente e depois vou queixar-me ao chefe de policia.

Dizendo isto, enterrou o chapéo na cabeça, metteo as mãos nos bolços e partio, gingando com distincção.

D'ahi a pouco, ao passar por uma venda, encontrei-o á porta, fumando e conversando com dois amigos.

— Boa tarde, doutor! e fez-me uma barretada muito cortez.

— Adeus, cavalheiro; respondi-lhe... abotoando o paletot.

1885

SCENAS DE BONDE

Provavelmente — com excepção do autor — ninguem mais se lembra de que escrevi, ha tempos — não ha ainda um seculo — a Physiologia do bonde.

Tranquillisem-se : não vou reeditar aquella calamidade ; mas apenas registrar duas scenas observadas no interessante vehiculo.

O bonde é uma das mais abundantes fontes de observação.

No bonde revellam-se mysterios e caracteres ; apanham-se segredos e physionomias ; descobrem-se bellezas intimas, primores occultos e consciencias em delicto ; delicadezas de alma e villanias de procedimento...

Um observador, egualmente profundo e dissimulado, apprehende muitissimas cousas interessantes, copiosos apontamentos para estudos de costumes.

Hontem, num bondinho, surprehendi na formosa cabeça de uma das nossas mais admiradas formosuras... um cabello branco ! Estava ao meu lado, e, ao contemplar-lhe o harmonioso perfil, entrevi o perfido, alvejando, meio occulto na madeixasinha que contornava a orelha, cahindo-lhe sobre a tempora.

Livre-me Deus que ella venha a sabel-o : suicidar-se-ia, a vaidosa, que sonha a vida uma primavera eterna !

Ha dias assisti a duas scenas que me magoaram. Pequeninas maldades... de bonde, já tão triviaes que passam despercebidas.

Em um dos bancos ia sentado um velho. Era um magistrado : conhecia-o.

Subio para esse banco uma senhora, visivelmente muito pobre, com um filho de cerca de cinco annos. Sentou-se ao lado do velho e poz o pequeno, em pé, na frente d'ella. Mas o pequeno — coitado ! — queria sentar-se ; a mãe reprehendeu-o, forçando-o a conservar-se de pé. Então o velho pegou da criança, carinhoso, e sentou-a entre elle e a pobre mulher.

Momentos depois acudio o conductor para receber a passagem da criança, pois a mãe já tinha pago a sua. Então o velho juiz pediolhe com muito bons modos :

— Deixe a criança ir sentada...

— Não posso. As crianças, sentando, pagam passagem ; respondeu auctoritariamente o conductor.

O menino olhava para o velho supplicemente ; e elle, desesperançado da piedade do conductor...

— ... tirou um nickel do bolso e pagou a passagem do menino.

Qual ! amigo leitor. Pegou nelle e pol-o de pé, na frente da pobre mulher, em cujo olhar poderia lêr o austero juiz — se não fosse tão myope. . . de coração — esta queixa magoada :

— Para que deu ao meu pobre filho a esperança de um goso — se não lhe queria dar esse goso ?

A outra maldade foi um pouco mais grave.

Num bonde da Lapa, das 6 da manhã, repleto de pessoas que iam ao banho de mar, ia uma velhinha cega, que, quasi ao fim da viagem, perguntou lastimosamente :

— Já estamos na rua dos Barbonos ?

O conductor respondeu brutalmente que — sim.

O cocheiro travou o carro com máo humor. E a velhinha :

— Ai de mim ! quem me faz a caridade de me levar até á porta de minha casa ? E' tão pertinho !

— Desça ; gritou o conductor.

— Mas eu sou cega, meu senhor !

— Pois quem é cego aluga um guia ; resmungou o cocheiro.

Então um moço que estava ao lado d'ella, na ponta do banco, apeou-se e desceu a velha. Esta, sentindo-se na rua, agarrou-se-lhe á mão anciosamente, chorando :

— Pois eu hei-de ficar no meio da rua ?

O moço desvencilhou a mão dos dedos crispados da velha, e subio novamente para o banco, deixando-a sósinha, tremula, tacteante, no meio da rua. Houve então um passageiro que desceu em soccorro da céga ; mas quando chegou junto d'ella já duas senhoras, que iam no bonde e estavam no mesmo banco que ella, se tinham apeado e lhe davam o braço, uma de cada lado.

Sentirá ainda, por ventura, na mão, o tal moço, como um remorso, a sensação dos dedos magros e duros da infeliz céguinha ?

Duvido.

1888

UM ROMPIMENTO

A JOSE' FILINTO DA SILVA

Aquillo seria doloroso, horrivelmente doloroso, mas era necessario.

Ella já o não amava. Dissera-lh'o em face, — é verdade que entre prantos e soluços e beijos — mas, emfim, dissera-lh'o !

E uma mulher quando ama não diz, não póde dizer ao seu amado : — Não te amo ; a não ser que alguma causa extraordinaria e incognita a obrigue ao medonho sacrificio da propria felicidade.

Ora, semelhante causa não podia existir. Logo...

E assim raciocinava o pobre Lucio Vaz, luctando, em uma insomnia terrivel, com mil pensamentos contrarios, qual mais duro e mais frio.

Ora procurava illudir-se, convencer-se de que tudo aquillo era um sonho, de que ella nem lhe havia dito que o não amava, nem lh'o havia escripto. Baldado empenho ! A verdade entrava-lhe pelo espirito como a luz de um lampeão por um corredor até uma sala em trevas.

Só o que tinha então a fazer era enviar-lhe por um amigo, pelo Carlos, todas as cartas que d'ella recebera e aquella rosa que ella lhe dera num baile, já fanada pelo calôr do seu casto seio de pomba, e as outras flores, o retrato e a madeixa dos seus cabellos negros, tão negros e tão bellos!

Foi buscar tudo isso que, de thezouro que ha pouco era, passara a ser um espolio triste.

Releu muitas d'essas cartas, umas pequeninas, dizendo apenas :—"Amo-te!"—outras extensas, minuciosas, contando-lhe sonhos, idylios, planos de futuro, esperanças de felicidade.

Porque lhe escrevia tudo isso, se o não amava? Porque? E para que?

Talvez um capricho. D'ahi quem sabe? é possivel que ella fosse leal e sincera, e, tendo reconhecido emfim que o não amava, houvesse resolvido confessar-lh'o francamente, honradamente.

Se assim tivesse sido, elle só lhe devia ser grato, pois evitou um casamento provavelmente infeliz, por não ter por base o amor.

Onde a verdade?

Ah! elle daria gostosamente alguns annos de vida por penetrar-lhe no coração, devassar-lh'o, surprehender-lhe toda a suspirada e cruel verdade!

Que enygma a mulher! Que sphinge! Para ella o riso e a lagrima tanto servem á

dissimulação como á sinceridade, tanto são documentos da verdade como armas da mentira.

E a noite continuava a deslisar serena e friamente, apenas interrompida em seu formidavel silencio negro pelo badalar das horas.

Contemplou-lhe o retrato. Como era bella! Que olhos enfeitiçantes! E que sorriso! E podia mentir aquelle anjo! sim, porque ella mentio — ou quando disse que o amava ou quando lhe declarou que o não amava. De qual das vezes mentira? Que lhe importava sabel-o, se com isso nada teria a ganhar? Tudo estava acabado.

Do seu castello feérico de illusões, de sonhos e de esperanças já não restava sequer uma pedra, nem mesmo um vestigio da sua existencia, tão curta! Tudo acabado!...

E a cabeça cahiu-lhe sobre o monte d'aquellas amadas reliquias de que se ia separar, cahiu-lhe fulminada de dôr, convulsionada de pranto. E assim chorou longamente, longamente. . .

Quando entrou o dia a raiar no Levante, raiou-lhe uma esperança na alma tempestuada e dolorida. Ergueu os olhos humidos, illuminados por um sorriso, e os seus olhos encontraram-se com o primeiro olhar do sol, com o primeiro sorriso do dia.

E cambaleante, em frente da janella, murmurava como em segredo :

— Se me amar, não acceitará as suas cartas nem me devolverá as minhas. E' o meio de desvendar o mysterio.

E, vivificado por aquella encantadora esperança, reuniu tudo em um pacote, atou-o com uma fita, e, como os canarios começassem o seu matinal concerto, entrou a cantar tambem.

Havia mais de uma hora que o Carlos havia levado o precioso volumesinho, e Lucio esperava-o, impacientissimo por conhecer o resultado da sua delicada missão.

Eil-o que chega, emfim.

Traz um pacote em uma das mãos ; mas não o mesmo que havia levado.

Vendo-o, Lucio sentiu como que uma punhalada no coração.

— Aqui tens as tuas cartas. E nunca mais me incumbas de semelhante missão.

— Porque ? Incommodaste-te ? Chorou, talvez ? Queixou-se ?

— Não ; exactamente pela razão contraria.

— Como ?

— Estava fresca como uma alface. E quando me entregou isto — ria-se !

O pobre rapaz tornou-se livido, ia ter uma vertigem. Mas o amigo segurou-o com força pelos braços e gritou-lhe alegremente :

— Oh ! idiota ! Não desmaies. E' contra os estylos. Quem deve desmaiar é a dama, a ingrata. Bem se vê que és caloiro em "rompimentos de amor." Anda d'ahi: vem pagar-me uma taça de champagne. Vamos beber á tua boa estrella que te deparou uma mulher que preferio desenganar-te, noivo, a enganar-te — marido !

1887.

MEIO HOMEM

A CARLOS DIAS

Ha tempos, como passasse pelas *Folies Brésiliennes,* vi uns grandes cartazes estampados, em que se distinguia um homem sem pernas, tendo o pescoço e os braços envolvidos por grossas cobras. Era o Faria, engolidor de espadas.

Conheço-o ha muito tempo. Vi-o uma vez, em casa de uma familia, sobre uma mesa, introduzir pela guela, primeiro uma, depois duas, até quatro ou cinco pequenas espadas sem gume, até ao cabo, que era em forma de cruz.

Pouco antes d'essa perigosa operação havia o pobre homem bebido uma chicara de café: uma das espadas sahio-lhe da garganta manchada por aquelle liquido e uma outra manchada de sangue.

Em pequenito, aos oito annos—ou antes,—atrophiaram-se-lhe as pernas, em consequencia de um desastre; de fórma que hoje, que é já um homem de quarenta annos, tem um robusto tronco de athleta com formidaveis biceps e umas perninhas de criança, molles, inertes, que

elle traz suspensas de uma tipoia, locomovendo-se por meio das mãos. Lembra um sapo.

Trabalhador e brioso, chefe de familia além disso, resolveu ganhar o pão para sustentar-se e sustental-a, só por meio do trabalho. E assim foi. Fez-se acrobata, executa muito bem varios exercicios gymnasticos; educou cães e macacos; aprendeu, á custa de muitas dores e arriscando a vida, a engulir espadas; tem sido director de varias companhias de cavallinhos; e, ultimamente, vendo que precisava arranjar uma novidade, atirou-se ás cobras.

Como é que conseguio amansal-as e dominal-as, não sei. O que sei é que, movido de viva curiosidade, entrei no theatrinho das *Folies* e ainda estou arrepiado de horror e repugnancia pelo que vi.

Ao subir o panno estava em scena uma jaula longa e baixa; e dentro, somnolentas, enroscadas, algumas cobras. Instantes depois entrou o Faria, movendo-se sobre as mãos, com as perninhas na tipoia. Cortejou o publico e arengou-lhe uma commovedora falação. Disse que era um infeliz aleijado que nunca estendera a mão á caridade publica e que trabalhava para sustentar-se e á familia; que aquelle era o quarto espectaculo que dava, não tendo conseguido ainda, entretanto, cobrir as despezas feitas.

(Na sala, apezar de ser domingo, havia meia duzia de pessôas.)

E, finalmente, que no proximo sabbado daria o seu ultimo espectaculo, trabalhando com dez cobras — "toda a minha collecção" — concluiu elle.

E começou o trabalho sacando da gaiola uma grande cobra, que elle atirou desdenhosamente ao tapete, como uma bola, dizendo:

— Eis uma pequena salamandra.

Como para justificar o nome do mysterioso bactracio que Francisco I fez figurar no seu brazão de armas e que os poetas fizeram symbolo do amor — a bicha dirijio-se para os fogos da ribalta. Mas o Faria evitou-lhe o luminoso suicidio, trazendo-a a si.

Irritou-a quanto pôde; ella zangou-se e quiz mordel-o; mas por fim obedecia-lhe humildemente ao olhar e aos gestos, e negou-se a morder-lhe os braços e a cara.

Depois de immobilisal-a, magnetisando-a, foi buscar outra cobra, "a mulher de um jararacussú," informou o domador. A terrivel *mulher* bufou, pulou, colleou e picou no dedo pollegar da mão esquerda o pobre Faria, que se limitou a sacudir o sangue da mordedura. D'ahi a pouco a cobra estava mansa, obedecia-lhe como a primeira e não o queria morder mais — nem á mão de Deus Padre!

O mesmo com a terceira cobra. Por ultimo trouxe um respeitavel jararacussú. (O digno esposo da outra, naturalmente.) Que bicho, meus senhores ! Roncava como aquelle soldado da comedieta " A ordem é resonar " e bufava como quem é forçado a pagar o que não deve.

Havia poucos dias que o domador o comprára na Praça do Mercado.

Quiz-se fazer de fino com o Faria, a principio, mas afinal mostrou-se tão inoffensivo e bonacheirão como as outras cobras.

Para terminar a funcção, o homemzinho, depois de ter feito quanto quiz dos quatro ophydios — como se fossem d'esses de madeira com que brincam as crianças — mette dous d'elles dentro da camisa e na bocca as cabeças chatas dos outros dous.

Um espectaculo estranho, impressionador, esquisitamente horrivel.

Ha na roça uns homens, quasi sempre pretos velhos, que executam as mesmas proezas do Faria e aos quaes, como a este, uma dentada de cobra faz tanto mal como a de um borrachudo. Chamam-lhes — curados de cobra.

Como isso é — não sei.

Que aquellas cobras tem dentes não ha duvida, pois que uma d'ellas picou a mão do Faria, a ponto de fazer escorrer o sangue; que elle não lhes tirou o veneno tambem parece certo, porque elle pedio aos espectadores que lhe dessem um

cão ou um gato, um animal qualquer, para fazel-o picar por uma das cobras, garantindo que o animal morreria dentro de poucos instantes.

Parece-me que ha nessa historia dos "curados" alguma cousa de muito importante para a sciencia,— talvez a vaccina contra o veneno ophydico.

O que vi nas *Folies Brésiliennes* foi uma cousa extraordinaria, horrivelmente bella: metade de um homem a brincar com dez serpentes, zombando impunemente do seu terrivel poder. O Faria, esse meio homem, é um obscuro e sublime heróe: merecia figurar na grande obra de Tissandier—*Os heróes do trabalho.*

1888.

VELHOS SEM DONO

A FONTOURA XAVIER

Sempre que os encontro, isolados, silentes, meditabundos, entra commigo uma grande tristeza, sempre que os encontro,—os pobres velhos sem dono.

Pallidos, pallidos, a barba mal tratada, polluida a brancura sagrada pelo baforar do fumo ou pela immundicie do rapé, a alma a boiar-lhes morta nos olhos, como um cadaver que a onda marinha recalcitra em lançar á praia, e na face devastada essa tristesa morna, produzida pela ausencia do beijo.

Sinto o coração tiritante de frio sempre que encontro um d'esses velhos.

—

Ora é num banco perdido de jardim publico. Passam casaes arrulhantes de noivos, mal tocando a terra com os pés aligeros, mãos nas mãos, olhos nos olhos, alma na alma ; passam bandos garrulos e frescos de crianças, todas de branco, as roupinhas perfumadas de rosas, as faces perfumadas de amor ; passam velhos casaes pacificos, acompanhando os ranchos

buliçosos dos filhos; passa o operario que volta da officina para o lar, em que o espera a sopa gorda e quente, feita pela mulher, que os filhos atrapalham com suas travessuras; passam todos deante os olhos baços e frios do coitado — olhos em que a alma lhe boia morta, morta!

E elle, que não tem mulher, nem filhos, cujo habitaculo é frio e silencioso como um tumulo, demora-se na pedra do banco, esquece até o cansado corpo e vae matando o tempo a arabescar na areia as suas scismas solitarias com a ponteira da bengala, ou a chupar o cigarro.

Depois, quando a noite vae adeantada, os lampeões toscanejam como olhos amarellos de mochos, e o jardim vae ficando ermo, levanta-se, e, tardo, pesado, vae arrastando o corpo, sem força, sem vontade e sem destino.

Outras vezes é na porta de uma venda, de um botequim, de um antro qualquer. Elle está encostado ao humbral, a velha roupa rafada e cebosa, o chapéo deformado, as mãos vadias, o olhar incerto. De quando em quando entra e engorgita um cópinho de alcool.

Da vida, que borbota e róla rumorejante em ondas de povo aos seus olhos, da vida nada o interessa. São rebanhos de homens que trotam tumultuosamente para os seus destinos implacaveis. Fórmas que passam; mais nada. Não vae ali ninguem que o ame, que tenha

o seu sangue, que alguma cousa lhe seja.

Que passem, que se exterminem, que vivam ou que morram; tudo é o mesmo para o velho, para o pobre velho sem dono.

Não são de ninguem, esses desgraçados. Ah! sempre que os vejo, um frio me vara o coração como um punhal de lamina gelada.

Sinto uma impressão indefinivel de piedade e de horror.

Chegar ao termo extremo da vida e não ter um affecto! Viver sósinho num quarto de estalagem, numas aguas furtadas, entre quatro paredes frias, sem um beijo de filho sobre a face lavrada pelos desgostos e pelos annos, sem uma palavra risonha e consolante de companheira, sem um chalrar de netos trepados ás pernas, batendo com as mãosinhas nas faces do *vovô*; sentir-se só — só! — no meio de milhares de pessoas, naufrago sem salvação, votado á morte lugubre do afundamento silencioso e longo no pélago... Que horrivel, que miserando fim!

—

Que se passará nas almas d'esses desventurados?

Fatigados de viver, sem mais o engodo balsamico da esperança — que esperariam, no occaso da vida? — achacados e combalidos por todos os males da velhice, sem forças, nem animo, nem vontade para sahir ainda mundo

em fóra á caça da felicidade, suas almas precisam do calor macio de um affecto puro, do apoio robusto de um braço, em que sintam pulsar o seu sangue, do affago de uma voz amiga...

E nada têm de tudo isso que a sua velhice exige e reclama.

Estão sós no mundo. Sós!

São restos de homens, destroços ultimos de familias extinctas, disseminados aos ventos da sorte ou perdidos no oceano intermino da vida.

Para que viveram tanto? Que lhes resta, senão morrer?

Quando se chega a velho, a essa segunda infancia do homem, só se vive de amor, como a criança de leite.

Precisam de uma atmosphera de carinho as almas velhas, para não morrerem de frio.

—

A mim consterna-me e horrorisa-me esse espectaculo de velhos sem lar e sem familia, a vagar como fantasmas pelas ruas, prostituindo a sua venerabilidade nos logares publicos, a horas intimas, em que cantam os corações; e é quando os contemplo assim que vejo claro a cruesa brutal e fria da sorte, como uma vingança mysteriosa de deus irado.

São como cães sem dono, vadios e famintos; e famintos são, e da peior das fomes — a de amor.

Vão de esquina a esquina, de porta em porta, esmolando um carinho com os olhos tristissimos, que nem chorar já sabem ; e por elles passam esposas, mães, filhos, netos... e ninguem lhes dá esmola, ninguem !

Oh ! miseros, miseros !

Um dia, emfim, a doce e piedosa morte os extingue no seu isolamento sinistro, sobre um catre de hospital ou de mansarda, sem ouvirem choro, nem preces, esquecidos e sós, na medonha paz do absoluto abandono.

E no dia seguinte vão sósinhos para a cova, — sósinhos sempre! — sem deixarem uma saudade na terra !

—

Oh ! velhinhos sem dono, quando vos vejo as cãs desveneradas pela indifferença de todos, quando vos vejo vagando sem destino, arrastando os trapos de carne e de alma, que vos deixaram o tempo e a dôr, pelo pó das calçadas, pela abjecção das tavernas, nas horas intimas e doces em que os filhos affagam as barbas brancas dos paes e os netos trepam aos joelhos tremulos dos avós, tenho tanta pena de vós, o meu olhar é tão terno e tão commovido, que é impossivel não recebaes nelle um fugaz lampejo d'esse olhar de que precisa a vossa vida para não se extinguir injuriada pelo desamor dos homens !

Jan.—1893.

THEORIAS...

A GARCIA REDONDO

I

— Com que então o jury absolveu o Malheiros ?

— Que Malheiros ?

— Aquelle sujeito que em Maio do anno passado, tendo surprehendido a mulher em flagrante delicto de adulterio, matou-a e ao amante com alguns tiros de revólver ; explicou Tancredo.

— Ah ! sim, recordo-me. Mas não vi a noticia ; disse Frederico.

— Pois veio nas folhas. O jury reconheceu a justificativa da loucura transitoria — uma tolice ; mas a absolvição era justa, porque a condemnação seria immoral, tão provado ficára o adulterio.

Frederico ergueu-se da *chaise longue*, foi a um *guéridon* de fumante, tomou e accendeu um charuto; deu alguns passos pelo gabinete, com ar pensativo. Parou depois em frente do amigo :

— Queres que te fale com franqueza, meu caro Tancredo ?

E, a um signal affirmativo d'este :

— Pois bem ; acho que foi injusta e immoral a absolvição; que a condemnação do assassino é que seria justa e moral.

— Mas se o homem apanhou a mulher com a bocca na botija, como diz o povo ?

— Nem por isso lhe assistia o direito de matal-a e ao amante. O nosso codigo penal não reconhece tal direito. Não se trata da defesa da vida propria sem outro meio de garantil-a senão a morte do aggressor.

— Mas trata-se da defesa da honra, que vale mais que a vida ; replicou Tancredo.

— Tá, tá, tá... Não confundamos cousas distinctas. A vida é um principio absoluto, indiscutivel, quasi material. A honra, não ; é um principio discutivel e discutido, variavel com as edades, os povos, os climas. O que na França é deshonra não o é na Tartaria, na China ou na Zambezia. Além de que as leis offerecem e garantem outro meio de reparação, muito menos violento e muito mais efficaz.

— Qual ?

— O divorcio.

— Ora o divorcio ! E o marido ha de encontrar impunemente nas ruas, nos theatros, nos passeios a sua deshonra viva, e ha de supportar calmamente que o apontem na rua com

murmurios e cochichos infamantes ? Sou um teu criado !

Frederico arrastou uma das elegantes cadeiras de laca do gabinete pelo espaldar, marchetado de madrepérola, trouxe-a para defronte do divan em que o amigo se recostava, escarranchou-se nella e, sugando uma longa fumaça, que se desdobrou brancacenta no ar, perfumando-o, disse com voz calma :

— Ouve-me, Tancredo. Sou casado ha tres annos com uma mulher formosa, a quem amo e de quem me julgo amado...

— Bem sei ; interrompeu o amigo, acommodando o busto nas almofadas de setim azul claro, em que se destacava, bordado a froco de seda ouro velho, o monogramma do dono da casa : um F. e um M.

— De certo que o sabes, pois somos amigos ha dez annos e nunca tivemos segredos um para o outro. Mas se t'o digo é porque preciso estabelecer as bases da minha theoria sobre o adulterio. Se minha mulher, que eu adoro, me trahisse um dia, eu não lhe applicaria o *Tue-la* do casuistico Dumas filho.

— Nem ao amante ? perguntou Tancredo, com um ligeiro tremor na voz, que passou despercebido ao amigo.

— Nem ao amante. Não mataria a adultera, porque o adulterio é um crime que, no meu pensar, só deshonra, só infama, só envillece a

mulher. Se eu faço um contracto de sociedade commercial com um homem que julgo honesto e elle, trahindo-me, rouba-me, sou eu, o roubado, que fico sujo, deshonrado, ou elle, que é o ladrão? Elle, de certo. Como admittir, então, que a deshonra recaia sobre o marido? Pois não é este o roubado? Morta a adultera, o adulterio é enterrado com ella: viva, marcada com o ferrete ignominioso do divorcio por adulterio, o seu crime a acompanhará por toda parte, como um cão fiel, fechando-lhe todos os lares, justificando todas as investidas e propostas dos libertinos que a conheçam. Não se deve, portanto, matar a mulher, e, por conseguinte, tão pouco o amante. O crime é d'ella, e não d'elle. Um par de boas bofetadas ou uma roda de bons pontapés certeiros no centro de gravidade é quanto basta para ensinal-o a respeitar o quinto mandamento.

— Raciocinas como um jurista e um philosopho, que és. Eu, porém, que sou medico e sei menos mal o meu Claudio Bernard, o meu Lucas, o meu Vogt, encaro a questão por outra face, estudo-a de outro ponto de vista. Isto de matar ou não matar não depende das theorias que o homem adopta nem da philosophia ou religião que professa, mas unicamente, sabes de que? do temperamento. O Camillo mesmo diz isso, comicamente, num esboço de comedia que vem na *Bohemia do Espirito*. Leste?

— Não li.

— Diz elle, mais ou menos, isto : "Ha maridos que são enganados e matam ; outros ha que são enganados e... jantam." Tu jantarias...

— Tancredo ! E Frederico ergueu-se rapido com as faces afogueadas de vergonha e os labios tremulos de ira.

— Perdôa-me. Escapou. Mas essa revolta instinctiva prova que a tua theoria é falsa.

— Não prova tal ; mas sómente que não admitto insultos ou mesmo gracejos de máu gosto.

— Já te pedi perdão ; escapou-me. Bem sabes quanto te admiro o caracter e quanto respeito as tuas opiniões, por menos que as compartilhe.

Neste momento ouviram-se duas leves pancadas numa das folhas da porta do gabinete, que ficara entreaberta, e dava para o corredor, e logo em seguida uma deliciosa voz feminina, perguntando :

— Póde-se entrar ?

— Entra, Gabriellinha ; exclamou Frederico, indo á porta.

Tancredo ergueu-se rapido do divan, concertou o laço da gravata, compoz os cabellos e esperou de pé, esboçando uma attitude de respeitosa cortezia.

— Discutiam? perguntou a mulher do advogado, inclinando a fronte para os labios d'elle e estendendo, ao mesmo tempo, a mão ao medico, com um gesto de amisade.

Era uma moça de 20 a 22 annos, de estatura media, com uma cabeça graciosa e pequenina como a de uma rola. Morena, d'esse moreno claro e ardente das brasileiras do Sul, brilhavam-lhe humidamente os grandes olhos negros, alegres e bons, e a bocca pequena, mas de labios carnudos, tinha sorrisos que eram beijos vagos, que pareciam endereçados á pessoa que os olhos fitavam. O queixo redondo, cheio, com uma covinha, as orelhas roseas e bem feitas, e o cabello negro, ondeado, erguido da testa num penteado de encantadora singeleza, completavam a physionomia mais fresca, mais graciosa, mais tentadora que possa desejar uma mulher *coquette*.

O vestido, de uma simplicidade elegantissima, augmentava o ar garrido e innocente de toda ella.

Sentou-se á secretária do marido, na cadeira de rosca, e, fazendo-a dar uma volta, poz-se a brincar com um corta-papel de prata e marfim entre as mãosinhas macias, de unhas luzentes.

— Não discutiamos, conversavamos... respondeu-lhe o esposo, tornando a sentar-se.

— E a respeito de que ? e, voltando-se para o medico : O doutor perdôa-me a curiosidade, não perdôa ? E' tão propria das mulheres !...

— De certo, minha senhora. E' o seu maior encanto e a sua melhor arma.

— Conversavamos a proposito do Malheiros, aquelle sujeito que matou a mulher e o homem com quem ella o trahia.

— Oh ! que assumpto horrivel ! Antes discutissem politica.

E nesse momento não sorria.

— O Tancredo approvava a absolvição ; eu condemnava-a, por só reconhecer o direito de matar em legitima defeza.

— Basta ; o assumpto, além de tragico, não me interessa ; e, levando os olhos do marido para o medico, perguntou a este, sorrindo-lhe, isto é, beijando-o :

— Vae amanhã ouvir o *Othelo*, doutor?

II

Subordinada ao titulo DRAMAS DO ADULTERIO, impresso em versaes, na terceira columna da primeira pagina do diario *** de 26 de agosto de 188... lia-se a seguinte noticia:

" Uma horrivel tragedia acaba de dar-se nesta capital; mais uma dessas hediondas scenas de sangue motivadas pela traição conjugal.

" Infelizmente os personagens d'esse novo drama do adulterio pertencem á nossa melhor sociedade. O marido, vingador austero e implacavel da honra do lar domestico, conspurcado pela mais desenfreada luxuria, é o illustre advogado Dr. Frederico Mendes, uma das maiores glorias do fôro brasileiro.

" Narremos, porém, os factos, segundo as notas do nosso *reporter*, que temos á vista.

" O referido advogado e o Dr. Tancredo Lopes, clinico bem conhecido, eram amigos intimos: aquelle casado, solteiro este. Em dias da semana passada, fôra o Dr. Mendes a Ouro-Preto, no exercicio de sua profissão, viagem em que devia demorar-se oito dias, pelo menos.

" Ou porque o negocio que o levara a Minas tivesse tido solução mais rapida que a que previa o illustre advogado, ou por qualquer outro motivo que não conhecemos, o certo é que elle regressou hontem a esta cidade, inesperadamente, sem prévio aviso telegraphico, provavelmente no intuito de causar á sua esposa uma surpresa que julgava lhe fosse agradavel.

" Mal sabia o desgraçado o que o esperava no lar!

" Está situada a sua casa na rua Marquez de Olinda, n.º *** Chegando ás dez horas da noite á Estação Central, pois o trem viera com atrazo, tomou um tilbury e mandou tocar para casa.

" Desejando causar surpresa, nella penetrou pelos fundos, sem ruido.

,, Chegando á sala de jantar, deserta e pouco illuminada, viu luz no quarto conjugal e ouvio vozes e risos... Empurrou a porta... Momentos depois a casa, erma e silenciosa, resôou longamente com os estampidos horriveis de quatro ou cinco tiros de revólver.

" Quando a policia e populares a invadiram alguns minutos depois, attrahidos pelos tiros e pelos gritos, medonho foi o espectaculo que se lhes antolhou.

" Dois cadaveres jaziam prostrados no chão, banhados no proprio sangue. Eram o da esposa adultera e o do seu amante. Aquella fôra attingida por duas balas: uma no coração e outra no ventre ; e sobre o *peignoir* de *surah* de seda *vieux-rose* escorria fartamente o sangue.

" Seu amante, em mangas de camisa, estava estendido de frente, com o tronco torcido, tendo agarrada uma cadeira na mão direita, o que indicava que procurara defender-se. Uma bala atravessara-lhe a garganta, outra partira-lhe a clavicula direita. O grande espelho do rico *psyché* de pau-rosa estava feito em estilhaços.

" O Dr. Mendes foi encontrado num estado de grande excitação nervosa, passeando na sala de jantar com o revólver na mão, e excla-

mando ininterrompidamente: "Infames! Infames! Infames!"

O mais que se seguia não interessa: exame e remoção dos cadaveres, prisão do assassino, etc.

Mas o que a imprensa não publicou e é deveras interessante é que sobre a secretária de Frederico Mendes, sob um peso de crystal, havia um masso de provas typographicas e na primeira d'ellas lia-se o seguinte:

"NÃO A MATES!

(Resposta ao *Tue-la* de Alexandre Dumas filho)

ESTUDO PHILOSOPHICO, JURIDICO E SOCIAL

por

FREDERICO MENDES

Bacharel em direito e advogado nos auditorios do Rio de Janeiro"

Maio, 1894.

A CABEÇA DO ENGRAXATE

A ALFREDO PUJOL

— Oh ! Oh ! Acreditei que houvesses morrido ou... casado; exclamei ha dias, encontrando a meu amigo Duarte, (chamemos-lhe Duarte) á porta do hotel Novo Mundo, na attitude pensativa e suspeita de quem pensa no almoço.

— Por hora ainda não. Mas, se queres que te fale com franqueza, dir-te-ei que penso ha uma semana em casar com moça rica, porque é preciso que saibas : entre morrer pobre e casar rico prefiro a segunda hypothese. Acreditas ?

— Acredito; pois se tu és tão exquisito, tão differente dos mais !. . .

— E' que eu saio ao tio, como costuma dizer o Filinto...

— Mas por onde andaste, em que paiz estiveste ? . . .

— Olha, pergunta-me tambem, como o Thomaz Ribeiro á Judia, onde deixei o meu querido pae. . .

— Nunca estás sério, pareces-me um deputado, que só fala. . . e Moçambique.

— Desgraçado ! já vejo, pelo calimburgo, que voltas da Cafraria... e por isso... E fiz um gesto de fuga.

— Não fujas, é que ainda não almocei.

— Ah ! comprehendo. Muitos calimburgos devia ter perpretado o Ugolino !

— Pois vamos almoçar.

— Obrigado. Eu sou muito exquisito ; — só almoço uma vez ao dia. Mas acompanho-te. Conversaremos.

Subimos ao vasto salão luxuoso do Novo Mundo, onde havia uma penumbra discreta e silenciosa, estendida no recinto pelos reposteiros somnolentos e pelas empanadas cahidas, afflando ás brisas da rua.

Boiava no ambiente uma nuvem de perfumes quentes e misturados, em que ora predominava um cheiro macio de rosas frescas, ora um aroma ardente de acepipes *à la sauce piquante*.

E áquella doce meia luz alvejavam as toalhas das mesinhas, artisticamente dispostas em dous renques ao longo das paredes, em que luziam as finas pinturas pantagruelicas ; scintillavam os cristaes facetados dos copos e das garrafas, e os metaes espelhentos das baixellas tremeluziam, golpeando o ar de lampejos.

Passava de meio dia. Por isso poucos eram os que almoçavam ainda.

Aqui, um reputado capitalista, refestellado na cadeira, com o immenso guardanapo pendente da gola por sobre o papo, olhos humidos e resonhos, olhos de gastronomo em exercicio, estendidos e fitos sobre o dono do hotel, o conhecido Diogo, pacificamente sentado ao seu pequeno balcão lustroso, lendo a *Gazeta* e fiscalisando o serviço.

Ali, um popular corrector da praça, irreprehensivelmente vestido e comendo com a elegancia e a correcção de um gentleman, o guardanapo a meio peito, o garfo na dextra, seguro pelo cabo em tres dedos, apanhando com delicadeza a comida em pequenas porções, que elle ageitava com o pedaço de pão na mão esquerda ; no ilhoz da lapella uma *hypolitte jamin* deliciosa, de uma frescura, mimo e colorido inimitaveis pelo pincel.

Mais adiante, dois individuos em *vis à vis*, á mesma mesa : um deputado muito conhecido e um não menos conhecido engenheiro, emprezario de ferro-vias.

Este, ao contrario do companheiro, falava mais do que comia; e por varias vezes acudiu-lhe o *garçon* julgando-se chamado pelas pancadas sonóras que elle dava com o garfo na beira do prato, excitado pelo calor da conversa.

O deputado comia, comia... O engenheiro falava, falava...

De quando em quando um sorriso, engordurado no *ragout*, um meneio affirmativo de cabeça, um monosyllabo profundo, gorgolejado em *bordeaux*.

De uma vez em que o *garçon* acudiu, illudido pelos repiques da faca do engenheiro, o deputado voltou para elle o rosto e pediu :

— Mais outra meia garrafa do mesmo e mais gelo.

E accrescentou para o engenheiro, dando á physionomia uma forte expressão approbatoria e uma garfada no arroz de pato :

— Apoiado.

Em um angulo do salão, deante da mesa em que almoçára, e que um criado desservia, resonava um sujeito gordo, cara escanhoada inteiramente, e que não só por ella como pela volta enxovalhada que apparecia de sob a gola da sobrecasaca, se conhecia ser padre. Pendia-lhe do beiço, e nelle tremia nos estos da respiração, uma ponta de cigarro apagado. Zumbiam gulosamente as moscas em torno do calice, meio bebido, de *chartreuse*.

Sentámo-nos em uma das mesinhas mais illuminadas.

O Duarte percorreu a lista do almoço com o olhar torturado em duvidas, um olhar de philosopho ao esbarrar com a proposição de um problema terrivel e multiforme...

O *graçon*, habituado a essas lutas silenciosas, acercou-se ligeiro e sollicito, trazendo em soccorro das incertezas estomachaes do meu amigo a sua grande catalogia culinaria :

— Espetada á bahiana, *cervelle sautée*, fricandó de vitella, *du poisson frit*, *roast beef* ao espinafre, croquettes ao pirão de batatas, *ragout de mouton à la sauce normande*, *omelette aux fines herbes*, *du veau á la*...

—Basta, principe Cook! exclamou o Duarte, atordoado com tão sabia e tão longa nomenclatura. Eu não escolho. Rendo-me á discreção. Entrego-te o meu estomago, e com elle a minha consciencia, que é tudo quanto elle contém agora. Envenena-me á franceza, mas depressa.

O *garçon* inclinou-se com um sorriso de leitão assado e retirou-se presto.

Mas a meio caminho retrocedeu :

— Esqueceu-me a salada : qual prefere ? talos de alface, agrião, batatas, mexilhões, chicórea arenques, ou cabeça de vitella á italiana ?

O Duarte, que sorria a principio, tornou-se repentinamente sisudo, apprehensivo... Por fim, como o rapaz esperasse, semi-curvo, com o panno ao hombro, respondeu-lhe bruscamente :

— Qualquer, menos a tal cabeça á italiana.

E, calando-se, metteu a fronte entre os punhos, e assim quedou-se por instantes...

— Que diabo tens tu?... perguntei, intrigado com o incidente.

— E' que esse maldicto criado trouxe-me de repente uma lembraça terrivel, que eu julgava adormecida já...

— Sim? Temos então aventuras. Olha, bem sabes que sou um poço, não de sabedoria, mas de segredos. Portanto...

— Não é segredo. Vou contar-te o que é. Este creado falou-me em cabeça de vitella á italiana. Ora ha muitos dias que não me sahe da cabeça... uma cabeça italiana.

— Não comprehendo.

— Nem é facil. Ora imagina que encontrei hontem a cabeça do meu engraxate.

— Ainda menos comprehendo. Queres talvez dizer, auctorisado por aquella figura de rethorica, a metonymia, que permitte se tome a parte pelo todo, que encontraste o teu engraxate.

— Nada; o que eu encontrei não foi o Paschoalle, foi unicamente a cabeça do Paschoalle; e é isso o que me horrorisa ainda.

Olhei para elle com uns olhos em que lhe não era difficil ler este pensamento:

" Se me dissesses isto depois do almoço, vá; mas antes!... "

Elle leu-o sem duvida, porque me disse:

— Não são effeitos do *bordeaux*, que ainda não bebi.

O caso é extraordinario e daria ao Hoffman, ao Pöe, ao Baudelaire ou ao Machado de Assis um conto negro, um poema de arrepiar a calva do Padre Eterno ou uma bola de bilhar...

Nisso chegou o *garçon* com o primeiro prato, aromoso e fumante.

O Duarte cortou uma fatia de pão, prendeu o guardanapo ao collarinho e, tomando o talher:

— Pois bem ; disse-me. Vou contar-te como foi que encontrei, ha tres dias, a cabeça do meu engraxate.

E eis aqui o que o Duarte me contou :

" Eu sou, como bem sabes, começou elle, um homem methodico, methodisado, methodisante... O methodo em carne e osso. Posso exprimir em uma só phrase o meu systema de vida completo, moral, social, intellectual e domestico nesta phrase : " Trago tudo arrumadinho. "

" Olha, a minha convicção é que a consciencia é um armario. Deves saber que é infinita a capacidade dos armarios. Na consciencia, portanto, cabe tudo, desde que se saiba arrumar nella as cousas.

" Questão de methodo.

" A gaveta do sapateiro representa a anarchia do seculo. Eu detesto as gavetas de sapateiro.

" O cerebro humano nada mais é do que uma caserna-arsenal. E' mister que as idéias

estejam continuamente armadas em guerra, apparelhadas e agudas, léstas e attentas ao primeiro signal.

" Dado este, quer se trate de uma excursão hygienica ou de um exercicio disciplinar, quer de um combate em regra, é mister que os soldados saiam sem demora de suas cellulas, abandonando as circumvoluções respectivas, e marchem contra o inimigo, se inimigo houver.

" Pensamento capenga não forma.

" Arrumemos os nossos trastes na sala, os nossos papeis na gaveta e na cabeça as nossas idéias, proprias ou alheias: é indifferente. E' o que eu faço ha muitos annos e com immenso proveito. Deves ter comprehendido de todo este introito que eu fazia engraxar as minhas botas todos os dias e á mesma hora pelo mesmissimo engraxate.

"Quando, por acaso,—mas isso acontecia raramente,—eu, á hora do costume, não encontrava, em frente á respectiva e immunda caixa, o meu homem, mas um substituto, porque elle houvesse ido á fava, quer dizer ao almoço, ou por outro motivo, eu esperava-o pacientemente alguns minutos, se não tinha pressa; no caso contrario ia-me embora, com as botas por lustrar. Menos brilho nas botas, é certo; mas em compensação mais vintens na algibeira.

" Ainda hei de escrever um tratado sobre a influencia sociologica e a importancia moral

da graxa de lustro nas sociedades modernas. Demonstrarei que á proporção que se lustram as botas lustram-se as caras ; que a vergonha, que é o verniz d'estas, tem diminuido á medida que augmenta o verniz, que é a vergonha d'aquellas ; e, finalmente, que os homens brilham pelos pés, não pelos feitos. Poderia demonstrar-te agora mesmo, rapidamente, que o homem, á medida que vai descalçando o sapato da religião, que ha tantos seculos o incommoda, tem adquirido a religião dos sapatos.

" Mas estou conhecendo na expressão da tua cara que não é philosophar o que desejas, mas unicamente saber como diabo foi que encontrei um dia a cabeça do meu engraxate separada do seu honrado proprietario.

" Abandono, portanto, o assumpto do meu tratado e passo a tratar exclusivamente do meu assumpto.

" Havia dois... não ! mais de dois... havia tres annos que o Paschoalle era meu freguez, ou antes : que eu era freguez do Paschoalle. Entre as minhas botinas e as suas escovas havia-se estabelecido um pacto mysterioso e estreito.

" O Paschoalle não era um homem excepcional talvez; mas era notavel na sua arte.

" Dá-se com os engraxates o inverso do que se dá com os dias: succedem-se mas parecem-se.

" O Pascohalle era sórdido, mas sympathico ; immundo, mas estimavel. E' um erro

acreditar-se que sob uma camisa suja não possa palpitar um coração limpo. Reconheci-o estudando aquelle homem.

" E observando-o pacientemente, com olho de artista, como diz aquelle pintor do *Filho de Coralia*, cheguei a descobrir que aquelle homem era tambem um escravo do methodo, como eu. Mais um motivo para estimal-o.

" Paschoalle esquecia-se de almoçar, todos os dias regularmente, e, sempre que era possivel resistir ás impertinencias do estomago, não se lembrava de jantar.

" Em tres annos vi-o comer duas vezes: da primeira uma banana, da segunda uma codea de pão. Em compensação,—bemdita a lei das compensações! — comia as unhas e fumava.

" Alimentava-se com isso e com a febre da ambição.

" Era livido e hirsuto. Uma cabeça excellente para modelo de pintor; daria, á vontade do artista, mas egualmente bem, uma cabeça de salteador ou de asceta.

" Para que désse aquella seria sufficiente asperisar-lhe um pouco a expressão dos olhos, accentuando nelles o fulgor da cubiça e o fusilar da traição; para o asceta não fôra preciso mais do que esparramar-lhe pelas feições, endurecidas no trabalho e na miseria, as tintas macias da resignação profunda e da bondade mystica.

" Com a pallidez e as grenhas parecia talhado para bandido calabrez ; mas depois de barbeado e tosado em regra, desenfulinhada a cara e vestida uma sotaina decente, teria sido um respeitavel padre aquelle pobre diabo.

" Mas não passava de engraxador de botas, o misero !

" O que é certo, entretanto, é que era perito no manejo de suas armas.

" Ajoelhado nas pedras da rua e dobrado o torso sobre a caixa, todo entregue aos pés do freguez, suas mãos moviam as escovas com tal geito e presteza, que dentro em cinco minutos as botas do homem estavam espelhentas e luzidias como o carro de Phebo.

" Por isso é que eu o procurava sempre e por isso foi que senti grandemente a sua ausencia.

" Um dia não o vi no seu posto, nem a caixa. Perguntei por elle a um seu collega ; respondeu-me qualquer cousa numa algaravia rouquenha e cantada, de que não pesquei patavina.

" Mandei-o para o inferno e fiquei com as botas por engraxar.

" No dia seguinte ainda nada de Paschoalle. Não tive animo, comtudo, de entregar as minhas botas a outras mãos.

" Esperemos ; dizia-lhes eu. E ellas de feito esperavam commigo, empallidecendo, alquebrando-se pouco a pouco.

" Por fim como não apparecesse o meu homem e eu nada conseguisse saber do destino que o levára, e as minhas botas fossem ficando positivamente indecorosas, resolvi entregal-as a qualquer engraxate. Desde que me faltava o Paschoalle, era-me indifferente escolher este ou aquelle. Passaram-se dias ; esqueci-me, um pouco a principio e depois inteiramente, do emerito lustrador.

" Um bello dia, a convite de um amigo e a conselhos da curiosidade, que é extraordinaria em mim, fui á Escola de Medicina. A impressão que me causou o amphitheatro anatomico é innarravel.

" Tive nauseas, deante do miserabundo estado d'aquelles corpos, que foram humanos e que agora, inertes e desmembrados, desentranhavam-se complacentemente, com hediondo impudor, sob o escalpello frio dos estudantes ; e espantei-me da commpleta indifferença distrahida com que estes, de camisa arremangada e cigarro ao canto da bocca, iam cortando, furando e retalhando aquillo.

" Pareciam honrados alfaiates talhando em flexivel fazenda, com pericia e calma, um par de calças ou um fraque.

" Junto a uma das mesas de marmore, em que jazia inteiriçado o cadaver de um velho, convenientemente injectado para a lição do dia, conversavam um professor e um estudante, barbado e serio.

" Emquanto este começava a preparar a peça tranquillamente, manejando a tesoura e a lanceta, o outro occupava-se distrahidamente, como se estivesse a brincar com os berloques da sua cadeia, a puchar, fio por fio, os cabellos brancos do defuncto, obrigando-lhe a cabeça a agitar-se, produzindo assim um sinistro gesticular affirmativo, que me gelava de horror.

" Voltei o rosto ; mas no mesmo instante soltei um grito de espanto.

" Era monstruoso o que eu acabava de vêr! Foi tal o choque produzido em mim por aquelle subito espectaculo, que me cahiu das mãos o chapéu.

" O que vi foi isto : Em cima de uma outra mesa de marmore, ensanguentada, tão immunda que parecia haver servido para uma dissecção recente, estava collocada, firme sobre o corte horisontal do pescoço, na posição das "cabeças que falam"... a cabeça do meu engraxate !...

" Sim, era a cabeça do desgraçado Paschoalle ! Mais livida, mais magra e mais hirsuta do que nunca, tinha nos beiços roxos e duros um tragico sorriso de ironia pungente ; os olhos enormemente abertos, naturalmente porque algum estudante, por gaiatada, lhe havia cortado as palpebras mortas, eram fixos, vidraceos, perseguidores...

" E ao contemplar aquella cabeça conhecida, pallido, mudo e tremulo de doloroso

espanto, pareceu-me que elle movia os olhos, que me fitava e me estava dizendo, com a sua bocca ignobil, como outr'ora, no largo de São Francisco de Paula, batendo com as escovas sobre a tampa da caixa :

— " Bon giorno, frequés. Engraxate, engraxate. . . "

E o Duarte, calando-se, fechou os olhos, como para não ver o quadro que acabava de descrever, e de um jacto bebeu o borgonha que lhe restava no copo, com um gesto rapido, nervoso, como se tentasse afogar em vinho aquella maldicta recordação.

1886.

PARADOXO DO AMOR

A DONA FLOR

De uma senhora, distinctissima pela sua formosura e pelo seu talento, recebi, ha dias, uma carta, encantadora pelas graças do estylo e originalidade dos conceitos, da qual transcrevo o seguinte trecho :

" Fiz hontem uma descoberta que me affligiu profundamente !

" Fui ao Passeio Publico para sonhar com alguem, cuja lembrança está intimamente ligada áquelle jardim, não sei por que tão nosso...

" Que tem que o tinir das moedas a outros ouvidos o despoetise ? Para mim está ainda e estará perpetuamente sonorisado pela sua voz aliciante e perfida...

" E só, como sou, e triste, como vivo, é sempre pelo seu braço que caminho ali, por aquellas alamedas que me conduzem á felicidade, ao céo... — captiva da sensação aguda, quasi dolorosa do seu contacto; vexada, em flammas a face, sob a luz que a essa hora a todos allumia — hesitante ao encontro de um passaro, que á nossa aprpoximação canta ou

foge — emquanto o mar nos adormenta com o seu murmurio e as plantas puberes, cheias de inveja, suspiram...)

"Em um dos bancos descançava um homem muito feio, muito vulgar, sem asseio nem maneiras, com um *facies* traidor da mais revoltante bestialidade.

"Involuntariamente, olhei-o por varias vezes e notei que lia com muita attenção uma carta e que, por momentos, derramava-se pelo seu rosto o reflexo de uma irradiação intima, que o transfigurava.

"Pobre homem, pensei ; estará enamorado ?"

"Indelicadamente, passei rente ao seu banco — relanceei o olhar para o papel e li, ao alto, estas palavras : "Meu amor."

"Meu amor!" Seria possivel ? Meu amor ?

"Pois estas duas palavras, que eu só ouso pronunciar depois de ter molhado em lagrimas a minha voz, para que ellas desçam doces, muito doces, com vibrações de crystal levemente ferido, ao coração do meu amado — se elle o tem ; estas palavras sagradas outra mulher as conhece, outra mulher as pronuncia, outra mulher as dirige a um *Manél de Soiza* qualquer ?

"Ha então mais quem ame no mundo, vulgarisando o sentimento que é meu e que só meu imaginei ser ?

"Deus, ha mais quem ame e padeça neste frio fim de seculo?

"Eis ahi porque desde hontem sinto-me profundamente afflicta, vencida por uma tristeza acabrunhadora, que o peso da minha solidão augmenta..."

Essa descoberta inesperada, decepcionante, ha muito tempo a fiz eu e ha muito tempo egualmente soffro de havel-a feito.

Na quadra, que já bem longe fica, em que se sente o coração pulsar na germinação triumphal dos sonhos, das illusões e dos anceios, como o tuberculo fecundo de uma dhalia opulenta, quantas vezes não me quedei, amargurado e perplexo, na meditação d'esse caso animico: — "Todos amam, todos podem amar? E todos, egualmente, podem ser amados? Todos! Os que vestem de beijos a carnação rosea e casta da amante e os que a magôam e maculam com pancadas? Os genios como os idiotas? Os Narcisos como os Gwinplaines? Os limpos de corpo e alma como os que de alma e corpo são immundos? Todos, então?"

E eu ia sabendo que sim, que todos. Via mulheres, Junos pela belleza, Pallas pelo fulgor e cultivo do espirito, Venus pela volupia, arder de amor, debulhadas em lagrimas ou irradiando em risos, por uns homens de *facies*

egual ao d'aquelle que a minha illustre correspondente encontrou no Passeio.

E eu que, moço inexperto, bisonho *calouro* da vida, acreditava ser o maior homem do mundo, um favorito do céo, um raro, um excepcional, porque era amado e amava, comprehendi com desespero e vergonha que eu era, com isso e por isso mesmo, um vulgar, um banal, um qualquer.

Oh ! sim, a superioridade estava em não amar e, principalmente, em não ser amado.

A mulher perdeu cincoenta por cento—ponhamos isto em cifra para requinte da humilhação: 50 %—do seu valor aos meus olhos e ao meu conceito, desde que me convenci que a sua funcção unica sobre a terra é amar, que ella ama por instincto, por fatalidade constitucional, como mente, como trahe, como mata—inconscientemente, physiologicamente !

Deixei então de me orgulhar d'aquillo que, ingenuamente, eu considerava uma fortuna sem par, um divino assignalamento de excepção e de superioridade.

E quando via um imbecil ou um sujo envolvido pelo nimbo de uma adoração feminina, não mais o invejava, e pela mulher que se desangelisava descendo á ignominia d'aquelle amor, sentia uma repulsão incoercivel e uma infinita lastima...

Esse problema temeroso e desgostante, que tanto me trouxe preoccupado e triste e tanto entristece e preoccupa a mulher superior a quem devo o mimo inapreciavel d'aquella carta, tem egualmente occupado a attenção dos maiores psychologistas, antigos e modernos, e agora mesmo, no ultimo livro de um d'elles — a *Physiologia do amor moderno*, de P. Bourget,—lá o encontro, ao maldito problema, á pagina 25, nitidamente formulado, assim :

Qualquer homem póde ser amante uma vez, ao menos, em sua vida?

Eis como Bourget o estuda e resolve :

" Se raciocinarmos *a priori*, apoiando-nos sôbre a idéa de que a mulher é, por excellencia, um ente absurdo, illogico, impossivel de dirigir como de prever, deveremos responder affirmativamente.

" E, fazendo-o, o observador superficial triumpha ! Elle enumera os varios casos de boa fortuna acontecidos a manetas, corcundas, coxos, zanagas, cretinos, e — sujos ! Recorda os proverbios existentes a tal respeito : " Não falta nunca um sapato para um pé descalço." " Tanto vai o pote á fonte que lá fica um dia " e ainda mais estes : " Agua molle em pedra dura..." " Quem porfia mata caça." " A mulher não ama ao sapo, porque lhe não distingue o sexo." " Se só se amasse o bello, ai do amarello !" etc., e anedoctas, por exemplo : a do

chinez caido no *Hotel des Grands Hommes*, praça do Panthéon. Quando o *grande diabo* o atormentava, como diz o vulgo, aquelle subtil filho do Céo subia para um omnibus, sem precisar mesmo de comprar bilhete de correspondencia. Pois nunca lhe aconteceu chegar ao fim da linha sem ser colhido por alguma curiosa !

" Todavia, com um pouco de reflexão, é facillimo reconhecer que esses casos, por mais variados, apenas demonstram a seguinte banal verdade : *Os homens não são nunca bons julgadores das qualidades pelas quaes outro homem agrada ou desagrada ás mulheres.*

" O successo do maneta, do corcunda, do coxo, do zanaga, do imbecil, do sujo e do chinez prova que não é a esbelteza do corpo, nem o equilibrio dos braços, das pernas e dos olhos, nem o brilhantismo dos conceitos, nem o habito do *tub* quotidiano, nem a alvura do rosto que representa essa subtil qualidade necessaria que gera a seducção ; qualidade que ouvi um dia uma velha dama formular com simplicidade, mas precisamente.

" Estavamos em um salão e eu occupava-me muito com ella, pela razão de lhe estar namorando a sobrinha e em galanteria é como no bilhar : é preciso algumas vezes, para tocar a bola vermelha, visar a branca.

— Quem é aquelle senhor que acaba de entrar ? perguntou-me ella, mostrando um visi-

tante que penetrava no salão. Disse-lhe quem era. Ella applicou-lhe a luneta com attenção e disse-me com um ar satisfeito :

— Deve ser um bom amante.

"Naquelle tempo eu tinha alguns annos de menos e lembro-me que encarei a velha com profundo desgosto. Eu interpretara a sua phrase de um modo todo physico e aquillo espantou-me, porque o homem em questão, comquanto robusto e solido, com seus cabellos louros e a sua tez um pouco pallida, não dava a impressão de um d'esses fogosos "pagadores de juros accumulados," que fazem scismar algumas fortes mulheres casadas com franzinotes.

"Comprehendi mais tarde que aquella phrase de minqa tia... do lado esquerdo, significava outra coisa quando vi, com effeito, aquelle individuo apaixonado por uma mulher, infinitamente seductora, dispensar, para conquistal-a thesouros de energia e delicadeza, assedial-a, aprisional-a na sua côrte e fazer triumphar o seu namoro sobre o de rivaes a quem elle não se egualava nem em belleza, nem em fortuna, nem em espirito, nem em audacia. Era um *amante superior.*"

E, continuando na demonstração da sua these e na resposta ao problema, divide Bourget os amantes em tres grandes classes : os que nunca serão amantes, ou os *Excluidos;* os que o são em certa época de sua vida, devido a de-

termidadas circumstancias, e nunca antes nem depois, ou os *Temporarios;* e, finalmente, os que o são, o foram e o serão sempre, os unicos, estes, que merecem ser chamados *Amantes.*

A explicação é fina, é profunda, é sabia, é racional, é digna do delicado analysta do dualismo em amor, do autor de *Um coração de mulher,*— esse maravilhoso estudo da vida sentimental feminina; mas não consola os homens nem redime as mulheres do horroroso delicto de amar, temporariamente embora, homens indignos da ventura suprema de ser amados.

Eu comprehenderia que os taes amantes inferiores, os feios, os tortos, os relaxados, os estupidos, os tolos, fossem amados por mulheres egualmente dotadas d'essas *virtudes. Lé com lé, cré com cré;* como diz o povo.

Mas não, elles o são muitas vezes, *na maioria* mesmo *das vezes,* por mulheres que lhes estão incommensuravelmente acima pelos dotes do corpo e do espirito.

E' que um feio sabe ás vezes sorrir, um torto tem uma voz insinuante e melodiosa, um relaxado tem bonitos olhos, um estupido veste com elegancia, um tolo tem paciencia e é teimoso, etc., e basta uma d'essas insignificantes qualidades exteriores, secundarias, para dominar e vencer as mulheres mais lindas e mais intelligentes.

O amor é, portanto, uma chilra trivialidade, que não merece que por elle se derrame uma gotta de tinta e muito menos de sangue.

Idiotas — os que se suicidam por amor !

Já ouvi uma mulher dizer, envaidecida, sorrindo com ar de triumpho, que dois homens já se haviam matado por causa d'ella !

E sei de uma outra que foi gosar na Europa com *o amant du cœur* o bello dinheiro que extorquira docemente de um pobre diabo rico, que por ella se suicidou depois.

O amor, mesmo definido como o define Bourget — *o estado de corpo e espirito durante o qual tudo fica abolido em nós: no coração, no pensamento e nos sentidos—ambição, dever, passado, futuro, habitos, necessidades, só com a idéa de uma certa pessoa* — o amor, mesmo assim considerado, é uma fraqueza ridicula, um signal de inferioridade da especie, porque esse estado de alheiação completa do mundo, de absorpção inteira na lembrança de um ente, póde ser produzido por um homem que não limpe os dentes, que não saiba ligar duas idéias, como egualmente por uma mulher feia como a virtude ou tola como um calembur.

Todos podem amar, todos podem ser amados; esta é a verdade ! Que nojo !

Não me ames, pois, Dona Flor, flor de belleza, flor de talento, flor de pureza !

Não me ames, que se me amasses eu mais aborrecera, eu mais detestara o amor! Sim, porque o ser amado por ti, creatura olympica, que tens o genio de Pallas e a sensualidade de Venus na formosura serena e casta de Juno, ser amado por ti, eu, que naturalmente pertenço aos *Excluidos*, seria para mim proprio a prova mais eloquente, mais cabal, mais esmagadora, de que o amor é uma trivialidade chilra que todos commettem, na qual todos confundem-se.

Odeiemo-nos, antes!

O odio é santo, disse Zola.

Pëlo menos, é mais raro do que o amor, se não é a sua moralidade mais poderosa.

Odeia-me, Flor; que assim me distinguirás d'entre a turba-multa dos amados!

Que eu saiba que, emquanto as mulheres vulgares empallidecem á lua ou lacrimejam sobre os travesseiros, pensando nos seus *elles*, tu empallideces, franzes os sobr'olhos e se te esfriam as mãos crispadas e o teu pensamento me apunhala a imagem, implacavel, rancorosa, deliciosamente!

A mulher mais digna de amar um homem perfeito póde amar um imbecil... mas não poderá nunca odial-o!

Odeia-me, Dona Flor.

Janeiro — 1890.

LIQUIDAÇÃO

DE

FIM DE SECULO

Á JOÃO RIBEIRO

Como os grandes armazens, os formidaveis emporios commerciaes, como o *Louvre*, *o Bon Marché*, *o Printemps*, que, no fim de cada anno, fazem largas *queimas*, liquidam todos os artigos que ficaram das vendas annuaes a preços reduzidos, afim de metterem novo sortimento, e lançarem as novidades do anno, creadas pela imaginação inesgotavel dos artistas do panno, do vidrilho, da pluma, da fita, da renda, do movel, do *bibelot*, de todas essas mil e uma frivolidades importantes de que a vida moderna se nutre e brilha ; como os grandes emporios commerciaes no fim de cada anno, dir-se-ia que o Mundo faz tambem as suas liquidações no fim de cada seculo.

Um chronista parisiense observou ha pouco a proposito da morte de Wolff, La Pommeraye, bispo Freeppel e outras notabilidades recente-

mente mortas, que cada estação, em Paris, faz tambem a sua liquidação de homens.

Mas a do seculo é mais séria : é uma liquidação de povos.

Quem é o liquidante ? Deus & Filho, responderia o Guerra Junqueiro.

Vêde : por toda parte hecatombes, calamídades, catastrophes, em mar e em terra.

E' a morte por atacado.

Ha *alcaides* em demasia nos armazens do mundo.

E' preciso varrel-os, limpal-os da *camelotte*, preparal-os para o novo sortimento com que tem de abastecer-se o seculo XX.

Para esse effeito trabalha sem descanso a fouce da peste—não mais a modesta fouce mythologica da Parca, manejada pela sua mão esqueletica ; mas uma fouce de 100 laminas, movida pela força electrica. O cholera, a *influenza*, o typho, a variola, a tysica, voam devastadoramente através das steppes da Russia, dos valles da França, das montanhas da Suissa, dos areaes da Africa, das velhas cidades da Asia, das florestas da America, dos archipelagos da Oceania...

Mas não só a Peste faz a limpa.

Tambem a auxiliam : a Fome, pegando dos desgraçados mujiks aos milhares pela rugada pelle dos ventres vasios, torcendo-os como esfregões immundos e atirando-os estatelados

sobre a neve; o Frio, cravando punhaes de gelo, estyletes glaciaes e mortiferos, nos corações das mulheres, das crianças, dos velhos; o Mar, o velho traidor, o Pantagruel hypocrita, que simula enfartamentos para mais e melhor devorar; (o Mar, esse é que verdadeiramente liquída, tragando em minutos monstruosos cetaceos de aço e madeira, carregados de milhares de homens); a Guerra, mascarada em paz armada, esmagando nos campos, com a canceira dos exercicios, e nas casernas, sob o peso da disciplina, centenares de robustos mancebos, roubadcs á officina e á charrúa; o Suicidio, filho do consorcio maldicto do Tédio e da Sciencia, mettendo balas de rewolver nos cerebros mais valentes; a Nevrose, assumindo todas as fórmas, invadindo, pervertendo, estafando todos os orgãos,—minotauro moderno, producto de civilisações refinadas, fazendo nesteseculo sua mais abundante colheita, graças ás descobertas e invenções d'elle e ás suas necessidades insaciadas de goso e seus appetites insaciaveis, como diz o Dr. Gérard no seu famoso livro, *La Grande Nevrose*, diabolicamente illustrado por José Roy; o Amor, desnaturado pelo philosophismo absorvente e desorientado do seculo, despido de todos os primitivos encantos da simpleza d'alma e da confiança na mulher, reduzido a um steeple-chase frenetico de goso, physico e moral, desequilibrando os cerebros

pelo especulatismo psychologico dos moveis, das forças, dos destinos, analysando a pinça e a microscopio as mais tenues variações e modalidades da alma adorada, e resequindo, estiolando os corações pelo eterno decepcionamento do amor ideal e por atiral-os á louca empreza de procural-o em cada mulher que passa agitada, ferida do mesmo mal, correndo para o mesmo abysmo...

Quantas forças liquidantes do saldo de homens e coisas do seculo XIX ! O *crak* é geral.

Começa nos bancos e acaba nos corações.

O *crak* financeiro vai estourando as mais solidas fortunas na Russia, na Allemanha, na França, na America. Os millionarios acordam quasi mendigos, muitas vezes para adormecerem no somno eterno, esvasiando os cerebros a tiros de pistola.

O *crak* das finanças é seguido pelo das lettras. E' a bancarota do livro.

A Poesia fugio espavorida, não sabendo, não ousando cantar as cousas delicadas e puras do coração e da Natureza em meio do formidavel estarlhadaço das machinas, perdida nos meandros das florestas de ferro e aço da Industria e da Sciencia, fraternisadas para vencer o tempo e o espaço, dando ao homem o maximo das utilidades e dos gosos com o minimo de esforços e trabalho.

De que modo cantar como Virgilio, Anachreonte e Horacio as aventuras heroicas, a vida simples do campo e as travessuras do Amor, no mais renhido desta batalha cruenta e implacavel da vida moderna, tão material, tão positiva, tão dura? Musset previra-o, esse conflicto da Poesia com o scepticismo e a crueza do seculo.

E V. Hugo, que era um épico, não conseguio escrever uma verdadeira epopéia. Atordoada, estarrecida, tonta como a mariposa apanhada num globo de luz, a Poesia condescendeu a principio, para salvar-se, e deixou de cantar a Natureza, o Amor, o Heroismo, para celebrar o Sciencia, a Industria, a vida real.

Despio a chlamyde e a corôa de louros para vestir o avental do sabio e a blusa do operario.

Lastimavel e amesquinhada como Sansão vencido, occupado em mistéres infimos, melhor lhe houvera sido precipitar-se ao nada, abraçada á lyra impolluta, como Sapho, porque antes morte gloriosa que vida deshonrada. Essa mulher que por ahi anda cantando em verso a composição chimica da lagrima, a lei dos tres estados, o fabrico do pão, a cópula carnal e as proezas da nitro-glycerina e da melinite não é a Poesia, não; será, quando muito, a Rima.

O romance hoje não deleita nem instrue. Com Tolstoi e Dostoiewsky, como com Zola, Bourget e Maupassant, é sempre ou a historia da miseria humana, ou a aterradora obcessão do *au delà !*

Onde a Fantasia, o Ideal e a Graça ?

Tirar á litteratura essas tres forças o mesmo é que applical-as á Sciencia.

Mas o seculo é d'esta e não d'aquella. D'ahi o *crak* do poema e do romance ; d'ahi a decadencia de todas as artes. Sem duvida que os versos, os quadros e as estatuas de hoje são tão bem feitos como os de outr'ora, ou mais, concedemol-o.

Mas falta-lhes esse *quid* inexprimivel, que lhes dava o poder de atravessar os seculos e sobreviver ás gerações e se chamava — Ideal.

Não falei do *crak* dos sentimentos, da bancarota moral.

Quem a não vê ? quem a não sente ?

Felizmente a liquidação vae seguindo seus ultimos termos. Pouco mais de um lustro a transpor e o *sortimento novo* ahi estará nas colossaes *vitrines* do seculo vinte.

Tudo será mais brilhante e melhor, quer como fazenda, quer como fabrico.

Resignemo-nos a esperar pela renovação completa dos artigos de consumo material,

mental e moral. Bem felizes aquelles de nós que não forem considerados *alcaides* e como taes varridos e postos fóra do mercado da vida pela grande liquidação fim de seculo.

Fevereiro de 1892.

A MINA DA PASSAGEM

A MAX FLEIUSS

Eramos sete os excursionistas em visita á mina da Passagem, — uma esplendida e nova mina, que demora á distancia de cerca de uma legua da cidade de Ouro Preto.

A manhã estava chuviscosa e humida como todas as daquelle mez de aguaceiros.

O véo da chuva prejudicava grandemente a vista da cidade; mal se distinguiam as egrejas, o palacio, a cadeia, rapidamente deixados atrás.

Todo o terreno em que foi aberta a estrada é de formação mineral.

Ora grandes lagedos negros, ferruginosos, em que brilham perites; ora trechos de argilla clara, areias em que a mica scintilla, pedras brancas, veiadas de negro, esfagulhando sob as patas ferradas dos animaes; ora córtes de amiantho, amarello, abundante; por toda parte indicios de terrenos ricos de minerios.

Chegamos emfim á Passagem.

Dois companheiros de excursão, que conheciam o engenheiro inglez que dirige a mina, a elle nos apresentaram e pediram licença para a visita. O engeneiro acolheu-nos com a gelida

cortezia britannica, e, tendo trocado comnosco algumas palavras, deu as ordens precisas para a descida.

Faz-se esta por um buraco obliquo, aberto no sólo, de pouco mais de um metro de diametro, por onde sobem e descem, sobre trilhos estreitos, wagonetes para a conducção do minerio bruto, por meio de cabos de arame, movidos á força d'agua. A primeira coisa que nos feriu a attenção foi uma immensa roda de madeira, chapeada de ferro, que girava sob o peso de enorme cascata.

Agua, agua, agua, por toda parte, viva, limpida, argentina, abundantissima, despertando instinctos de pato bravo na gente!

Despojámo-nos das mantas, *foulards* e capotes, de tudo o que nos podia atrapalhar na descida, e não foi sem um calefrio que ouvi contar que tinha havido na vespera um desmoronamento de parte do tecto da abobada, devido á infiltração e desaggregamento produzido pelas continuas chuvas.

Houve quem lembrasse a conveniencia de tomar um trago de aguardente ou de *cognac*, não só para combater a humidade, que nos penetrava até aos ossos, como para nos dar um pouco de calor e animação á alma.

Mas foi-nos informado que era absolutamente prohibido alli, quer dentro, quer fóra da mina, qualquer bebida alcoolica.

Trouxeram-nos, por ordem do patrão da mina, lampadas, ou melhor, candeias de ferro, pendentes de longos ganchos, com grossas torcidas de algodão, alimentadas a azeite grosso, exhalando um cheiro ignobil e uma fumarada sinistra.

Armado cada um com seu candieiro, indo á frente o engenheiro inglez, começamos a descer.

Imaginem um longuissimo tunnel, estreito, obliquo, escuro, humido, ao fundo do qual brilhavam luzes amarellas, ambulantes. Lembrei-me das catacumbas de Roma... que nunca vi.

Cada um descia, caminhando entre os trilhos, com extremo cuidado para não pisar nos rodizios sobre que passava o cabo de arame,— o que seria tombo certo, — com prohibição expressa de se apoiar aos supportes lateraes de madeira da abobada, sob pena de ficar debaixo d'ella. Pelo mesmo motivo era prohibido tocar no *chapéo*, que é como elles chamam ao tecto da abobada.

Era preciso além de todas essas cautelas, caminhar com os rins dobrados, a cabeça curva, erguendo as lampadas, furando a escuridão com os olhos inquietos, escorrega aqui, tropeça ali, cae acolá.

— Que diabo! isto parece um discurso do Ruy; não tem fim! brada um.

— Silencio! E' perigoso gritar.

E em meio do silencio cauteloso ouvia-se o resfolego afflictivo de um dos companheiros, o gordo Edgar, descendo as banhas com intrepidez, na vanguarda!

— *Oh! qu'il fait chaud!* gemia elle, de quando em quando.

A' proporção que desciamos, ia-se tornando mais distincto um ruido metalico e repetido, de forja. Eram os golpes das brocas e picaretas na rocha, lá em baixo.

— Attenção! chegamos; gritou alguem.

Estavamos no primeiro salão: uma vasta aberta, irregularmente circular e alta, em que trabalhavam espalhados, uns doze ou quinze homens, nús da cintura para cima, quasi todos negros.

Era um espectaculo fantastico. Os mineiros labutavam uns mais abaixo, outros mais acima, á luz dos candieiros pendurados pelos ganchos ás anfractuosidades da rocha, abalando-a a golpes de picão, perfurando-a á broca, para ser arrebentada pela polvora; outros derrubando a punho e a ferro os pedaços mal seguros, desaggregados pela explosão da vespera.

A' luz escassa, de uma côr rubro-amarella, dos candieiros, espalhando-se em clarões trementes e funebres, reluziam as costas suarentas dos negros, via-se-lhes a musculatura retezar-se no esforço das martelladas.

Alguns batiam de baixo para cima, fazendo os chamados *furos chulanos* — trabalho penosissimo e perigoso, imposto em geral como castigo ou pagamento de multa aos mineiros incursos em faltas com a administração.

Esses suavam e gemiam mais de que os outros : seu esforço era muito maior, tinham as cabeças inclinadas para traz, uma das mãos segurava a broca, fincada no tecto da abobada, e a outra vibrava o martello em movimento ascendente.

Um feitor passava, inspeccionando o serviço, com a lampada erguida.

Não se podia medir a extensão do salão, que, aliás, era dos menores, ao que nos inforamram, porque as trevas enchiam tudo, apenas espancadas, aqui e ali, pelos clarões das torcidas fumarentas.

Sinistramente bello !

As pedras eram levadas em carrinhos de mão, despejados de momento a momento nos wagonetes.

A quéda ruidosa d'esses innumeros blocos de rocha, carregados de minerio de ouro, no fundo tenebroso d'aquella cavidade hiante, produzia uma deslumbrante explosão de fagulhas lindissimas, especie de fogo de artificio nunca visto, que os olhos não se fatigavam de contemplar.

Começámos de apanhar pedaços de quartzo e pedras embutidas de perites argenteas e aureas, á luz tremula das candeias, escorregando por vezes, sob a acção de um calor suffocante, entre gritos e exclamações, subindo e descendo.

De quando em quando sentavamo-nos a descançar, com os bolços e os lenços cheios de pedras.

D'ali a cerca de um quarto de legua ha outro salão, muito mais vasto e bello: mas nenhum de nós teve a precisa coragem para lá ir.

Ia comnosco um distincto lente da Escola de Minas de Ouro Preto, o Dr. E. Jacy Monteiro, o qual nos deu uma bella lição, explicando-nos a formação mineralogica dos varios specimens de pedras, fazendo-nos saber que as melhores, as mais auriferas, são exactamente aquellas em que o ouro é menos visivel.

Não me propuz, narrando essa visita á mina da Passagem, contar o complicado e longo processo de extracção e preparação do metal a que obedece o mundo, do qual foi chamado rei; fallecem-me competencia e tempo para semelhante trabalho. A lição do meu amigo foi excellente; mas eu estava tão fatigado que não tive animo sequer para annotal-a na carteira.

Só o que posso affirmar é que o delicado e correcto cavalheiro que me está lendo, aqui no Rio de Janeiro, e que a respeito de minas só

conhece as do *Encilhamento*, hoje esgotadas, e a raça de pretos assim chamados, tambem quasi extincta, nunca teve nem terá, se não nos imitar, em toda a sua vida uma impressão tão estranha, tão forte, tão extraordinaria como a que nos deixou a visita á mina da Passagem.

Não, meu elegante dandy da rua do Ouvidor, tu não imaginas o que é aquillo. Ah! se nos visses, quando saimos do tal buraco!

Que alegria, que allivio, que goso, ao respirar novamente o ar puro do campo, ao vêr de novo a luz clara e piedosa do sol!

Vinhamos immundos, mas consolados! Traziamos lama nas botas, poeira metallica na cara, nas mãos, nas roupas, a camisa alagada, as pernas bambas, a espinha dolorida, as mãos arranhadas e uma sede atroz; mas traziamos tambem, para nos fazer esquecer tudo isso, para nos compensar de todas as fadigas e de todos os incommodos — o orgulho nobre e alentador de ser homem!

Fala-se tanto na previdencia e na providencia da Natureza, que tudo nos dá, que tudo nos offerece, magnanima e prodiga!

Pois sim! Para termos essas lindas moedinhas côr do sol que tilintam e scintillam tão seductoramente, é preciso uma série enorme de esforços formidandos, de canceiras extenuantes, de sacrificios inauditos: é preciso furar a terra, arrancar-lhe as entranhas rocheas, tritural-as

em cyclopicas mandibulas de ferro, laval-as, incineral-as, sujeital-as á chloruretàção, pelo processo chimico, ou á fusão, pelo mecanico, a mil trabalhos consecutivos, que não sei nem posso explicar, leigo na materia e simples chronista que sou ; mil processos que pôem em actividade vertiginosa a agua, o fogo, o ferro, o sol, a madeira, os saes, os musculos e a vida de milhares de homens !

Quanta força de animo e de musculos, quantas gottas de suor e de sangue não representa uma dessas louras libras esterlinas, com que se conquistam os sorrisos das mulheres e a complacencia dos juzes, ou esse leve alfinete agudo com que atravessas a coma olympica, que te dorme enroscada sobre a cabeça, como uma serpente farta, formosa e doce mulher que me lês ? !...

Foi sobretudo nas entranhas fecundas e ardentes da mina da Passagem que comprehendi quanto é verdadeira a definição que do Estado de Minas Geraes deu o Dr. Gorceix em Paris : "O Estado de Minas é um peito de ferro, em que pulsa um coração de ouro."

Senti-o pulsar junto ao meu.

Março de 1892.

PAGINAS DE HOJE

(Diario de um nevrosthenico, para uso proprio)

A MAGALHÃES DE AZEREDO

As estranhas paginas que se vão ler, escriptas em estylo doentio talvez, mas de nota pessoalissima, entrego-as á profanação da publicidade taes como as encontrei, por acaso, em um rolo, sob uma mesa de hotel... Era um caderno grosso, escripto ora a lapis, ora a penna, accusando em umas paginas um trabalho meticuloso de fórma, e em outras a precipitação febril de notas rabiscadas na flagrancia das impressões descriptas.

Retirei, além do nome do autor, todos aquelles a que faz referencias, mesmo agradaveis, substituindo-os por iniciaes ou nomes suppostos.

No caderno ha ainda muitas paginas que talvez me resolva a publicar, se estas primeiras, que ora divulgo, forem acolhidas com o favor que merecem, tanto pela originalidade das idéas como pela raridade do lavor do estylo.

....

Janeiro, 1, 189,...

Devo escrever tambem um diario, como os srs. de Goncourt?

Para que? Vejamos, calmo, que ganho ou bem me poderá vir d'essa quotidiana dissecação de mim proprio. Notar dia a dia, ao fim de cada um, com fidelidade e frieza, as impressões vivídas, as idéas que picaram o cerebro e os sentimentos que collidiram o coração, trabalho é comparavel, identico digamos, ao do ontomologista que fixa a alfinetes borboletas e coleoptéros, vivos, no cartão.

Dorme um drama de dôr e morte em cada um dos insectos percuciados para regalo frio dos collecionadores, sabios ou parvos—que o mesmo é.

Não, a imagem não presta. O *diario* é cousa mais atroz. E' como se a gente cortasse ao proprio corpo, cada dia, um pedacinho, vivo, vivo! e fosse mettendo esses fragmentos da sua carne, de seus membros, em frascos cheios de alcool.

Que dôr estupidamente forte no momento da mutilação!

Que eloquencia bradante! que tragica intensidade de emoção! que vida immensa nesses instantes seculares!

Mas imaginae esse infeliz, depois, annos depois, sem dedos, sem orelhas, sem nariz, sem carne nas faces, resto de homem, farrapo animal, ruina palpitante, imaginae *isso*

contemplando a collecção dos frascos em que elle proprio está, feito pedaços, dentro do alcool. Que lhe dizem os fragmentos do seu corpo? Nada. A dôr incomportavel já não dóe. O interesse doloroso do drama carnal, sob o gume da lamina, cessou de muito. Tudo no tempo attenuou-se, sumio-se, no silencio e na treva do *sido*, eguaes aos do *não sido*.

Só restam os pedaços mortos da carne, roxos, inchados, miseraveis, que não dizem nada ao proprio de quem foram. Sacrificio inutil, autotragedia tola.

Pois assim é isto de escrever as memorias proprias, dia a dia. Medonho o soffrimento de dissecar-se para descobrir com a ponta do escalpello a fibra enfermada, o nervo tangido, o vaso sanguineo congesto... e mais esse de materialisar a psychica de cada acto, de cada phrase, na fixação das notas de cada dia, de cada dia, como o pão de Nosso Padre. Mas depois, ein? que frioleiras—as notas!

Dizendo sempre o mesmo, mas com o vacuo da mascara, que olha sem olhos e ri sem labios. Phrases—mascaras, synonimos.

São a nossa carne, são a nossa dôr, são a nossa vida esses rosarios de palavras, cuja alma e tinta esvaeceu o tempo, e quasi não as entendemos, relendo-as, dias depois...

Tão miseravel é o homem que não póde resentir, bisar a dôr; que só tem a faculdade de

renovar-se, *tornando-se outro;* que, para conservar a personalidade, precisa de modifica-la incessantemente.

A personalidade! Que burla! Eu não sou eu. Para que eu fosse eu, fôra preciso não me alterar, conservar-me o mesmo que fui, que sou. Mas se o meu *eu* de outr'ora amava e o meu *eu* de hoje não ama, se o meu *eu* de hontem cria e o de hoje não crê!? Se eu hontem era ingenuo, bom ou vingativo e hoje sou ardiloso, perverso ou magnanimo, eu não sou eu! A personalidade é como um rio. Que vale ser o rio o mesmo se as aguas são sempre novas? Supponde consciencia no rio. Como sentiria elle a sua personalidade? Confusamente, não é? E como raciocinaria? Assim: "Eu sou o rio Tal! Venho de tal parte e vou para o desconhecido, mas isto *que é eu* muda sempre, porque são sempre *outras* as minhas aguas."

Eu sou eu, e, entretanto, não reconheceram meus olhos hontem, nem tão pouco meu coração, a mulher a quem ha dez annos me dei todo!

Eu sou eu, e, todavia, enthusiasmo-me hoje pelas idéas que ha seis semanas declarei absurdas, com vehemencia! Eu sou eu, e, não obstante, não me lembro do que fiz ha um mez e não entendo o que escrevi ha meio anno como sendo a philosophia ou a moral "que baixaria commigo ao tumulo"!

Todos os dias sinto-me *outro*, outro em tudo—nas feições, nas idéias, nos sentimentos, nas paixões, nos desejos... e eu sou au!

Sabem agora para que vou tambem escrever o meu diario? Para acompanhar, braço dado ao tempo, passo a passo, a altrificação do meu eu. E mais para me rir d'esses muitos, d'esses infinitos *outros* que em mim nascem para viver só o tempo de morrer, como as myriades de animalculos ephemeros que ninguem suspeita na agua que bebe e no ar que respira! A personalidade! Que farça!

....

Janeiro, 5, 189...

Muito me intriga a maternidade. Poeta desabusado e rimador de blasfemias já definio-a pelo acaso do encontro de um espermatozoide cego com um ovulo vadio. Factos sei que justificam essa definição cruel, mas tambem outros que a repellem.

Um exemplo d'estes.

Hoje pela manhã precisei ir a uma estalagem procurar um homem. A' porta da casinha d'elle estava sentada uma mulher, com uma trouxa ao collo. A mulher era a do homem que eu procurava. A trouxa seria uma criança se não fosse um monstro.

Estava deitada no collo da mulher, mollemente, como desmembrada.

Ferido por curiosidade dolorinte, examinei-a. Horrivel.

Era microcephala.

O craneo, sem cerebro, fugia, terminando logo, sem deixar fronte, em bico, como um barrete de "pierrot", mas de pellos. As sobrancelhas uniam-se em um só traço negro e espesso. Os olhos, sumidos, entravam um pelo outro, em um strabysmo convergente idiota, o nariz grosso esborrachava-se sobre os beiços grossos, enormes, enormes como as orelhas. Tinha o tamanho de uma criança de dois annos ou tres, e tinha nove ! não falava, não ouvia, não andava, não via ! Gemitava e grunhia inarticula damente.

Isso informou-me a mulher que o tinha ao collo. Era a mãe. Interroguei-a mais. Contou-me que os medicos que haviam visto o monstrengo, tinham-lhe dito a ella que elle, se não morresse, seria sempre aquillo—uma posta de carne apenas. Um delles se offerecera á pobre mulher para tentar no filho uma operação interessantissima, no craneo; creio que para metter-lhe massa cinzenta, não sei de quem nem como. O mais provavel era que a criança morresse. Como era isso uma felicidade, a operação não devia ser repellida por tal motivo. Pois a mulher repellio-a. A idéia deque seu filho podia morrer, que era isso o mais certo a esperar de tal operação, fel-a preferir que elle vivesse

assim mesmo, cégo, surdo, mudo, paralytico, irracional !

A' porta da estalagem contaram-me visinhas da mulher que ella tinha, e do mesmo homem, outros filhos, lindos e perfeitos ; mas que a nenhum dispensava tantos carinhos nem por nenhum mostrava tão entranhado amor como por aquelle, pelo monstro !

Oh ! a maternidade, instincto admiravel de todas as femeas, e, na mulher, instincto e sentimento sublimes ! Mãe, embora de monstros ! O ventre não repelle o parto. A carne perfeita reconhece a imperfeita que d'ella veio.

Força ignota e formidavel, que sustentas a Humanidade como a de attracção sustenta os mundos no espaço !

Isso pensava, isso exclamava eu de mim commigo, quando, desdobrando uma folha do dia, li a seguinte noticia :

"Na cidade do Porto, descobriu-se um crime hediondo, que causou a maior indignação.

"Uma mulher, criada de servir, esquartejou um filho, recemnascido, lançando os pedaços a um quintal visinho. Dando-se-lhe busca no aposento, encontraram-se os esqueletos de duas outras crianças recemnadas e chegou-se ao conhecimento seguro de que eram tambem filhas da dita mulher e por ella haviam sido mortas, como a terceira."

Oh ! a maternidade !

Muito me intriga a maternidade !

. . . .

Janeiro, 8—93. São quasi tres horas da madrugada. Dorme profundo toda a casa. No meu gabinete, fechado, que o bico do gaz illumina crúamente, escrevo, escrevo, escrevo,.. Silencio vasto, surdo, espraiado cemo uma vaga infinita, como a infinita vaga da noite. Enfraquecido, a trechos, chega o rodar de um carro de noitantes, ou uma tosse abafada e afflicta que vem de baixo...ou um longo suspiro... que vem do vago da noite... Fóra essas raras pausas de rumor no silencio, que mais o cavam, eu só escuto, febricitante, o horrivel rumor de mim mesmo, esse rugir surdo, rythmado, que faz o meu sangue nas arterias e cuja intensidade meus nervos centuplicam.

Para fugir-lhe busco distrahir-me, engolfo-me no trabalho e bamboleio a perna e sigo, attento, o ringir impertinente da penna sobre o papel.

Mas em vão.

O ruido não cessa ; o ruido augmenta, profundo, cavo, batido em cadencia, como o das ondas na praia.

Ouço-o dentro, nas veias, e ouço-o fóra nos ouvidos.

E, então, arrepiado por um calefrio gélido, entro a pensar, com a penna suspensa e o olhar vasio, fincado na parede fronteira... entro a

pensar: que é isto que tenho dentro de mim, que assim trepida e resôa, em um tic-tac regular de pendulo ? E' o sangue, é a vida que movimenta o sangue, que vibraciona os nervos, que aquece e colora a pelle... A vida ? Mas que é a vida ? E' a corda do relogio... sim, mas quem dá corda ao meu organismo ? Se o pendulo pára, pára o relogio... se de repente este fluxo e refluxo cessar, se o tic-tac cessar... é a morte. E pode cessar... Então, a fronte se humedece de um suor frio...

Os ouvidos adquirem uma subita acuidade maravilhosa, capaz de apprehender a agitação ae um atomo.

E, logo,distinctamente, ouço dentro de mim um estalido, *crac!* e uma suspensão se faz, pavorosa, no rythmo das veias... E' um segundo de morte!... E quando *me encontro* estou passeando, coberto o corpo de suor frio, as mãos vagas, perdidas, tremulas, pendentes dos braços molles.

Mil vezes mais angustiosa que essa angustia é, todavia, esta estupida necessidade de observal-a, de me desdobrar em paciente observador, para saber e poder descrever... Supplicio sem nome, nevrose subtil, que matou Julio de Goncourt e Maupassant e vai devastando Bourget, Mauréas, Huysmans...

Pois não é bastante o soffrimento physico? Porque nos vem elle dobrado d'esse outro, intellectual, de entendel-o e explical-o ?

Em vão raciocina o cerebro calmo, em apparencia, em meio do temporal dos nervos : "Este barulho, que te parece immenso, é produzido pelo gyro do teu sangue. Contaste ha pouco as pulsações... Setenta e oito... Sabes que não é uma cifra assustadora. E' a superexcição nervosa que intensifica a bulha das arterias... Acalma-te. Vae deitar-te...

Em vão ! Porque, como se eu tivesse dous cerebros, outro raciocinio corre parallelo áquelle :

"Mas, se este rumor parasse ? E por que o ouço eu ? Elle atordôa-me, elle enlouquece-me, E' como se eu trouxesse o oceano dentro de mim.

Slnto e ouço bater as ondas, com estrondo, á cadencia violenta do coração, nas fontes, nos pulsos, nos dedos, no pescoço... E' a vida... Mas sentil-a assim, brutal, é a morte... E, nessa agonia,—hoje não, que já experimento a bemdita e piedosa acção sedativa do bromureto de potassio, mas de outras vezes, e quantas !—Escrevo uma carta a um medico meu amigo, na qual lhe peço venha ver-me sem tardança, após haver descripto minuciosamente o meu mal ; e, apenas rompe o dia, mando-a ao seu destino. Em geral, quando elle chega, eu já durmo.

Com a madrugada, recomeça a bulha formidavel, feita de todos os sons da grande

cidade mercantil. Só então deixo de ouvir-me. Como me delicía o rodar solavancado do primeiro carroção e que alegria no cantar dos gallos !

Monstro que ruges em mim, deixo, emfim, de ouvir-te. Bate, mar de sangue, bate com furia: meus ouvidos estão cheios, agora, do estrondejar, mais forte, de outro oceano mais vasto—o povo.

Coração turbado e rebelde, coração descompassado de duvidas e angustias, não quero ouvir-te !

Oxalá que para deixar de ouvir-te, não seja preciso atirar-me, comtigo dentro, allucinado como Caim, ao epico estardalhaço de uma batalha !

Março—1893.

CARTAS A UMA SENHORA

PRIMEIRA CARTA

Venho, minha boa amiga, cumprir, finalmente, a promessa que lhe fiz de aproveitar os meus raros lazeres, para na solidão a que, voluntaria e severamente, se condemnou, entretê-la com a leitura de algumas cartas sobre assumptos sociaes, litterarios, de educação e costumes.

D'ellas será banida implacavelmente a politica. Penso como pensava o grande Flaubert: que de tal cousa não paga a pena occupar-se a gente, emquanto ella não constituir um ramo da sciencia.

Ao alto e nobre espirito de V. Ex. não é facil diser algo dos profundos e complexos problemas—quasi todos eternos—que agitam e cansam, quasi sem proveito verificado, a intelligencia contemporanea.

E não é facil porque elle os tem meditado, resolvido, dissecado mesmo, com aguda e segura perspicacia e não vulgar preparo.

Entreter uma dama com objecto serio é difficuldade grande e sabida. Porém com V. Ex., dá-se justamente o inverso: o insuperavel é

vingar prender-lhe a attenção a cousas frivolas.

Se estas missivas despretenciosas não se destinassem á inhumação appetecida na perfumada e preciosa gaveta de V. Ex., cheia de saudades e recordações como um tumulo, que é, eu diria melhor a causa do embaraço e receio que me tolhem a penna, ao iniciar estas palestras.

E' que na minha interlocutora se encontram reunidas, com a harmonia natural de flores varias em um ramo, casando côres e aromas, todas as qualidades de um homem de coração a todas as qualidades de uma mulher de espirito. D'ahi possuir um poder excepcional de entendimento e analyse dos factos da alma e dos incidentes da vida, uma competencia superior para julgar obras de arte e de sentimento, e essa curiosa força estranha, esse novo instincto, se tal diser posso, que consiste em fazêl-a intangivel a tudo que seja trivial, baixo ou grosseiro.

Escriptor primoroso, poeta e critico, condemnou-se V. Ex. ao silencio e ao absoluto retiro literario, por entender que não são as lettras o campo de acção natural da mulher, e tambem pela convicção de que, fóra do lar e do educacionismo, a mulher, por mais intelligente e culta, será sempre supplantada pelo seu "eterno inimigo"—o homem. (A phrase é de V. Ex.)

A primeira das razões revela bom senso, escudado na observação; mas na segunda divisa-se, sente-se o inflexivel orgulho feminino.

Não acreditando poder vencer e subjugar o *inimigo*, prefere desertar o campo e evitar a luta, quebrar as armas de combate, emquanto virgens de encontro bellico.

E' bem verdade que fóra do genero epistolar—em que realmente excellem,—não têm conseguido as maiores escriptoras vencer os maiores escriptores no romance, na critica, no theatro, na philosophia, na sciencia. Muitas, porêm, têm competido com elles brilhantemente. Citarei algumas: George Sand, Judith Gautier, Mme. de Girardin, *Gyp*, Mme. Daudet, Mme. Akermann, Juliette Adam, Marceline Desbordes-Valmore, Carmen Sylva, Eugénie Guérin, a Condessa d'Aulnoy, Mme. de Villars, a modesta e viajada autora de *Horisons Prochains*, e, vindo á lingua portugueza, Maria Amalia, Guiomar Torresão, Julia Lopes de Almeida, Corina Coaracy, Adelina Lopes Vieira, e esse astro de primeira grandeza que ha tanto tempo não se digna de nos dar a esmola de um clarão—Narcisa Amalia.

Essas e mais cem outras senhoras, em França, na Inglaterra, na Allemanha, têm manejado com elegancia e firmeza a penna do conto, do romance, da fantasia, do poema, do theatro. A aptidão da mulher para as lettras, no que

ellas possuem de leve, de brilhante, de mimoso e vivaz, é incontestavel.

" As carreiras em que se póde vencer com auxilio da imaginação, de uma intelligencia prompta, graciosa e facil, convêm particularmente ás mulheres " ; escreve o Dr. Jules Rochard no seu recente livro *A educação de nossas filhas.*

E continúa : "Escrevem geralmente de um modo encantador. Affeiçôam o conto, a novella, mesmo o romance com uma facilidade e uma graça que faltam muitas vezes aos homens. Possuem tambem uma grande facilidade para versificar."

Nega-lhes, porém, o sabio escriptor os dotes serios do espirito— a reflexão acurada, a profundesa de juizo, a abstracção.

"A faculdade de abstrahir, a tenacidade na reflexão, o rigor nas deduções, o espirito de meditação, tudo isso falta ás mulheres, como a força physica. Ellas têm mui fraca aptidão para as sciencias abstractas ; apenas uma ou duas conseguiram ter celebridade no estudo das altas mathematicas."

Terá razão o Dr. Rochard ? Parece-me que sim. Toda a superioridade da mulher é ineluctavel, esmagadora quer no lar domestico, quer nos salões da vida elegante, no mundanismo, quer na esphera da intelligencia; a sua força reside na sua propria fraqueza.

Essa fraqueza é tão poderosa que, após muitos seculos de injusto subjugo, triumphou afinal, e para todo o sempre, logo que o sol da civilisação occidental levou seus raios sanificadores ás mais remotàs regiões barbarescas.

Desde então a mulher campeou, soberana indiscutivel e incontestada do mundo, dobrando e jungindo os homens mais fortes ao leve carro dos seus encantos e das suas graças, em um triumpho eterno e justissimo.

Todas as victorias do homem nos campos de batalha ou das sciencias, das lettras, das industrias e das artes são devidas ao influxo da mulher.

Não é um paradoxo que emitto como um cumprimento a V. Ex. ; creia-o. Dispenso-me de, para demonstrar a verdade do meu asserto, exhibir erudição copiosa e facil. Os exemplos pullulam na Historia.

Quando não é a amante, a esposa ou a noiva, é a mãe, que, obscura, ignorada, ignorante da sua propria influencia, inspira, anima, fortalece, alentada como por ignoto e poderoso fluido moral, as emprezas e commettimentos masculos.

Ella é o começo e o fim, a nascente e a foz, o levante e o poente de toda ambição, de todo esforço, de todo ideal.

A parte aerea, fina, luminosa, elevada, nobre de todas as obras do homem, é á mulher

que elle a deve; é ella que lh'a dá, sciente ou inciente d'essa collaboração decisiva de triumpho, com o contacto ou com o influxo de sua graça, de sua bondade, de sua sentimentalidade vibratil e inextinguivel, de sua perspicuidade inilludivel, de seu maravilhoso poder affectivo.

Esse trabalho *indirecto* é a grande força feminina. Sempre que a mulher a applica *mediatamente* ás obras do homem, ella vence, torna-se superior; quando, porém, a exerce *immediatamente*, em obras proprias, de qualquer genero,—excepto aquellas que são de natureza feminina, isto é delicadas e frageis,—ella torna-se inferior, é vencida.

E a razão é que ás qualidades da mulher, que são preciosas como *collaboração*, pouco valem isoladas, entregues a si mesmas, por não possuirem o vigor e a autonomia necessarias para se completarem.

De tantas mulheres que ultimamente se têm dedicado á medicina, sobretudo na Russia, na Polonia e na Inglaterra, quantas se tornam celebres? Qantas, mesmo, permaneceram até ao fim e attingiriam o ideal que affagavam? Bem poucas, não é verdade?

Talvez V. Ex. haja lido os interessantes estudos do Sr. Melchior de Voguë sobre a Russia e os russos. Em um d'elles, dedicado á mulher

russa, conta-nos o erudito academico as lutas e os soffrimentos das jovens russas que abraçaram a carreira medica. E' uma Illiada pungente de trabalhos e dôres, terminando na miseria e no suicidio. A historia de Varvara Atanasievna, —a joven doutora que acabou sua nobre luta pela sciencia e pelo bem enforcando-se com um lençol do seu proprio leito de virgem, desillusionada, imbuida do pessimismo toxico de Schopenhauer, vendo o vacuo em torno e diante de si,—a historia d'essa desgraçada é a de quasi todas as suas collegas na Russia, e com poucas variantes nos outros paizes.

O cerebro da mulher não foi feito para as arduas e ingratas investigações da philosophia, nem para os profundos e acerrimos estudos medicos, juridicos ou mathematicos.

Não tem a consistencia structural precisa para resistir. A imaginação ou o sentimentalismo embriaga-as, arrebata-as, dá-lhes a cegueira do deslumbramento, e o ponto final de tantos esforços bem intencionados, de tantos soffrimentos heroicos, é sempre—ou a desillusão aniquilladora, ou a loucura, quasi sempre o suicidio, pois a mulher é bastante orgulhosa para não sobreviver á derrota do seu amor proprio, ou á morte do seu ideal.

Ja vê V. Ex. que sou, em boa parte, do seu parecer ; apenas, como não devo alimentar esse fructo do orgulho feminino—o desdem systema-

tico de todo trabalho litterario ou artistico, uma vez que não póde supplantar *os dos homens*, venho tentar um ultimo esforço junto de V. Ex. para que não deserte de uma vez o campo das lettras, onde tão fulgida e auspiciosamente se estreiou.

Deixe lá diser o Sr. Julio Lemaitre que á mulher-escriptor falta o dom do pittoresco, a faculdade de descrever dando todas as sensações da côr, do movimento e da perspectiva, o que os Goncourt chamavam : *l'ecriture artiste.*

E' o proprio Lemaitre quem a anima a escrever quando confessa que as mulheres tudo possuem, com excepção sómente do pittoresco :— "o espirito, a finura, a delicadeza, a graça, naturalmente, sem contar um *quê* indefinivel ; tambem possuem o vigor, a largueza, o brilho."

O pittoresco mesmo, a escripta artistica, elle a reconhece em Mme. de Sevigné, e, modernamente, em Mme. Alphonse Daudet.

Julgo-o um poucochinho demasiado sevéro nessa apreciação. Além da autora das *Impressions de nature et d'art*, outras escriptoras se contam com estylo pittoresco, pintando com a penna. Citarei George Sand ? E porque não citarei *Gyp ?*

Mas donde provém essa differença entre os escriptores do sexo forte e os do sexo fraco: que só aquelles, em regra, possuem o estylo pintural ?

"De alguma differença essencial de temperamento entre os dois sexos, quiçá; diz Lemaitre. Mas qual?" E deixa de pé a interrogação, recusando crer que tal differença se possa explicar pela predominancia do sentimento nas mulheres. Inclino-me a acreditar que é mesmo essa a razão. Para pintar com verdade, do natural, é preciso alliar á emoção viva interior da alma deante o Bello a serenidade exterior do executante.

O Tintoreto, na hora terrivel em que pintava a filha morta, não tinha certamente os olhos rasos de lagrimas: o artista subjugava e supprimia o pae. Naquelle momento o Tintoreto *sentia*, sim, mas como artista; o pae, esse, não teria forças para suster a palheta e os pinceis nas mãos.

A' mulher falta geralmante esse dominio sobre o sentimento, porque ella é toda sentimento.

Ora, a escripta pittoresca exige esse esforço raro e supremo que matou Julio de Goncourt, infelicitou Flaubert e enlouqueceu Maupassant: esse esforço do cerebro sobre o coração, esquadrinhando este, vivendo e revivendo muitas vezes a emoção, friamente, inflexivelmente, até encontrar a phrase, a palavra propria e unica que a exprime, que a *pinta*. E d'esse esforço exhaustivo, lentamente assassino, não é, felizmente, capaz a mulher.

Por isso a litteratura feminina é toda sentimental, fantasista, romantica, falha de observação ou observando mal, sempre atravez do sentimento ; é, em summa, brilhante e amavel.

D'essa fraqueza ingenita, concluir, porém, como V. Ex. que a mulher deve abster-se de escrever não me parece logico, porque se lhe faltam a *força* e o *pittoresco*, sobram-lhe algumas qualidades superiores ás do homem—a delicadesa, o mimo, as *nuances* dos sentimentos.

As peças de Mme. de Girardin e Judith Gautier não têm iguaes.

Que escriptor produziria *La joie fait peur ?* Aquella scena singela e commovente em que o filho entrega á mãe o livro de missa, sem que ella, que o julgava morto, pudesse suspeitar que aquella mão era a de seu filho, que alli estava, atraz daquella porta, vivo, são, de inesperado regresso, só uma intelligecia de mulher poderia concebel-a. E' todo um drama sem palavras.

Porque não hão de as mulheres cultivar "a litteratura applicada ás emoções do lar ?" como diz Mme. Daudet.

Estou convencido de que, se ellas explorassem esse filão quasi virgem, escrevendo livros destinados a tornar uma realidade esse lindo sonho do divino Michelet—a união da familia pelo amor, pelo trabalho e pelo soffrimento (pois "soffrer em commum é tambem amar",

como elle diz), não só fariam obras primas: cumpririam mais bella, mais facil e mais completamente a sua missão terrena.

Por que não collaborarem as mulheres de talento e de vocação para as lettras na obra da educação moral e civica, da solidificação do lar domestico, da reconstituição do matrimonio sobre as bases inabalaveis do respeito, do amor e do auxilio mutuos ?

Que mais formoso e mais vasto campo poderiam desejar sua imaginação inquieta e sua infinita ternura ?

Que me responde V. Ex. ? Acha que mesmo nesse terreno seria o sexo fraco inferior ao forte ? Não a julgo tão pessimista.

V. Ex. não tem certamente um horror mais pronunciado do que eu, pelo *blas-beuismo ;* nem mais profundamente do que eu deplora essas pobres creaturinhas de cerebro exaltado que se arremessam ás gloriolas e ás aventuras da vida litteraria, masculinisando-se insensivelmente, para só encontrarem, ao fim da corrida desapoderada, o desdem, a desillusão e o opprobrio. Infelizmente á missão d'ellas nem se póde applicar o dito cruel que V. Ex. me lembrou, em nossa ultima conversa, de Musset a George Sand : "Seu talento não conhece impossiveis, nem seu pudor sacrificios", e que eu penso reproduzir alteradamente. E não se lhes póde applicar porque têm muito mais impudor que talento.

Oh! eu detesto essas preciosas ridiculas, que, sem leitura e sem espirito, affrontam a pobre lingua materna, escandalisam o bom gosto, e acabam por terem o coração tão vasio como o cerebro e nas maneiras e acções o mesmo despejo do estylo.

E é exactamente o horror do pedantismo e o odio a essa litteratagem impudica que me levam a abrir um horisonte immenso, cheio da frescura e da claridade do sol nascente, a todas as mulheres que, tendo as virtudes da esposa e da mãe, tenham tambem os talentos e as aptidões da escriptora.

O lar, eis o mundo novo que lhes aponto e no qual, para só me referir a escriptoras da nossa lingua, já penetraram Maria Amalia, Adelina Vieira, Julia Lopes, com os seus livros destinados ás mães, ás noivas, ás crianças.

Vamos, minha boa amiga, applauda-me, anime-me na campanha bemdita, e digne-se de empunhar o bastão da chefia, que lhe entregam seus dotes excepcionaes de intelligencia e seu esmerado cultivo.

Rio de Janeiro, 4 de Junho de 1892.

SEGUNDA CARTA

Muito de coração lhe agradeço as palavras de benevolencia, as boas palavras amigas, com que honrou o recebimento da minha primeira

missiva. Isto me anima a continuar. Como se lhe escrevo pela imprensa é sómente para garantir a enviatura das cartas, sempre hypothetica por meio postal, permittir-me-á que lhe escreva singela, desataviada, familiarmente, sem outro estylo que o da sinceridade unida á singeleza.

Se a essas qualidades eu pudesse juntar "o senso esthetico" teria o gosto de entretel-a com um estylo perfeito, como costumam lembrar-me as *toilettes* de V. Ex.

Que esbelteza de talhe, que puresa de linhas, que suavidade de cores, que afinação de *nuances* ! Tudo isso, entretanto, quasi sem atavios, sem o recurso trivial das fitas, das plumas, dos vidrilhos, com uma simplicidade altiva e uma sobriedade digna. O effeito é admiravel ; e sabe porque ? Porque a elegancia natural, a perfeição plastica do corpo tornam sobejos e ociosos os recursos da modista. Assim com o estylo. Quando ha talento litterario real, sazonado, basta escrever com sinceridade, sem o minimo artificio, para ter estylo, e do mais bello, e do melhor.

A falta d'aquelle dom, a qual reconheço e lamento, não poderia eu illudil-a mascarando-a com requifes e bordaduras rebuscadas ante a perspicacia dos cultos olhos de V. Ex.

Que a minha despretenção lhe attenúe a ausencia.

Conversarei, pois, com V. Ex. ao sabor do pensamento em passeio, com ponto de partida mas sem destino determinado, com o tranquillo descuido com que discutiriamos, no agasalho fidalgo de seu gabinete, por uma d'estas noites frescas de Junho.

Começarei hoje por fazer-lhe uma confissão penosa, que peço não receber com ironia. Tenho, como sabe, tres filhos, o mais velho dos quaes vai completar onze annos. Está na edade de começar a aprender *cousas serias*,—as noções primordiaes da philosophia, os principios essenciaes da existencia das cousas, da organisação do homem, da sua origem e do seu destino, o Espaço e o Tempo, a Vida e a Morte, as causas primarias e as finaes, a Materia, a Força e o Pensamento, a evolução, o transformismo e todo esse pesado e complicado machinismo de idéas e noções que mandam as pessoas educadas introduzir na intelligencia dos filhos para pôl-a a andar pela estrada da vida a fóra.

Pois bem, á proporção que urge a necessidade de ensinar e mandar ensinar a meu filho todas essas cousas, uma crescente *preguiça* de fazel-o me tolhe, e, cada vez mais imperiosa e obsedante, me invade e me domina uma vontade estranha e singular de conserval-o ignorante!

Quando se me detem o pensamento a architectar-lhe o futuro, dirigido pelos meus intimos

desejos, não é como um doutor, um sabio, um homem de sciencia, cercado da admiração dos povos e gyrandolado de encomios pela imprensa, que o meu coração o antevê e o contempla. Ah! não. Mas apenas como um homem simples de alma e de maneiras, forte de corpo e de animo, amando a Natureza, não com o amor erudito e pesquizador do sabio, mas com a paixão sincera e enthusiasta do artista; completamente ignorante de tudo quanto seja systema philosophico, e inteiramente indifferente á historia e ao destino evolucionario das doutrinas e das escolas que se propuzeram, que se propõem, que se hão de propôr, eternamente e inefficazmente, ao descobrimento das *causas* e á elucidação dos *fins*; tendo apego á vida sem temor da morte; vivendo, emfim, *completamente*, como um perfeito animal racional, sabedor do *como* das cousas, sem se preoccupar do *porque*.

E não o imagino, ao meu rapaz, de outro modo, com outro feitio, por mais que me peje de imaginal-o d'aquelle, porque só assim o acreditarei feliz.

Sei que *não tenho direito* socialmente, neste resto de seculo, agitado pela nevrose da sciencia, de conservar meus filhos na ignorancia exactamente d'aquillo que mais interessa a todos, embora na apparencia; d'aquillo que todos mais perscrutam e tentam saber, e *não*

devo ter esse direito por ser um homem de lettras, um espirito cultivado o bastante para condemnar e repellir a ignorancia da minima cousa necessaria ao entendimento humano. Sei-o ; mas, de mim commigo, julgo assistir-me tal direito, por estar convencido de que tal é o meu dever.

Dolorosa convicção essa ! Quantas illusões, quantas esperanças, quanto amor proprio não me ha custado ! Que ganhei de positivo, de real, de *certo* com a leitura e a meditação de tratados de philosophia, tantos e tão diversos, com o estudo de doutrinas e theorias philosophicas e systemas para descobrir a verdade ?

Ganhei apenas aquella certeza que o grande philosopho grego considerava o transumpto de toda a sabedoria humana: a certeza de que saber tudo só serve para produzir a serena convicção de que se não sabe nada.

Consterna-me e prostra-me o animo o espectaculo da esteril fadiga e do melancolico abatimento de todos esses loucos que consummiram a vida na descoberta da Verdade. Ao cabo de annos e annos de acurados estudos, de profundas cogitações, de pertinazes experiencias, interrogados sobre os resultados a que chegaram de tantas canceiras, anciedades e angustias, respondem agitando as cans e erguendo em silencio as mãos tremulas,—o silencio do naufrago que, exhausto de bradar por soccorro,

grita apenas com os olhos para o céo alto e implacavel, antes de afundar-se no pelago.

Aquelle gesto mudo significa que muito aprenderam e muito sabem; que arrancaram á pedra, ao papyro, ao bronze, á mumia, ao fossil, a todas as testemunhas sem voz do Passado os seus segredos tremendos; que acordaram os seculos de sob as suas cinzas e os obrigaram a cada um a contar a sua historia; que tudo leram, perscrutaram, decompuzeram e recompuzsram... porém, que da massa enorme de conhecimentos, assim accumulados, que lhe deram a Archeologia, a Paleontologia, a Historia, a Prehistoria, nenhum lhes offereceu a luz de que precisavam: que tanta sabedoria era o pedestal apenas da estatua ironica da Duvida.

Que sabio conhece V. Ex. que não seja sceptico, tenha elle a amargura de Schopenhauer, a frieza de Darwin ou o bom humor de Renan? Só fazem excepção os que, aterrados com a esterilidade da sciencia, velha Sára de entranhas seccas e aridas, appellaram com desespero para a Religião—Agar benevola, sempre nova, fecunda sempre... Alguns repellem a *mulher legitima* e desposam a amante. Esses são os fracos, os leaes, que confessam a inanidade da sabedoria e, não podendo abraçar a Certeza, abraçam a Crença; e são tambem os felizes, porque, abrigados á sombra das azas tutellares da Fé, não mais os tortura e persegue o In-

cognoscivel, e adormecem, por fim, sorrindo, empunhando o gladio frio do dogma, como um triumphador de ballada allemã, que, coberto do pó das batalhas,—descansa sob os louros, abraçado á espada maravilhosa, que o torna invencivel.

Outros, os orgulhosos, tentam viver maritalmente com a Sciencia e a Fé e negam que no seu lar se dêem os conflictos narrados por Drapper e conseguem compor uma physionomia serena, recalcando no intimo do pensamento a tempestade que lhes abala o cerebro, impedindo que á flôr do rosto, sempre calmo, chegue a mais leve ondulação dos vagalhões furiosos em que lhe sossobram, dentro d'alma, convicções e esperanças, sonhos e *certezas*.

Esses são os que mais soffrem, porque o amor proprio lhes empeçonha as feridas, porque não querem gritar, com lagrimas de dor, mas sem rancor nem desespero, como Job, a sua funda miseria, a sua irreparavel miseria !

Não será preferivel, então, ignorar e viver tranquillo, não sendo mordido a todas as horas, em vigilia e em sonho, pelo desejo insaciavel da Verdade, amando, gosando ou supportando a Vida sem estragar-lhe os prazeres ou sem aggravar-lhe as durezas com a *necessidade* de conhecer-lhe as leis e determinar o principio e o fim de tudo ?

O Positivismo está longe de dar aquella serenidade, harmoniosa e doce, do céo de primavera, que só gosam os felizes que não morderam nunca no fructo appetitoso e maldito da Philosophia,—fructo que se desfaz em cinza como os das margens do lago Asphaltite; porque a doutrina de Augusto Comte, relegando de si o estudo das causas primarias e finaes, por constituirem materia insusceptivel de positivação e por ser puramente metaphysica, não resolveu o eterno problema.

Admittir uma philosophia sem o estudo das *causas* é renunciar de antemão ao fim de toda philosophia.

Se assim não fosse, teriam sido escriptos tantos centenares de tratados e systemas, desde Aristoteles, o eterno sol do mundo da Intelligencia, até Comte e Spencer? Não.

O Positivismo é uma renuncia — a renuncia a explicar o Universo. E' a genial systematisação da impotencia mental do homem.

Não veio solver o velho e formidando problema; não veio responder á interrogação anciosa que tem atravessado os seculos, repetida com desespero por gerações e gerações... Veio repetil-a tambem, para affirmar depois que ella é irrespondivel e, por isso, deve deixar de ser feita.

Tanto a philosophia positiva não é uma *solução* nem uma *resposta*, nem a *certeza defini-*

tiva e ultima, que Augusto Comte sentio a necessidade de crear uma religião, isto é : de illudir o vacuo immenso da sua doutrina com a *fé scientifica.*

"Ora, como "a fonte desconhecida das cousas", foi, é e ha de ser sempre o objecto do sentimento religioso, como é fatal, *mesmo com o methodo positivo,* subir da concepção de agentes menos perfeitos e mais cognosciveis, á concepção de agentes mais perfeitos e menos cognosciveis, até chegar a *uma* causa universal, reconhecida como absolutamente incognoscivel, só essa causa, isto : é o Infinito Incognoscivel, póde inspirar a Fé e crear religiões; e seria absurdo, portanto, abandonal-a para fundar a *verdadeira religião* sobre um finito cognoscivel como a Humanidade."

A adoração, considerada como instincto ou como sentimento, não é phenomeno dependente da razão, nem acto da vontade.

Não se adora a quem se quer adorar, mas só ao que é adoravel, ao que inspira adoração.

Augusto Comte reconheceu a necessidade de uma religião, mas, não podendo, por impedir-lh'o a sua philosophia positiva, dar como objecto a essa religião uma causa unica, suprema, manifestando-se sob todos os phenomenos e podendo ser determinada, deu-lhe um objecto

positivo—o unico ente que podemos conhecer,—a Humanidade.

Unicamente, esse ser, justamente por não ser causa, mas effeito, por ser conhecido ou conhecivel, não é *adoravel*, não pode ser o *Ente Supremo*, não pode servir de base, origem e fim a uma religião.

E a prova d'esta verdade, se provas fossem necessarias, está no limitadissimo numero dos adeptos e no insignificante proselytismo que tem feito a Religião da Humanidade, condemnada a não ser jámais catholica, isto é — universal.

Se nenhuma philosophia, nem antiga nem moderna, explicou, explica ou póde explicar o Universo, determinar as causas dos phenomenos —fim unico, aliás, de toda philosophia—para que hei de ensinar philosophia a meus filhos ? Que pódem ganhar aprendendo-a ? Que ganhei eu ?

Não vou, porventura, na cauda da procissão formada ha millennios por todos os que de philosophia se têm occupado, muito ou pouco, patinhando tropego, tonto, desorientado, no mesmo lamaçal de duvidas, incertezas, contradicções, hypotheses, absurdos, paradoxos e utopias ?

Não chegámos, por ventura, ao mesmo resultado—Aristoteles, o sol, e eu, atomo que elle illumina?

E não fôra melhor que me houvessem deixado ignorar tudo o que se destina a explicar o inexplicavel ?

Não seria eu, porventura, muito mais feliz se me tivessem conservado a virgindade da intelligencia, uma vez que não podiam fecundal-a e ella teria de prostituir-se com todos os systemas de philosophia, entregando-se hoje a um para dar-se a outro amanhã ?

Sim, de certo. Não pensa V. Ex. que tenho razão ?

Quando vejo meus filhos descuidosos, felizes, abrindo grandes olhos curiosos para tudo que os cerca, interrogando e procurando imitar a Natureza a todos os momentos, sentindo uma alegria enorme quando observam uma planta, uma ave, um animal qualquer, os astros, o céo, a terra, a Vida, emfim; tremo de lhes dizer: "Meus filhos, tudo isto tem uma origem, uma causa, que ninguem conhece, *nem póde conhecer*. Procurae-a tambem", e tremo de lh'o dizer, por saber que vou envenenar-lhes a alegria de toda a vida, e lançar-lhes nos cerebrosinhos felizes o germen do mal que devora e aniquilla o meu.

Lembro-me do Lazaro da *Joie de vivre*, e recúo, transido de horror, ante a idéa de que essa criança vae ser presa tambem do *mal de pensar*, do terror do *au delà*.

Por que brilham o sol e as estrellas? Por que cantam os passaros? Por que existem as féras? Por que existe o que existe, e por que deixar de existir? Por que existo eu?

Sei que essas interrogações vão nascer-lhes e crescer-lhes no entendimento como arvores sem fructo. E sinto-me sem coragem para lançar-lhes as sementes d'ellas.

A minha illustre amiga já terá comprehendido que não desejo meus filhos ignorantes, desapparelhados dos meios para lutar pela vida.

O que eu desejára fôra desinteressal-os do grande inquerito das cousas; fôra não os vêr esterilisados a philosophar e a rhetoricar balofa e inutilmente, a gastar o cerebro com prejuiso do coração, a viver inquietos e febris, devorados lentamente por uma curiosidade mais que improficua—perniciosa.

Desejara-lhes a sorte do lavrador ou do artezão descuidoso, que, á tarde, ao regressar á casa, fatigado do seu labor, come tranquillamente a sua sopa e dorme toda a noite como um justo, nos braços da esposa querida, junto dos filhinhos, sem que á sopa se mescle o travo da Duvida, sem que o somno seja perturbado ou interrompido pela pavorosa sombra do Nada, do Aniquillamento, do Não Ser.

Oh! como invejo esses ingenuos homens do trabalho, sobretudo o rural, tão calmos, tão bem assentes na vida, sabendo rir sem ironia e

chorar com lagrimas, sabendo amar sem desconfiança e podendo encarar a morte como Marco Aurelio—como um acto natural, semelhante ao nascer e ao crescer, nada tendo de extraordinario nem de assustador !

Quantas vezes não lhe terá succedido, minha senhora, a V. Ex., que adora o campo e a floresta, na volta de algum passeio, com os cabellos e a cinta ornados de flôres silvestres, "na hora em que a fogueira do poente arde e espalha-se um torpor suave e lento", como diz um poeta nosso—quantas vezes não lhe succedeo ver uma familia da roça sentada no terreirinho, á beira da choça — o marido, tisnado das soalheiras, mãos grossas, peito aberto ás brisas, cara franca e olhar leal, a rir pasmadamente para o filhinho que lhe puxa as barbas, emquanto os outros correm brincando e a mãe recolhe a roupa estendida ou trata da *criação ?* E quantas vezes não invejou a sorte d'essa gente ?

Que felicidade ter por horizonte dos olhos corporaes apenas o do firmamento azul e dos da alma a curva do riso fresco de um filho e o olhar carinhoso da mulher amada ! Que felicidade não pedir á vida senão a vida !

E hei de impedir, hei de negar essa felicidade a meus filhos ?

Ah! minha senhora, que terrivel problema !

Rio—Junho—1893.

TERCEIRA CARTA

Achou V. Ex. heteroclitas as idéias por mim desenvolvidas na ultima carta ácerca da educação intellectual que desejo dar a meus filhos.

"Esquece-se então—dignou-se V. Ex. de me escrever—de que não ha, nunca houve, nem póde haver homem feliz sobre a terra, seja elle o sabio, torturado pela sêde da Verdade, seja o camponio ignorante, roido pela inveja do sitieiro vizinho?

"Esses *ingenuos homens do trabalho*, de coração simples e maneiras francas, que não maldizem a enchada e o frio, que não se revoltam contra as injustiças do destino, nunca tiveram, não têm realidade tangivel. A arte póde invental-os, o artista póde erguel-os palpitantes nas paginas de Wathman d'*Os simples*, *A moleirinha*, o *Ti-Zé-Senhor*, o *Prestito Funebre;* nós, porém, sabemos que nunca os encontramos no nosso caminho. Nem mais que o sabio é feliz o artista. O seu esforço naufraga sempre. A mais bella paizagem de Ruysdael não consegue reproduzir a vibração da natureza serena..."

Perfeitamente pensado.

Mas as torturas inflingidas á alma do camponio ignorante pela prosperidade do vizinho, que tem nas suas terras um olho de agua virgem ou meia duzia mais de arvores de fructo, não

são comparaveis ás ancias, ao soffrimento, ao supplicio com que o philosopho devasta e envenena o seu espirito na pesquiza incessante da eterna e intangivel Verdade.

Responder-me-á V. Ex. que dôres valem dôres, que não ha medir nem pesar entre soffrimentos, que a insomnia febril, produzida pela exacerbação do amor proprio, arranhado por um facto infimo, é tão dolorosa e insupportavel como a vigilia inquieta e torturada do sabio, sondando o Insondavel. Nem tanto. O despeito acalma-se com o tempo,—o sedativo certo, e as inspirações terriveis da vingança balsamisam as feridas do amor proprio.

Os rusticos têm infortunios parciaes, variaveis, modificaveis, intermittentes, venham elles da inveja, da vaidade, da ambição, do odio ou do amor ; e nessas calligens escuras de magua raia por horas, por dias, por mezes, quiçá por annos, o sol puro e tépido do "não cuidar", que é a formula de toda a felicidade terrena.

Não assim o artista, o philosopho, o homem que se deu á sciencia. Além d'aquelles infortunios, que são a partilha commum de todos os homens, pesa-lhe, persegue-o, obseca-o sem treguas, o impalpavel e inapagavel fantasma da Morte, que o mesmo é dizer da Vida.

As peiores dôres são as mentaes.

O homem culto, inteiramente afinado com as necessidades e os males da intelligencia

contemporanea, adquire uma superacuidade mental e uma sensibilidade moral extremas, que o tornam um "esfolado vivo", como de si proprio dizia Flaubert.

Nós, os cultos, os polidos, os empeçonhados pelo leite funesto da arvore biblica, *não sentimos simples*. Nossas sensações e nossos sentimentos são complexos, complicados pela duvida, engrossados pela nossa superexcitabilidade doentia, de nevroticos.

Estamos postados em meio da vida como o Mauricio, da *Déblace*, quando fez a sua primeira sentinella perdida. Um farfalho de arvoredo ruge como um rio vergalhado pelo tufão, um estalido de galhinho secco, partindo ao peso de um iesecto, estoura como um tiro de peça.

Perdemos a força antiga, tão boa e tão bella, da fé, que hoje só possuem os simples, cantados por Coppée e por Junqueiro, cuja realidade V. Ex, contesta. Esses confiam em Deus e na sciencia, porque os não tocou esta, ainda, com o seu luminoso dedo mortal ; nós outros, porém, os empolgados por ella, perdemos tudo, e, caçadores da Verdade, desesperamos de achal-a no céu, cançados de buscal-a na terra.

Não cremos sequer na crença dos outros.

Damos a volta ao mundo e á vida e regressamos como o pobresinho d'*Os simples* : "á paz obscura, á submissão," invejando " a alegria

sem cuidado, a candura" e a "christã resignação" dos rusticos e ignorantes.

E' isto pessimismo? Talvez.

Mas, se é pessimismo, não é elle uma prova irrefragavel do que venho affirmando?

Não é elle a molestia d'este fim de seculo?

E serão sinceros os poucos que se dizem e apregôam sãos, não contaminados ainda?

Deixo ao alto espirito de V. Ex. responder a essas tremendas questões.

E permitta-me volver a tratar da felicidade humana. Neste mundo, em que só é absoluto o principio de que tudo é relativo, a felicidade é a mais relativa de todas as cousas, e essa relatividade constitue justamente a sua razão de ser.

Todas as religiões têm o seu sitio de recompensa, o seu lugar de delicias, um paraiso especial, de gosos materiaes, como os das religiões orientaes, onde gosos puramente espirituaes como o do Christianismo.

Essas concepções, de um metaphysicimo piedoso e balsamico, sómente seduzem e accenam docemente aos espiritos nús de sciencia, debeis de entendimento, porque só esses podem admittir a felicidade completa, porque só elles não comprehendem que a felicidade perfeita seria o mais terrivel dos infortunios.

A mythologia grega mostra-nos, em sua profunda sabedoria, os deuses omnipontentes

amaldiçoando a immortalidade que os acabrunhava, e humanando-se para soffrer como o mais desgraçado mortal.

Está seguramente achando paradoxal tudo isto, e vae concluir com um lindo riso malicioso, para demonstrar o illogismo d'estes conceitos, que se a felicidade perfeita fosse, a ser possivel, o maior infortunio, quanto mais desgraçado fosse o homem mais feliz seria e, portanto, os sabios, os philosophos, os mordidos da sciencia, seriam os entes mais venturosos da terra.

Não ; porque a reciproca não é admissivel. A felicidade, pintada e exhibida como um engodo e um gambello pelos religionistas de todos os tempos, em primeiro lugar é absurda e imposivel, e, demais, se o não fôra, pesaria aos celicolas como a immortalidade aos deuses de Homero ; porque não ha existir sem lutar e não ha goso sem esforço para adquiril-o.

Mas, nem porque seja isso verdade, se deve suppôr que, por deducção, a felicidade deva consistir sobre a terra em soffrer sempre, sem compensações, em lutar sempre, sem vencer nunca, em amargar todos os transes da adversidade, padecer todas as dôres do corpo e da alma sem treguas, sem repouso.

Não ha duvida que o homem não póde alcançar a felicidade racional, concebivel, aspiravel, que formúlo desta fórma : " o *maximum*

dos gosos com o *minimum* dos soffrimentos ", porque essa proporção é indeterminavel. Mas o homem póde, não obstante, ser *mais ou menos feliz.*

Conheço a historia do rei desgraçado a quem se aconselhou como remedio vestir a camisa de um homem que se julgasse feliz. Só se encontrou um em toda a terra, mas esse... não tinha camisa.

Ora, essa felicidade relativa, *dosavel* quasi, é a que devemos preparar aos nossos filhos, educando-os convenientemente para a batalha da vida.

Se nelles deixarmos medrar á larga a vaidade, a ambição, o apego excessivo á vida ou seu excessivo desapego, o despreso pela humanidade, o egoismo feroz ou o altruismo fanatico, elles terão todas as probabilidades de ser *menos felizes*, isto é : de não encontrarem a compensação de gosos proporcional aos soffrimentos, quer physicos, inevitaveis em grande parte, quer moraes, consequentes dos ruins paixões e da errada maneira de conceber e exercer a vida.

V. Ex. é de parecer que todos os homens são egualmente desventurados—rusticos ou sabios, pobres ou ricos. O *egualmente* é que repillo. Acceital-o seria acceitar o fatalismo, cruzar os braços, na certeza prévia da inanidade de todos os esforços para tornar menos pesada e menos triste a existencia.

V. Ex. é que é pessimista.

A theoria de V. Ex, possue-a tambem, porém muito mais refinada e perfeita, um illustre confrade, cujas lettras admiramos todos que as conhecemos.

Para elle quem se considera feliz é imbecil.

Uma vez conversavamos ácerca de não sei que objecto e a conversa veio a cahir sobre esse thema antiquado e sempre novo.

Ora aconteceu que naquelle dia eu estava bem disposto d'alma e de corpo. As pessoas que eu amo e por quem vivo gozavam saude e estavam satisfeitas de mim, como eu d'ellas; almoçara com appetite, o havano sabia-me, o dia estava limpido, tinha projectado um lindo passeio para a tarde e não ambicionava naquelle momento a posse dos milhões de Rotschild, nem a do throno do imperador da Allemanha, nem a do corpo da rainha de Sabá.

E então, como o meu preclaro interlocutor estivesse a denegrir com fervor a vida, obtemperei :

—Exagera, doutor. Olhe, eu não me considero infeliz.

Ah ! minha senhora, se V. Ex. visse o olhar que o homem me atirou pela cabeça a baixo ! Foi como um jacto de frio desdem.

Mas o que me correu de vergonha foi a piedade, a profunda, a infinita, a achatadora piedade d'aquelle olhar. O homem só disse :

Ah ! com um esboço de sorriso. Mas o olhar disse o resto. E o resto era isto, que ouvi com os olhos :

—Imbecil ! Julga-se feliz ! Mas só podem julgar-se felizes os brutos, os doidos e os parvos. Tu és um d'elles, desgraçado !... Para ser feliz é preciso não querer nada, não esperar nada ; e só aos irresponsaveis isso acontece. Doido não és, nem estupido ; logo, és parvo. Pobre tonto !

Fiquei tão vexado, que peguei do chapéo e safei-me. Fui durante o resto d'aquelle dia um dos homens mais infelizes do mundo : o olhar do confrade estragára-me toda a alegria, porque me fez passar as horas restantes a invejar-lhe negramente a superioridade mental que o fazia ver a vida de tão alto e penetral-a tão fundo.

No dia seguinte reli o Renan, para refazer-me, e a grande magoa passou-me.

Sei que tambem adora esse irmão de Michelet, e que o lê com delicia. E' um mestre da vida.

Elle, como todos nós, tem soffrido tambem. Mas não se considera infeliz. Basta-lhe viver. para ser feliz, porque a existencia de tudo *que é* o interessa tanto e tão agradavelmente que o compensa das semsaborias e desgostos que pesam na outra concha da balança.

Tem, no fundo da sua alma, a resignação e a benignidade, e sobre o caracter uma camada

macia e doce de bonhomia que lhe attenúa os embates do infortunio, os máos golpes da sorte.

Vou lembrar-lhe a confissão que elle faz nos *Souvenirs*. Queira reler:

"Je previens les blasphèmes que les terreurs physiques de la dernière heure pourraient me faire proférer contre l'Eternel. L'existence, qui m'a eté donnée sans que je l'eusse démandeé, a eté pour moi un bienfait; si elle m'etait offerte, je l'accepterais de nouveau,et, á moins que mes dernières années ne me réservent des peines bien cruelles, je n'aurai qu'a remercier la cause eternelle de tout bien de la charmante promenade qu'il m'a eté donné d'accomplir atravers la réalité."

Que pena que os emissarios do rei fabuloso não houvessem encontrado o autor da *Vida de Jesus!* Não só ficaria elle feliz como toda a real familia, attenta a grande quantidade de camisas do illustre escriptor.

Mas se a Renan o "mal de pensar" não tem corroido as fibras intimas, não tem estragado a alma para o goso do mundo, é porque esse sceptico é, no fundo, um crente, porque as mãos d'esse iconoclasta estão ungidas pela eucharistia da Bondade.

Para concluir, minha senhora, terei a honra de adduzir um argumento irrespondivel, particularmente grato ás mulheres:

A maior ventura possivel sobre a terra é amar e ser amado pela pessoa a quem se ama. Sobre isto não ha discussão possivel.

" Amar e ser amado—que ventura !"

Exclamava o poeta das *Miniaturas* e dos *Nocturnos*.

Um dia, uma hora que seja d'essa ventura compensa todos os soffrimentos, todos os infortunios.

Poderá quem haja gosado essa hora suprema considerar-se infeliz ?

Vejo-a baixar o rosto pensativa, como quem se desprendeu da terra nas azas da recordação e da saudade, para reviver momentos de ouro, desapparecidos, mas não enterrados na noite do passado.

Reviva-os, minha senhora.

Relembrar a felicidade é ser novamente feliz, embora digam o contrario aquelles conhecidos versos do poeta florentino. A recordação é a renda de um capital extincto.

Mas se essa *aurea mediocritas* não lhe basta, refaça o seu capital, refaça-o, minha senhora, e venha dizer-me depois que não ha felicidade na terra.

Julho—1892.

QUARTA CARTA

Na sua cartinha acerca da minha ultima missiva, deu-me V. Ex. além do gosto de saber que ella lhe não desagradou, a honra de se queixar dos largos espaços com que intervallo estas despretenciosas palestras.

Que quer V. Ex.? Receio sempre abusar da sua paciencia, escrevendo-lhe demasiado a miudo, embora nunca para entretel-a com cousas que me digam pessoalmente respeito.

Além d'isso, escasseia-me o tempo, que pouco é para mourejar dia e noite, como a próvida formiga de mestre La Fontaine, para abastecer o celleiro domestico, nestes calamitosos tempos de carestia cruel.

E' meu intuito, hoje, algo dizer-lhe a proposito da mallograda solemnidade que o Centro Positivista preparára em homenagem á memoria de Benjamin Constant junto á sua sepultura, no dia commemorativo da proclamação da Republica no Occidente.

Como sabe V. Ex. a administração da Misericordia não permittio tal cerimonia, allegando que as cadeiras, a mesa, a tribuna e a musica com que fora projectada, constituiriam uma profanação da venerabilidade e da augustez da necropole catholica. A's razões prohibitivas respondeu Teixeira Mendes, o eminente

e illustradissimo vice-director do Positivismo no Brasil e quiçá a primeira cabeça positivista da America, com uma serie de artigos admiraveis, nos quaes o bronze polido da argumentação doutrinaria é bordado pelos arabescos de ouro dos sentimentos mais nobres.

Fizeram-me profunda impressão esses escriptos e produziram em mim o effeito maximo de qualquer escripto—fazer pensar.

Tem razão Teixeira Mendes : o Catholicismo não tem o direito de protestar contra a profanação dos mortos, porque elle cada vez menos os respeita e faz respeitar.

Os mortos passam depressa, e o Catholicismo apressa de todo modo o seu completo desapparecimento. Não quero reproduzir os argumentos do illustre moço, mas unicamente desenvolver e commentar alguns d'elles.

" Basta comtemplar tudo quanto entre nós se passa relativameute aos mortos—escreveu elle—para reconheeer quanto é precaria a veneração que de ordinario se lhes tributa."

E' a tristissima verdade !

A Egrega Catholica, após o *Requiescat* e a missa do setimo dia, nada mais tem a offerecer aos sobreviventes para o culto dos seus mortos queridos.

E a sociedade tudo faz, no seu egoismo indifferente, para sepultal-os no mais negro, ingrato e profundo olvido.

Como na guerra, enterrados os mortos, passa-se a tratar unicamente dos vivos.

"Quem lá foi, lá foi" é o lemma feroz que a sociedade arvora e a propria familia pratica. De modo que, ao fim de pouco mezes, do morto amado, que foi o chefe da casa, cujas virtudes eram exemplo e incitamento, nada mais resta senão a photographia muda e uma vaga recordação. Suas roupas, os objectos de seu uso, tudo foi arredado, distribuido entre amigos ou esparso entre indifferentes, vendido ao correr do martello, para que aos vivos não mais *incommode* a lembrança palpavel do que se partio para jamais.

Ora, ninguem se lembra da grande verdade positivista: "que os mortos governam os vivos", que a vida só é digna de ser vivida não se quebrando nunca a continuidade moral da familia e da raça. Ninguem se lembra que a vida subjectiva depende intima e directamente da existencia objectiva; que tudo quanto materialmente recorda o morto por lhe haver pertencido, por lhe haver inspirado affecto, concentra, guarda, como um sacrario incorruptivel, um pouco da sua alma; que taes objectos devem, portanto, ser cultuados, para que se mantenha, sempre acceso e puro sempre, o culto das memorias amadas.

Como não venerar a penna com que elle escrevia habitualmente, ou o livro, cem vezes

relido, em que *ella* passeiava, embevecida, os seus meigos olhos, durante horas e horas, nas tardes silenciosas e melancolicas ?

Pois não é uma crueldade imbecil cavar ainda mais o golphão do Nada, entenebrar mais ainda a noite da Morte, deixando-nos sós, para a crúa batalha da vida, com o nosso egoismo, presa apenas dos nossos instinctos, cortando abruptamente a corrente affectiva que nos unia, e que, só ella, nos consolava e robustecia ?

Andam caminho errado a egreja e o egoismo popular fazendo da morte um espectro terrifico e repugnante, implantando, em vez do amor e do carinho, o medo e o assombro, após o passamento.

Porque nos ha de infundir pavor a fronte bondosa que hontem beijavamos, só porque se congelou o sangue que a animava e aquecia ? Porque temermos as mãos inertes e gelidas que hontem nos inudavam de caricias e osculavamos respeitosos ?

Por que fazer essa segunda viuvez, essa segunda orphandade—a da memoria, mais triste e mais cruel que a outra ?

Eu, minha senhora, passei como V. Ex. pela dôr innominavel de perder meu pae, de acompanhar-lhe a agonia e de vêl-o extinguir-se gradualmente aos meus olhos enlagrimados, sob os meus beijos impotentes. Velei-o toda a

noite, gravando na memoria os traços calmos de seu rosto. sentindo passar ao meu corpo a gelidez do seu.

Pois bem, as angustias d'essa noite eterna foram-me um consolo, e nunca elle, o meu morto adorado, me foi tão caro, tão bello, tão digno, tão bom, como naquella noite derradeira ! Medo ? Pavor ? Por que ? Pobre querido pae! Suas mãos rigidas abençoavam-me ainda e na sua face livida via o reflexo do sorriso amoroso com que me acolhia a todos os instantes.

E quando eu e os meus, em familia, relembramos a historia dolorosa d'aquelle justo, contemplando algum objecto que lhe pertenceu, como que nos achamos em sua companhia, e nos sentimos melhores. Ah ! V. Ex. comprehende-me.

Tem razão Teixeira Mendes quando affirma que " cada morto vae levando para a sepultura a parte melhor da vida dos que vão ficando, até que estes se acham reduzidos a verdadeiras mumias ambulantes em uma sociedade de indifferentes, sem terem sequer, para consolo de seu isolamento as maguas da saudade" e quando conclue : " D'ahi esse aspecto banal da existencia quotidiana, porque o egoismo theologico fez mirrar nos corações os grandes sentimentos da continuidade humana, sem os quaes não ha felicidade, nem dignidade." Nada mais verdadeiro.

Chalaceou-se á farta á custa da commemoração projectada pelo Centro Posivista. Achou-se ridicula, risivel, buffa essa idéia de realisar uma sessão magna e funebre em torno do tumulo do Patriarcha da Republica, do homem " que terá nos annaes da historia da Humanidade a gloria de haver sido o primeiro estadista que, dispondo, em um dado momento, de uma grande acção effectiva no poder, tentou a applicação completa de uma doutrina scientifica para o governo da sociedade."

Que ?! Musicas, discursos, cadeiras, tribuna no recinto do cemiterio. !... Oh ! Mas é um espetaculo ! Olhem, não esqueçam o phenol !

E por ahi além estendia-se a *vérve* trocista dos futeis.

Acham desopilante de pilheria esse acto augusto de piedade intelligente, no qual só os convencidos tomariam parte, de ir recordar seriamente, solemnemente, junto do logar sagrado em que dormem os despojos humanos de um grande patriota, as suas virtudes civicas e domesticas e os seus grandes serviços á patria e á Humanidade.

Mas então que juizo formam das ceremonias catholicas ? do responso engrolado por um padre lorpa, a troco de alguns mil réis, das missas, resadas de egual modo, ás quaes assistem, de ar estremunhado, rindo e conversando, os *amigos* e conhecidos ; dos enterramento em

que os *amigos* do morto delegam a sua dôr e as suas condolencias em empregados, que não conheciam o morto, ás vezes, nem de nome ; e, principalmente d'esse entrudo revoltante, que é o dia de finados catholico ?

Acham tudo isso grave, solemne, magestatico, pungente ?

Ah ! tartufismo social, radicado pelo habito trasmittido por attavismo, dignificado pela preguiça de pensar !

Ah ! minha boa senhora, lá toquei eu na causa-mãe de todos os nossos males—a preguiça de pensar.

O brasileiro, mais que nenhum outro povo, talvez, é victima d'essa molestia.

Nós acceitamos o que vem de traz, o que os nossos antepassados faziam, o que todos admittem e praticam, sem nos darmos ao trabalho de examinar se é bom ou máo, justo ou injusto, verdadeiro ou falso.

Para que gastar tempo nesse estudo ?

Nossos avós e nossos paes não faziam assim? Nossos contemporaneos não faziam assim? Pois então—adiante. Façamol-o tambem. E vamos perpetuando a injustiça, a crueldade, o crime, inconscientemente, tranquillamente, só porque não nos queremos dar ao trabalho de pensar um momento.

E quando alguem que se deu a esse trabalho, tão compensador, tendo com assombro

descoberto horrores, quotidianamente perpetrados *por todo o mundo,* nos vem acordar e nos diz :— "Meus amigos, isso que fazeis, julgando o bom, util, digno, serio, é simplesmente pernicioso, indigno, ridiculo ! O que deveis fazer é isto "; nós nos indignamos contra o desastrado que nos vem incommodar, rimo-nos d'elle e das suas idéias extravagantes e ridiculas, porque são *novas* para nós, e voltamos-lhe desdenhosamente as costas.

—Como ? !... Pois isto que se fazia d'antes, que todos fazem, não é bom, nem justo, nem serio ? E ha de sel-o o que esse atrevido nos está para ahi a pregar ? Ah ! não póde ser !

Está dito : não póde ser mesmo. Não nos detemos a meditar, porque sabemos de antemão a *massada* que dá trocar idéias feitas, opiniões formadas, praticas estabelecidas, habitos inveterados.

Somos um povo de commodistas.

Todas as manhãs esperamos que o criado nos traga o café, os cigarros e as opiniões que devemos ter durante o dia, reduzidas a peptonato mental nas folhas diarias, comtanto que não sejão *novas,* porque se o forem, para não termos o trabalho de entendel-as, sustentaremos as antigas.

E' a preguiça de pensar que faz de nós um povo molle, sem physionomia propria, sem convicções e sem idéaes.

E' ella que nos traz acurvos ao peso de um sem numero de prejuizos, erros e convenções anti-scientificas e deshumanas muitas vezes. E' ella que faz vestir luto, embora o passeiemos por todos os sitios de prazer; que faz trancar as casas ás mulheres que sabemos honestas, mas que não regularisaram ainda sua situação e abril-as ás deshonestas, mas casadas; é ella ainda que faz evitar o convivio dos pobres diabos sem vintem, cuja probidade nunca foi discutida, e saudar publicamente, com effusão, grandissimos velhacos *bem collocados, da boa sociedade*; é ainda ella, a preguiça de pensar, que faz ouvir com acatamento a palavra e os conselhos de velhos cretinos, dos *medalhões* consagrados, e desprezar desdenhosos a opinião e o trabalho dos moços de talento, *mas que não têm que perder*; é ella em summa, a funesta, a maldita preguiça de pensar, que nos entrega, inermes e confiantes, ás mãos de todos os especuladores e tartufos que, conhecendo a nossa molestia, o nosso fraco, nol-o lisongeiam, e nos exploram indignamente.

Perdoe-me V. Ex. essa tirada um poucochinho emphatica. O fundo é bom, e V. Ex. espirito alto e largo, desprendido d'essas pêas malsinadas, V. Ex. que tão serenamente encara os magnos problemas da Vida e se nutre de affectos como de grãos innocentes as aves do céo, V. Ex. terá, como eu, comprehendido

a pura e fortificante moral positivista no seu culto aos mortos, tão terna e luminosamento exposta pelo Sr. Teixeira Mendes, e ter-se-á apiedado do caturrismo archaico e theologico que impedio a homenagem civica projectada á memoria d'aquelle que a nossa Constituição consagrou fundador da Republica.

A minha illustre amiga é dos poucos espiritos de nossa terra que não têm preguiça de pensar.

Por isso, não se terá rido da mallograda commemoração positivista e da sua justificação, nem se rirá do obscuro escriptor que ousou defendêl-a, usurpando o precioso tempo de V. Ex.

Rio, Agosto—1892.

PARA QUE?

Tivera uma excellente idéia o banqueiro Diogo Prata em dar uma grande festa no seu esplendido palacete da praia de Botafogo para desmentir os perversos boatos soltos na praça para lhe abocanharem a reputação ; boatos que affirmavam a fallencia proxima, irremediavel e criminosa do famoso argentario.

Como pretexto aproveitou a incidencia do anniversario da esposa—a olympica, a estonteante Helena, que alli vae arrastando com garbo real a cauda do vestido de gorgurão branco, enfeitado de fitas côr de morango pisado e de verdadeiras rendas venezianas. Vae pelo braço de um elegantissimo joven, esbelto e louro como um canario, de uma correcção e desembaraço simples, de véro *gentleman*.

Passam entre os muitos pares que passeiam no salão sumptuoso, illuminado prodigamente por electricidade, e não tendo outros ornatos alem dos quadros e das estatuetas de bronze, marmore e terra cotta.

Não era mais formosa nem mais augusta aquella sua homonyma que fez a felicidade de Páris e a desgraça de Troia. Vêde-me a linha d'aquelle collo farto, rijo e arfante, e o contor-

no dos ilhaes robustos, abrindo as curvas graciosas após a angustura da cinta de vespa, e, subindo agóra, a esbelteza e brancura do pescoço a callida arqueação da bocca pequena e rubra, a pureza do nariz, o fogo manso e velado dos olhos inquietos e grandes e a opulencia negra da coma, recolhida e oppressa em um toucado simples, recamado de perolas, em que morre uma rosa, embriagada de goso. Vêde-me tudo isso, toda essa dama, e respondei-me se não arriscarieis ossos, pelle e vida para ser o seu Párisinho querido, que ella acolhesse á nudez piedosa do seu corpo praxitellico, perturbador como a visão de um abysmo.

Respondem á minha pergunta todos os homens da sala, não reformados ainda nas milicias de Venus, com os olhares interessados e constantes com que a seguem no seu passeio triumphal, olhares em que resôa o epinicio ardente da beldade e rugem maldições ao moço louro e correcto que a tem ao lado, docemente engatada ao braço—o imbecil!

Quem será elle? Parece estrangeiro. Deve ser francez e parisiense pela distincção toda ingleza que mostra. Talvez que saibamos isso e o mais que nos possa interessar, se ouvirmos o que conversam tão animadamente aquelles dois sujeitos apoiados de costas á janella do centro sobre o jardim, acompanhando sempre

com os olhos o par *inter primos* (Oh! perdão!). Approximemo-nos.

— Acho que é o nosso dever, o meu pelo menos, que sou amigo do Prata, quasi um irmão.

— O que é que seria o nosso dever, o seu pelo menos, segundo diz ?

—Ora, é bem claro : dizer-lhe tudo..

— Mas tudo o que ?

— Tudo o que vemos, tudo o que ouvimos, tudo o que sabemos !

— Mas o que é que sabemos, ouvimos e vemos ?

— Homem, você hoje, commendador, está de uma impertinencia insupportavel ; permitta á minha amizade de lh'o dizer.

— E' possivel, e permitto a descompostura, se lhe apraz ; porém responda á questão nitidamente : o que é que sabemos, vemos e ouvimos que devemos contar ao Prata ?

— Os escandalos amorosos da mulher ; ora ahi está.

— Ouça-me cá, meu caro Rodrigo. Você é muito mais moço do que eu ; tem, é certo, muito maior intelligencia e illustração ; mas eu tenho mais experiencia da vida e o senso mais amadurecido. Você não deve nunca dar ás apparencias uma confiança egual áquella com que distingue a certeza. Helena é *coquette* : está provado ; ama os bailes, as festa, o fausto, as homenagens, tudo quanto possa lisongear-lhe a vaidade,

justificada pela formosura : está provado ; tem correspondido á côrte assidua e mais ou menos inconveniente de alguns cavalheiros, colhidos e escolhidos no jardim do corpo diplomatico : está provado. Mas o que absolutamente não está provado é que ella haja adornado a fronte do nosso amigo com as classicas pontas que tanto pesaram a Menelau.

— Oh !

— Oh? como oh ? Por que semelhante exclamativa, redonda e larga como uma lua cheia ? Disse eu por ventura alguma enormidade ?

— Pois você deveras não está convencido de que a Helena...? Ora sou um seu criado.

— Não estou, meu amigo. Olhe, eu sou optimista por pessimismo. Creio tão pouco na virtude humana e taes e tantas patifarias tenho visto neste mundo, que, por systema, acceito todas as pessoas por fazenda de primeira qualidade até prova em contrario. Com este methodo philosophico arranjo um mundo menos sujo e menos vil para meu uso particular ; constrúo o aerostato de uma illusão, e metto-me nelle e nelle viajo aprasivelmente pelas regiões azuladas do Bem.

— De accordo, perfeitamente. Quer provas? Pois terá provas. Eu, — eu, está ouvindo?...— eu que lhe falo, e com estes olhos que está vendo, vi...

— E' o que os francezes chamam *vu, de mes yeux vu*... A nossa expressão "com estes que a terra ha de comer" tem mais graça.

—... vi a Helena saltar de um *coupé* de cocheira com o ultimo secretario da legação argentina, á porta de um dos gabinetes do Daury. Ouviu ? Entendeu ?

—Ouvi e entendi. Quem viu a cousa foi você, que podia ter visto mal. Em todo caso não foi eu. Mas, como quem tenciona denunciar o facto ao marido é tambem você e não eu, precisamos estudar a cousa por outra face. Demos por demonstrado e irrecusavel que aquella soberba mulher tem *enfeitado* o nosso amigo, seu illustre esposo, com todos os diplomatas em serviço activo, e mesmo com alguns dos postos em disponibilidade—e sobre tudo com estes. Para que vae você contar esses incidentes internacionaes ao nosso amigo ?

— Para que ? Esta agora ! Pois nós o vemos envillecido, ludibriado, coberto de ridiculo e de vergonha, repellido, sob pretextos habeis mas futeis, pelas familias mais serias da nossa sociedade, apontado a dedo nas ruas e nas salas, com risos e chufas, e não havemos de abrir-lhe os olhos; de dizer-lhe : " Salva a tua honra. Essa mulher engana-te : abandona-a, sacode o opprobrio que ella te lança aos hombros ? "

— Para que? torno a perguntar. Escute-me, Rodrigo. O Prata tem na mulher a mais abso-

luta confiança. Nunca suspeitou, não suspeita, não suspeitará nunca que ella possa enganal-o. E sabe por que ? Porque a confiança que elle tem na mulher não é outra cousa senão o reflexo da que deposita em si proprio, nos seus dotes, nos seus attractivos, no seu poder. Não se considera um marido *cocufiable*. *Não é d'esses*... percebe ? Essa fórma de vaidade, aliás muito commum, produz-lhe uma especie de cegueira limpida, como a da gotta serena : olha,— mas não vê. Julga-se amado, adora a vida, crê no amor é feliz. E você julga que o seu dever de amigo é operar as cataratas d'esse homem, para que elle veja a verdade, perca a illusão, odeie a existencia e seja um desgraçado incuravel, um desgraçado miserrimo ? Olhe, eu sou viuvo e não pretendo casar de novo. Mas se por ventura cahir nessa asneira e tiver a mesma sorte do nosso Diogo, se você é meu amigo, peço-lhe só uma cousa : não me abra os olhos, não me diga nada, deixe-me viver com isso que você chamaria a minha deshonra e que é apenas a felicidade para mim, pobre diabo cego e confiante. Se m'o dissesse, eu faria o que faz em taes casos todo homem de honra : lavaria a affronta do modo mais justo e menos cruel ; mas, depois, ante os pedaços da minha ventura partida, no horror da minha viuvez sem morte, não seria gratidão o que sentiria por você. Pode-se lá agradecer sinceramente a

alguem uma punhalada ou um copo de veneno que se não pedio e com que elle nos dá a morte sob o pretexto de que é a salvação ? A honra ! A honra é uma palavra, vasia aqui, cheia de vento algumas milhas adeante ; côr de neve do lado de cá de um rio, côr de sangue do lado opposto ; redonda para os habitantes do valle, quadrada para os da montanha. A honra é uma hypothese ; a vida é um facto. Não ha deshonra sem consciencia do facto que a produz. Se a fores dar ao nosso amigo serás não só o autor da sua desgraça,como da causa d'essa desgraça, isto é: da sua deshonra. Se isto não é logico, então...

— Muito têm vocês conversado nesta janella ! Não dansam, não passeiam, não jogam... Vocês ao lado de senhoras têm o valor de zeros á esquerda de um algarismo.

Basta esta imagem para denunciar o novo interlocutor : é o banqueiro, dono da casa. Um homem baixo, magro, de mãos e pés delicados, cabeça fina, olhos vivissimos, ar atarefado mas distincto.

— Discutiamos varios casos de psychologia matrimonial ; accudio o commendador.

— Repararam como está hoje bonita a minha Helena ? Tem valsado quasi toda a noite com Monsieur de Beaumont. Olhem se eu fosse ciumento ! Mas vou furtar-lhe o cavalheiro para uma partida de voltarete.

E affastou-se rapidamente na direcção das pessoas a quem se referia e que passeiavam lentamente, conversando baixinho.

Então, Rodrigo, o mais moço dos dialogantes, disse para o outro, com um movimento de hombros e uma tristeza na voz :

— Sim, tem razão : Para que ?

Dezembro—1895.

DIARIO DE UM MARIDO

(FRAGMENTO)

. . . .

Fevereiro — 10 — 189...

Ha seis noites que luto desesperada, mas inutilmente, com a isonnia, neste leito procustiano de hotel, enjaulado neste quartinho triste, sósinho, em terra estranha. Que imprudencia não haver trazido a minha Annita !

Quiz experimentar, ainda mais uma vez, se poderia passar sem ella, se poderia viajar só. E o resultado foi, mais uma vez, esta agonia em que me debato. E' inutil lutar; essa mulher adorada é hoje, depois de dez annos da união mais completa, um membro do meu corpo, uma parte de minha alma.

Não dormir ! Ouvir os visinhos de quarto que entram de volta do theatro, cantarolando, satisfeitos, calmos, com a certeza de que vão dormir perfeitamente, e sentil-os, minutos depois, resonar em compasso, como santos... ou como porcos !

Um dos visinhos, antes de deitar-se, disputa irritado com a companheira. Estupido ! Tem uma mulher a quem naturalmente não ama e de quem não precisa para dormir e

deita-se com ella! Estupido! Para que? Por que não aproveita a liberdade? Porque não dorme sósinho?

Ah! se eu tambem fosse livre! Mas este amor, que só posso abençoar, tornou-me escravo de habitos secundarios, quasi ridiculos. Mas que frio! Sinto uma especie de esquecimento que me invade os membros. Será a morte? Morrerei esta noite? Que eu durma as cinco horas que me separam do dia e estarei salvo, porque farei um telegramma á Annita e á tarde tel-a-ei em meus braços, Mas este mal estar augmenta...Sinto-me leve, insomne, vibratil, como que etherisado, e o coração martella-me no peito descompassadamente, as arterias batem; o minimo ruido, o mais tenue cheiro, a sensação mais leve, uma ruga do lençol, tudo sinto, clara, agudamente. Sou como uma placa metalica finissima que registra a mais delicada vibração do som.

E' o ar que me falta, agora... O coração pára. E' agora. Mais um minuto escoa-se, e outro mais e cinco... Passou a afflicção; só ficou a isomnia. Leio; inutil: não entendo o que leio e não faço somno. Fumo; o cigarro amarga-me, o fumo suffoca-me. Só escrever me faz bem e por isso escrevo e vou enchendo febrilmente esta pagina do meu diario calmo.

Roda um carro. Talvez um casal amoroso; vêm de uma ceia alegre, meio ebrios, rindo e

beijando-se e vão dormir regaladamente. Felizes !

Ja tentei hontem esse recurso para evitar a sexta noite de insomnia. A mulher era bonita e moça, mas tão estupida ! Adormeceu no carro que nos levava á sua casa. Deixei-a á porta, pretextando haver esquecido abertas as malas no hotel e para que não tomasse a evasiva por um "lapin", metti-lhe uma nota de cem francos no vão da luva cor da canna. Se ella dormia no carro, o que não seria no leito ! E eu teria de padecer a minha insomnia ao lado d'aquella mulher publica, adormecida serenamente como um anjo ! Que horror !

.... Passou ; foi um novo accesso nervoso. E se repetir ? O melhor é chamar um medico. Mas que sabem os medicos ? E, depois, não ~~tenho~~ eu tomado já o que elle me receitaria ? Agua de melissa, valerianato de amonia, bromureto de potassio, tudo ; só serve para mais excitar-me.

Tenho alli duas capsulas de sulfonal. Tomo a primeira e espero o effeito. Quero dormir ! Duas horas ; faltam ainda tres para romper o dia. A vela arde estremecendo, projectando longamente a minha sombra na parede branca. As palpebras pesam-me, ardem-me os olhos, pica-me o corpo ; a mão amollece, os dedos despegam-se da caneta... Vou deitar-me...

....

Vejo luz ; mas não é da vela ; esta desappareceu no castiçal. E' o dia. Mas então dormi ! Vejo o relogio : oito horas. Dormi ! A noite está passada. Como é agradavel a luz do sol ! D'aqui a pouco vou telegraphar a Annita. Chegará á tarde e a minha calma recomeçará !

Mas chove ; os fios d'agua rufam nos vidros. Só me levantarei ás nove. E fico meditando, os olhos fitos no tecto, branco-encardido, do quartinho do hotel.

Os solteiros queixam-se da sua solidão, da sua vida isolada, erma, de abandono. Mas que é melhor : isso ou a inutilisação de um homem que tem a sua vida indissoluvelmente amarrada á de uma mnlher, que sem ella não tem alegria, nem vontade, nem pensamento ?

Quando a não sinto perto de mim, minh'alma alaga-se de um terror branco, frigido, mortal, como um suor de agonia;—é a " sóliphobia," o horror ao " só ", o egoismo " a dois." Mas... e a morte ?... Eu terei de morrer " só " ! E esta ideia enregela-me, essa ideia que não posso exprimir por defficiencia de locução, de palavras bastante subtis e intellectuaes:

Pois não fôra melhor, pergunto-me, que eu fosse um " vieux garçon ", um d'esses ferozes cultores do "eu", para quem a solidão é um goso intenso e completo, a quem só o " eu " interessa e occupa no mundo ? São felizes ; não se fundem em outra pessoa ; bastam-se a si

mesmos ; vivem " a um, " ao passo que eu vivo " a dois."

Mesmo quando acompanhados, estão sempre sós. Até no amor, porque o seu goso é feito só do goso do seu " eu ; " porque, nos braços da mulher que os ama, " amam sósinhos." Por fim morrem tambem sós, sem terror. Sem terror? Quem sabe? Talvez não.

Quando se ama e se é amado, deve-se ter ao morrer, a impressão de que não se morre de todo, que uma parte de nós aqui fica, metade do nosso " eu," soffrendo, continuando-nos... Talvez que essa certeza de deixar alguem padecendo as nossas dôres, extinctas no passamento, adóce o trance final : é ainda uma modalidade do egoismo,—a mais terrivel, mas tambem a derradeira.

E, depois, os filhos, com o nosso sangue, as nossas feições, com o moral feito ás nossas mãos, elles devem dar-nos a impressão de sobrevivencia, e essa impressão deve sobrepujar a immensa dôr de deixal-os, de perdel-os no eterno apartamento. Ao passo que os " outros," esses devem extinguir-se desoladamente, como vélas inuteis que arderam á luz do sol. Sim, " deve ser" isso. Embalemo-nos nessa esperança, embriaguemo-nos com essa illusão; é o unico consolo que nos possa restar...

....

Fevereiro—11—189...

Assim, pois, resignemo-nos. Acceito, passivamente, esta tyrannia singular, esta escravidão de todo o meu ser a uma mulher, áquella que é para mim a unica mulher do mundo, porque só ella me completa na vida. Já não luto. E para que lutar, se esta dualidade me é tão doce, se d'ella decorre a minha felicidade?...

Mas se eu enviuvar? E que ganho em prever esta hypothese? Deixemo-nos levar pela hora presente, sem tentar desvendar "o que ha de ser". Não esperemos a felicidade completa na terra, visto que a não podemos encontrar nem mesmo no perfeito amor, e envenenemo-nos lentamente, descuidosamente, com o laudano doce do esquecimento.

Vem, corpo de minh'alma, alma de meu corpo! Vem, que eu, longe de ti, me morro miseravelmente. Vem, eu do meu eu, que quando estás longe de mim, não vivo, não: agoniso apenas!

....

Rio, Novembro—1895.

UMA SURPRESA

A RODRIGO OCTAVIO

A morte subita do padre Jeronymo de Sant'Anna espalhara a consternação em toda a freguezia da Gloria.

Trinta e tres annos; cabeça loura, viril pelo desenho, feminil pela delicadesa da expressão.

Nos seus olhos azues suavissimos banhavam-se do ether da fé os das suas lindas confessadas, que sahiam sempre perturbadas de seus pés, com o incendio de duas rosas nas faces e o coração inquieto...

Nem uma palavra profana, menos repassada de contricção lhe escapava, no emtanto, dos labios pallidos e finos...

Porque se perturbavam então as gentis freguezas do padre Jeronymo? Porque elle era moço e formoso, formoso de entontecer cabecinhas de dezoito annos, ennevoadas por leituras sentimentaes.

Dir-se-ia um d'esses anjos annunciativos de Lorenzo di Credi ou Boticelli, pintados a leite e rosa. A sua castidade, porém, era proverbial no bispado.

Havendo feito com brilhantismo os seus estudos ecclesiasticos, fôra completal-os doutorando-se em canones a Roma, e tanto se havia distinguido lá, que correra o boato de haver sido convidado pelo Papa para seu secretario particular ;—boato que elle, aliás, desmentio sempre.

De regresso, foi viver com a mãe viuva e a unica irmã solteira, na deliciosa casinha de Santa Thereza, pertencente á familia. A irmã desposou um medico, e o padre ficou só com a velha mãe, que elle idolatrava. Passados alguns annos, partia-se esta para a grande viagem do Alem, morta suavemente, sem agonia, como um passarinho.

O que soffreu o padre Jeronymo lia-se-lhe no magoado sombrio dos olhos, no emmagrecimento das faces, no abatimennto de todo elle.

Conservou a residencia familial, sagrada por tantas recordações piedosas. Alli viveu vida santa, de uma exemplaridade rara, de todos sabida e louvada.

Imagine-se, pois, a consternação que a morte subita do padre Jeronymo de Sant'Anna espalhou em toda a freguezia da Gloria.

A casa, no dia fatal, não desenchia de familias, em luto, que iam beijar-lhe as gélidas mãos immaculadas.

Uma das mais lindas das suas confessadas — dezesete annos ridentes e perfumados,

florindo entre as rosas das faces e dos labios, á luz tropical de dois sóes,—soluçava convulsamente, de joelhos, espalhando o luto de seus cabellos sobre os alvos lençóes mortuarios.

Oh! não chorava menos afflictamente que a irmã do morto, ajoelhada tambem, mas no genuflexorio d'elle, em face do pequeno oratorio flammejante, do qual o Nazareno livido, em sua agonia de marfim, presidia á funebre scena.

Eram muitos os padres, velando o collega, consolando as mulheres. O bispo em pessoa fôra abençoar o cadaver.

A's quatro horas fiizeram sahir todas as mulheres: iam vestir o corpo. O bispo, que prezava e estimava muitissimo o padre Jeronymo, qniz ajudar tambem a triste cerimonia. Decidiu-se que elle seria vestido com a melhor batina e a capa mais nova. O conego Alves, seu amigo mais intimo, incumbiu-se de procural-as nos moveis do quarto.

Nas gavetas da commoda só encontrou roupas brancas, cheirando a rosmaninho e a trevo. Abriu então o elegante guarda-roupa de erable, de porta de vidro... e recuou, pallido, sem poder represar uma exclamação de surpresa.

Entre as batinas, capas e sobrepelizes estava pendurado um vestido de seda côr de perola, coberto de rendas, com a cauda amarfanhada e as mangas largas boffando d'entre os negrumes das roupas talares.

Uma onda violenta de aromas sahiu do movel, invadio o quarto, agitou brandamente as chammas dos cyrios pensativos.

Dir-se-ia a alma de uma mulher linda e joven, descaptivada de repente e enchendo o recinto de morte com o vivo aroma capitoso do amor.

Os padres entreolhavam-se, interdictos. Um diacono sorria-se, com as ventas afflantes.

Mas S. Ex. o Sr. bispo, sem se perturbar, disse com a sua voz pausada e grave :

— Uma recordação sagrada, esse vestido : foi da virtuoss mãe do nosso irmão que ora descança no seio do Senhor.

E o diacono sorria-se...

21—8—95.

ABANDONO

Mostraram-me hontem, na rua, um sujeito que abandonou a mulher, ha dias.

Mas que a abandonou em circumstancias especialissimas : após quinze annos de matrimonio e de haver tido dez filhos com ella.

O caso fez-me scismar.

Indaguei da razão ou do pretexto apresentado pelo marido para esse acto insolito. Que a mulher estava velha ; informaram-me.

Acreditei. Deve ter sido essa a razão. Nesta terra, em que o pão é facil, embora caro, e tendo o individuo em questão uma graduação scientifica, que lh'o assegura, não creio que elle haja expulsado a esposa pelo motivo de lhe ella dar muitos filhos. Nem mesmo como pretexto o admitto.

Informei-me sobre a conducta da esposa corrida do lar e sube ter sido irreprhensivel sempre : uma santa, disseram-me.

Convenci-me então completamente de que o Dr. X. expellio de casa a mulher por achal-a... velha.

Jesus ! neste paiz tropical, em que o clima faz viver tão intensamente e tão depressa e em que a mulher desde que é mãe se esquece de si

propria completamente para viver só nos filhos, não se poupando fadigas, trabalhos nem dores para que nada lhes falte em carinho, em conforto e em prazer; no Brasil, digo, a maternidade avelhenta e acaba rapidamente as mulheres.

Dez filhos! Qual a formosura de brasileira que resiste a dez filhos? O Dr. X. uma bella manhã, em que acordou cedo, contemplou a esposa, adormecida ainda, abraçada ao *cassúla*, que havia semanas andava em trabalho de dentição, e por isso chorava quasi toda a noite. Poz-se a reparar na mulher.

Como estava acabada!

Cabellos brancos, peito descarnado, seios flacidos, pés de gallinha... Diabo!

Depois olhou-se no espelho.

Sim, senhor. Um rapagão ainda! Alguns fios de prata, já, mas a pelle fresca e rosada, os olhos risonhos, o bigode petulante... Diabo! E havia de viver amarrado áquella velha! Nada! O melhor era separarem-se. Dividiriam os filhos; elle garantir-lhe-ia uma pensão bastante... Que mais podia desejar a mulher?

Deve ter sido este o raciocinio d'esse homem. Eu não o conheço, nem de nome. Apenas de vista, porque m'o indigitaram na rua dizendo-se-me: "Alli vae um sujeito, medico, que abandonou a esposa após quinze annos de matrimonio e dez filhos, por achal-a feia e velha."

Mas estou prompto a jurar que esse sujeito está doente do juizo, que, senão enloqueceu já, não tardará que enlouqueça.

Pois é lá possivel que um homem, após quinze annos de convivencia e cohabitação com uma mulher, tendo tido d'ella dez filhós (seis, quatro, um que fosse!) tenha a coragem cruel de abandonal-a por já não ter a frescura e a belleza da noite das nupcias ?

Não, embora esse homem não houvesse casado por amor.

Pois, que! ganhamos affecto ao cão que nos acompanha e affaga de longa data, ao cachimbo em que fumamos as nossas scismas e as nossas magoas ha annos; aos nossos livros de escola; a velhice d'esses companheiros da nossa vida enternece-nos, augmenta o nosso affecto por elles, e poderiamos desprezar a mulher que é nossa, unicamente nossa, desde a mocidade, em cuja companhia temos envelhecido, só porque ella envelheceu tambem ? Não, cem vezes não!

Lerás, por ventura, estas linhas, pobre mulher expulsa do ninho que a lei te concedera e que forraste de todos os arminhos do amor? Se as leres, não amaldiçôes, não odeies teu marido; lamenta-o, chora-o: enlouqueceu. Com a razão integra, elle não poderia contemplar as tuas rugas, as tuas cãs, a fadiga do teu corpo sem um profundo enternecimento, porque leria

nesses vestigios crueis do tempo implacavel a historia da sua propria vida; porque se lembraria que o teu corpo se alquebrou entre os seus braços amados e concebendo d'elle, amamentando-lhe e criando-lhe os filhos; que foi o ardor de seus beijos que crestou os teus encantos; que foi o seu amor, emfim, que te devorou a formosura e a mocidade! Teu marido, pobre mulher, está louco.

Julho—1895.

TYPOS NOSSOS

I

O EXQUISITO

E' um dos mais curiosos da extensa galeria, porque, sendo vulgar, julga-se sempre muito raro, quasi uuico.

Em cem pessoas ha oitenta, pelo menos, que se julgam *exquisitas*.

Mas o que é ser *exquisito* ? E' ser original nos gostos, nas idéias, nos habitos, no comer, no vestir, no tratar, no viver, em summa ; é differençar-se, distinguir-se, destacar-se *dos outros*.

—Oh ! eu sou muito exquisito. Nem póde imaginar !

E' uma phrase que se ouve em toda a parte, nas salas como nas ruas.

E os individuos que a proferem, estão realmente convencidos de que ninguem ha como elles, que são verdadeiros cysnes pretos ou corvos brancos.

Ser exquisito é mais do que um *tic*, uma distincção, uma fortuna : é uma gloria.

O *soi-disant* exquisito contenta-se e alegra-se e felicita-se com a idéia de que os seus conhecidos e amigos dizem d'elle :

— Oh ! é um *exquisitão* !

Os exquisitos podem dividir-se em tres categorias : os physicos, os moraes e os intellectuaes.

Os exquisitos *physicos* são os que se julgam differentes dos outros quanto á vida exterior, social, na maneira de vestir, de comer, de tratar.

Alguns exemplos, do natural, fazendo falar os proprios typos :

— Em hotel não como arroz nem ensopados. Ah ! eu sou muito exquisito ! Só como carne assada. O bife mesmo *não vae;* e então picadinho ? Tambem não como manteiga, nem queijo de qualidade nenhuma. E o peixe, então ? Só como garoupa ou badejete, só ! Sou muito exquisito de bocca.

Outro :

— Não ha meio de dormir em cama que não seja a minha. Não posso, não está em mim. Nem visto roupa de ninguem. E ainda tenho outra coisa comigo : se alguem vestir alguma peça de roupa minha, calça ou camisa, conheço logo e não a visto mais. Ah ! sou muito exquisito. Nem calcula.

Os exquisitos moraes são os que têm sentimentos á parte, extraordinarios, unicos.

Por exemplo :

— Eu, em questões de honra, dignidade, familia, etc., sou muito exquisito. Sou pobre,

preciso de ganhar a vida, mas não visito ninguem mais rico ou mais bem collocado do que eu. Nem peço nada a niguem! E outra coisa: quando fico mal com alguem é para sempre. Não guardo odio nem rancor, mas, uma vez cortadas as relações, acabou-se! Ah! eu cá sou assim! (Como *Mam'zelle Nitouche.*)

Os exquisitos intellectuaes são os que crêem ter uma cerebração fóra do commum, idéias só d'elles, um modo de pensar de seu uso exclusivo, *verbi gratia*:

— Eu penso cá a meu modo, differente dos mais. Não tenho escola, nem partido. Em politica não me metto: acho a politica uma calamidade necessaria, como as casas de tolerancia por exemplo. Oh! bem sei que ha de chocal-o a comparação; mas eu cá sou assim. E' uma exquisitice minha!

Entretanto ha na sociedade homens realmente exquisitos, na accepção admittida do vocubulo.

Mas acontece com esses o mesmo que com as pessoas verdadeiramente honradas e corajosas. Regra geral:

Quando ouvirdes um homem blazonar de honrado, apregoar suas virtudes, encher a bocca com as suas façanhas de honestidade ou de bravura, ponde-o logo, logo, de quarentena.

E quando ouvirdes um sujeito a proclamar-se o mais exquisito dos exquisitos, podeis

immediatamente jurar que é o mais banal dos banaes, o mais ordinario e commum de todos os bipedes, inclusive o pato.

II

O ESCOVA

— Você, afinal de contas, não passa de um *escova* muito ordinario.

— Ora saia d'ahi, seu *escova.*

— Você leva toda a sua vida a *escovar* o Commendador.

E' muito commum ouvir, na roça, phrases como essas, cujo enunciado basta para fazer comprehender que pelo vocabulo *escova* alli se designa, em sentido figurado e com intenção ridiculisante, o adulador.

O simile é bem achado. Com a escova se limpam as roupas e os objectos de valor da poeira, das nodoas, de tudo que possa estragal-os ou afeiar-lhes o aspecto. Quem escóva uma coisa qualquer é porque tem cuidado com ella, porque a estima e lhe dá valor, e a deseja ter sempre conservada e bonita. O engraxador e o barbeiro, para captarem a sympathia do freguez, escovam-o cuidadosamente. Algumas esposas, quando querem mostrar o seu carinho aos maridos ou d'elles conseguir alguma coisa, escovam-lhes delicadamente a roupa, quando elles vão a sahir, já de bengala e chapéo.

Assim, o adulador, quando pergunta pela saude ao adulado e lhe dá conselhos e recommendações, não faz senão *escoval-o* moralmente.

Ha no sentido figurado a mesma variedade de *escovas* que ha no real. Assim é que temos as *escovas* grossas, de palha piaçava, crina ou outra materia forte, e as de seda, para roupas finas e chapéos de pello; os aduladores francos, ruidosos, que acariciam parecendo *esfregar*, e os macios, acarinhantes, zumbaiosos, ciciantes, mellifluos.

A variedade é enorme, quer em qualidade quer em feitio.

O *escova* typo da especie é o que presta continuamente serviços ao adulado; que o acompanha a todo momento para alivial-o dos embrulhos, chamar carro, comprar-lhe os cigarros, levar-lhe as cartas ao correio, dar a mão ás crianças, comprando-lhes balas e tetéias, fazer-lhes companhia á mesa das refeições e á do jogo; emfim, o que faz praça publica de sua dedicação, do seu affecto, da sua admiração. Esse é o *escova* primitivo, bruto, desmascarado, conhecido despresivelmente pelo nome de "sabujo".

Ha tambem o *escova* artista, o que adula com tal geito e finura que o *escovado* nem percebe que o está sendo. Esse não se agarra ao seu homem, não o persegue com attenções, não o cobre de elogios constantes. Faz-se encontra-

diço, e quando o encontra, como se fosse por acaso, manifesta todo o prazer que lhe dá a sorpresa de encontral-o e, depois de conversar sobre banalidades, exclama, por exemplo :

— Ah! ia-me esquecendo : achei magistral o seu discurso na camara, ante-hontem. Que força de logica ! Que belleza de expressão !

Quando o *escovado* o convida para jantar elle recusa, pretexta estar compromettido a jantar com um figurão qualquer e só acceita depois de muito rogado. Quando presta ao *escovado* algum serviço, não lhe fala em tal ; elogia-o na ausencia, dizendo d'elle maravilhas a pessoas que o *escova* tem certeza que hão de contar ao *escovado* quanto aquelle é amigo d'este e o bem que delle diz por toda a parte.

Para lisonjear-lhe a vaidade, usa das mesmas gravatas, prefere o vinho e a cerveja de que elle mais gosta, os livros que elle mais lê, acha lindissimas as mulheres que elle acha bonitas, embora as gravatas, as bebidas, os livros e as mulheres sejam detestaveis ; só para poder exclamar com alegria :

— Homem, é bôa ! Temos exactamente os mesmos gostos ! O que é a força da sympathia !

Essa especie de *escovação* não falha. Só lhe poderá escapar quem fôr inaccessivel ás ciladas da sabujice.

São innumeraveis os meios de *escovar*. Um dos mais vulgares é o convite para padrinho de

casamento ou baptismo. Outro, muito mais seguro, é promover manifestação com bondes embandeirados e calamidade a oleo, quero dizer: retrato. Outro ainda mais seguro: arranjar para o *escovado* uma patente de official da Guarda Nacional ou um baronato ou viscondado.

Sei de um rapaz, hoje millionario, que, se o é, deve-o a ter arranjado para um capitalista vaidoso as dragonas de tenente-coronel.

Emfim, a variedade é enorme, e estudar todas as especies de *escovas* é assumpto para grosso volume.

Na roça tambem chamam ao adulador de *caçambeiro*. Sabem porque?

Porque lá um dos meios mais usados para bajular é segurar nas caçambas (estribos de metal com a forma de *sabots*) para que o bajulado nellas metta os pés e se firme na sella.

Tambem lhe chamam *engrossador*, *archeiro*, *lambe-pratos* e outros designativos, mais ou menos injuriosos e expressivos.

A adulação é aviltante para quem a exerce e só agrada aos nescios e aos fatuos.

Quem tem intelligencia e consciencia enoja-se d'ella e difficilmente resiste ao impulsivo desejo de arredar com o pé, com asco, os aduladores, como a cães leprosos; mas que remedio senão resistir-lhe? Do contrario, muita bota se arrebentaria pela ponta.

III

O PÁO PARA TODA OBRA

Abunda entre nós.

(Singular maneira de começar um artigo, concordo! Mas, como tem ponto final, não ha novidade.)

O páo para toda obra é de varias especies. Ha o politico, o litterario, o industrial, o industrioso, etc, etc.

Consideremos os principaes.

O páo para toda obra politico é bastante conhecido.

Tomemos não obstante um exemplo: — o Dr. Coisa.

E' bacharel em direito, tem uma bella apparencia, usa oculos e tem voz de barytono.

E' impossivel dizer quaes são as *suas* idéias politicas, porque elle, desde o momento em que se resolveu a fazer carreira politica, tomou a precaução, infinitamente sabia, de ter as idéias politicas que os seus interesses lhe aconselhassem ter.

Ora, como os seus interesses lhe aconselhariam sempre a ter as idéias do governo e do partido dominante até ao momento em que aquelle devesse degringolar e este passar ao ostracismo, elle decidio definitivamente, no supra-dito momento solemne, ter sempre as idéias do governo e do partido empoleirado.

E se assim o disse melhor o fez.

Era de ver o enthusiasmo, o fervor politico com que elle defendia na imprensa, disfarçado em *inglez*, e na tribuna do parlamento o programma do governo e as idéias do seu partido, (*seu*, do governo, está visto!) fosse qual fosse o governo, fosse qual fosse o partido!

Alguns annos d'essa gymnastica bastaram para que o nosso homem se tornasse perfeitamente apto a defender com egual vigor e egual successo os programmas de todos os partidos e a politica de todos os governos.

Ora, essa preciosa qualidade — preciosa? preciosissima!—tornou o grande homem verdadeiramente impagavel, isto é: *pagavel* como todos os diabos.

Embora todos os ministros fossem de opinião que não havia dinheiro que o pagasse, elle, incredulo, fazia-se pagar por elles cada vez mais caro, para verificar pessoalmente se de facto não haveria nas arcas do thesouro dinheiro bastante para recompensar-lhe os meritos e os serviços.

Inutil é accrescentar que o homemzinho ainda não concluio as constantes experiencias que para tal fim ha realisado.

Eis ahi, pois, um engenhoso cavalheiro capaz de pôr ao serviço de qualquer programma politico e da defesa de qualquer acto governamental os mais pujantes e subtis argumentos, a

mais convincente e flammivoma rhetorica, o mais communicativo e sincero enthusiasmo. Verdadeiro "páo para toda obra"... politico.

Do litterario não temos tantos exemplares. São entre nós muito mais raros.

E é natural. E' muito mais facil encontrar quem seja capaz de escrever artigos e fazer discursos para sustentar e defender todas as opiniões politicas, por mais discordantes, e todos os partidos, por mais antinomicos, do que achar quem possa escrever em prosa e em verso, sobre assumptos graves e assumptos frivolos, artigos de fundo e *triolets*, critica litteraria e folhetins trocistas, contos e sonetos, artigos doutrinarios e chronicas da moda.

Onde o "páo p'ra toda obra" é mais precioso, é na imprensa. Jornal que um d'elles possúa pode dizer que tem a fortuna em casa.

Porque o *páo*, pode fazer sósinho, toda a folha, desde o artigo de fundo até ás *reclames* da terceira pagina.

Cá fóra, na chata vida quotidiana, encontram-se *páos* de um encyclopedismo admiravel. Tenho conhecido sujeitos, que, sem jámais haverem aprendido alguma coisa, tudo fazem e com egual habilidade.

Concertam relogios, pintam pannos de theatro, tocam dois e tres instrumentos, cosinham, são curandeiros, representam scenas comicas,

dansam como chorybantes, escrevem redondo e gothico como o N. Figueras, cantam modinhas como o Bahia, arrancam dentes e, *par dessus le marché*, arranjam cada pedaço de filho que benza-os Deus !

Um diabo d'esses é precioso, é realmente impagavel.

Conheci um na roça, chamado o *Topa-tudo*, que era a Providencia do logar. Não chegava para as encommendas. Era d'aqui um chamado para servir de enfermeiro a um doente grave, (não havia *soror* que o excedesse no zelo, carinho e paciencia); d'alli um appello urgente para dirigir a cosinha de um fazendeiro em dia de anniversario e servir-lhe á noite de mestre de sala ; d'acolá chamavam-o para concertar uma machina ; de mais longe para fazer um leilão de prendas, etc...

Era espantosa a habilidade com que aquelle demonio, quasi analphabeto, em tudo se mettia e sabia de tudo.

Só o vi sahir-se mal de uma aventura amorosa. Coitado ! Deram-lhe de páo que foi obra !

Em geral os "páos p'ra toda obra" entendendo de tudo um pouco, não entendem bem, por isso mesmo, de coisa nenhuma.

E' a eterna lei das compensações.

IV

O GEITOSO

Com geito se ganha a vida,
De tudo o geito é capaz ;
A coisa é ageitar-se o geito,
Como muita gente faz.

Esta quadrinha, da lavra do pobre Margarida, o poeta cavouqueiro, como devem lembrar-se, é profundamente philosophica.

Ella resume a historia do fastigio de muitas das nossas existencias ; a explicação da miraculosa fortuna de que são bafejados continuamente muitos dos nossos homens.

Ter geito é ter tudo ; ser geitoso é estar apto para conseguir todas as victorias.

Pode um sujeito ter talento, ter illustração, reunir todos os dotes naturaes e todas as qualidades adquiridas para occupar as mais elevadas posições e não conseguir ser... inspector de quarteirão.

Entretanto, um individuo ignorante, mal educado, sem lettras, sem talento, sem meritos de nenhuma especie, galga aos saltos, assombrosamente, todas as posições, e em breve o vemos encarapitado no zenith do poder, da fortuna e da gloria.

Como se explica isso ?

Facilmente e assim : falta ao primeiro o que sobra ao segundo — o geito.

O primeiro não sabe fazer valer as qualidades que tem ; o segundo sabe e faz valer as... que não tem.

O primeiro, como tem consciencia do que é e do que vale, não se preoccupa *com parecr o que é*, não trabalha para pôr em evidencia os seus direitos aos sorrisos da Sorte.

O segundo, como sabe que não vale nada e que é um grandissimo zero social, trata de encobrir as suas defficiencias intellectuaes e moraes, como um careca a sua calva (ou como um calvo a sua careca) e, por um estudo acurado das apparencias, certo de que o poder da vontade a tudo vence e subjuga, vae minando, vae furando, vae-se impondo, e, como a tartaruga da fabula, vence, por fim, á força de tenacidade e paciencia.

Quantos oradores, quantos poetas, quantos estadistas, não passam despercebidos, no seu tempo, só porque lhes falta algo que é mais do que "*esse descarado heroismo de affirmar*, que, batendo na terra com pé forte ou pallidamente elevando os olhos ao céu, cria, atravez da universal illusão —Sciencias e Religiões", porque lhes falta — o geito ?

O geito tambem é aptidão, dizem os diccionarios.

Só elle explica a felicidade dos mediocres. Quantos homens de talento e de illustração não ha que têm feito fiasco nas cousas para que *deviam ter nascido?*

Quantos camellorios não se têm saido perfeitamente d'aquellas para que *não pareciam talhados?*

E' que os primeiros tinham tudo o preciso menos o *feitio, o faro, a habilidade,* o poder de ser "romano em Roma," de "dansar conforme lhe tocam," e de "deixar correr trinta dias por um mez."

Ouço frequentes vezes exprimir pasmo e indignação em relação a um sujeito que, por exemplo, enriquece, adquire amisades preciosas e galga o fastigio dos gosos e das honrarias, tendo começado sem um vintem na algibeira e sem uma idéia no cerebro.

Nada mais injusto do que esse pasmo e essa indignação.

Emquanto os competentes se conservavam quietos em suas casas, muito convencidos dos seus merecimentos, á espera de serem descobertos, e de se lhes fazer justiça ás aptidões, os *outros*, os taes *finauds*, mourejavam na rua, approximavam-se dos *deuses*, captavam-lhes a amisade com elogios e attenções, illudiam-lhes a bôa fé, *punham-se á bica*, e agarravam a occasião pela sua unica melena.

Não comprehendo como é que não se creou ainda este brocardo:

"Mais vale um gago na tribuna do que um facundo em sua casa."

"Chega-te aos bons," diz a sabedoria das nações. (Já agora vae todo em annexins este artiguete.) Ora os bons são os que dispõem do poder do Dinheiro.

Nem todas as portas se abrem a murro, mas não ha nenhuma que resista á gazúa.

Ora o geito é a gazúa que abre todas as portas da Fortuna, que não conseguem abrir aquelles mesmos *que têm a chave.*

O geitoso não é um typo particularmente brasileiro: pertence a todos os povos; porém mais ao nosso do que a qualquer outro, porque no Brasil, especialmente, ouro é, não o que ouro vale, mas o *que ouro parece.*

Malventuroso Margarida! Descobriste a philosophia da vida social e... morreste cavador!

V

O PATRIOTA

E' numerosa esta variedade. O patriota come, bebe, respira "amor da patria". Não vive de outra cousa. Com a patria se deita, com a patria se levanta. Todo elle é patriotismo—da aba do chapéo molle á ponta rebentada dos sapatos.

A grande satisfação e o grande orgulho de sua vida é simplesmente ter nascido brasileiro. Oh! o Brasil, que natureza opulenta e bella! que céo! que mar! que florestas! e que

costumes! Em que outro paiz do mundo é que se encontra esta franqueza, esta generosidade, este espirito hospitaleiro? Em nenhum.

E o patriota em cada esquina a que se encosta—e não são poucas—e a cada mesa de botequim a que se debruça—e não são raras—recomeça infatigavelmente o elogio da sua terra.

Tem de cór uma copiosa collecção de sentenças latinas e francezas e de versos portuguezes referentes ao amor da patria. Aqui vão alguns destes e algumas d'aquellas, como amostra: *Pro patria laboremus*; *Dulcis est pro patria mori; Ubique patria memor; Mon Dieu et ma patrie*; *Deus, Patria, Liberdade; Omnia pro patria; Pro patria semper, etc.*

Todos cantam sua terra,
Tambem vou cantar a minha;
Nas debeis cordas da lyra
Hei de fazel-a rainha...

e a indefectivel quadrinha

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgeiam
Não gorgeiam como lá.

Trauteia a *Marselheza*, quando não pode berrar-lhe a lettra:

Allons, enfants de la Patrie!...

Não se lhe conhece outro officio senão esse de ser patriota. Mas o curioso que acompanhar os actos de um d'esses homens e indagar dos seus precedentes descobrirá cousas bem singulares. Verá que esses Brutos (sem *calembour*), quando ha guerra, fogem para o matto; para não serem obrigados a *ser voluntarios* ; só apparecem quando o recrutamento affrouxa, para acender a chamma da coragem dos outros e cantar as victorias ganhas ; se são empregados publicos, trabalham o menos que podem, e fazem tanto caso da fazenda publica como da primeira camisa de Adão ; lesam o fisco sempre que lhes é possivel ; só compram generos de importação estrangeira, tendo para os nacionaes um só juizo e uma só sentença : *Porcaria* ! formam acerca dos representantes do seu paiz, fora e dentro d'elle, o mais deploravel conceito, de burros e ladrões para baixo ! Mas não admittem que haja alguem mais patriota, melhor brasileiro que elles.

Ultimamente essa especie de individuos tem medrado muito. Uma das profissões novas creadas sob a Republica é o patriotismo : ha gente que não tem outra e prospéra e engorda a olhos vistos. Já se chega a citar : "o João Lagarto, patriota". Alguns escrevem-n'o nos cartões, após os nomes, como escreveriam : José dos Bambús, negociante, ou medico, ou escrivão ou pintor, ou pianista...

São notaveis os serviços que esses brasileiros fazem ao Brazil. Sempre que surge a sombra de uma difficuldade internacional, saltam para a rua, berram, fazem *meeting*, partem as taboletas e as vidraças das casas pertencentes aos filhos do paiz com quem temos a difficuldade ou questão e mesmo das casas que, pertencentes a brasileiros, têm qualquer titulo que tenha relação com o tal paiz, o que é o cumulo... do patriotismo ; vaiam e apedrejam os ministros das nações com que *tivemos* pendencias, mesmo que ellas hajam terminado a contento de ambas as partes, e fazem manifestações de agrado a todos os parlamentares que affirmam que o Brasil é dos brasileiros, que não precisa de estrangeiro nem para semente e que tem forças para dar pancada na França, na Italia ou na Inglaterra até ao céo da bocca.

Quem não tiver aquella provisão de phrases tonantes e sentenças solemnes, quem não commungar naquellas idéias e não prestar aquelles serviços ao paiz, não é brasileiro, nem nada, é estrangeiro, é o diabo que o carregue ! (...que *os* carregue, digo eu).

VI

O BOATEIRO

E' um dos nossos typos mais caracteristica e accentuadamente nossos. *O boateiro* é o individuo que dá curso a boatos, de propria ou

alheia invenção. Geralmente o boateiro é geralmente um pouco pae dos boatos que faz circular, porque os accrescenta sempre de um ou mais pontos.

Em uma das revistas theatraes do nosso comediographo Arthur Azevedo era o boato representado pela figura clerical de D. Basilio, a qual, apparecendo pela primeira vez da altura de um menino de oito annos, acabava de gigantesca estatura. Nada mais exacto. O boato é isso mesmo; quando o lançam no solo fertil da credulidade e da ociosidade publica tem o tamanho de um grão de ervilha: pois ao fim de duas horas é das dimensões de uma melancia.

E' força confessar que o boato e o boateiro não são creações do regimen republicano, mas que foi nelle que encontraram terreno proprio para se desenvolverem; o que aliás se explica perfeitamente pela agitação, pela instabillidade e pelas duvidas dos primeiros annos de formação e exercicio das instituições novas.

Um momento houve em que essa calamidade se tornou tão terrivel que um chefe de policia chegou a expedir uma circular energica destinada a exterminar, com a raça dos boateiros, a praga incrivel dos boatos! E' claro que essa providencia cahio... no ridiculo, e uns e outros continuaram prosperando espantosamente.

E' curiosissima a psychologia do boato. Como nasce, como se forma, como cresce, como alastra, como avassala tudo, como se faz certeza, evidencia, verdade... sem deixar de ser peta?

Etymologicamente boato quer dizer "alto grito", berro, pois vem de *boare*, o urrar do boi; entretanto dá-se esse nome justamente á noticia apenas murmurada, quasi em segredo, que, como um besouro, sussura de ouvido em ouvido e, embora termine enorme com a expansão que teve pela area que abrangeo, conserva-se sempre simples murmurio, mero zum-zum.

O boateiro de raça apanha o *diz-se* no ar, na passagem da bocca de um individuo para o sacco auricular de outro, e, dos farrapos de phrases, dos bocados de idéias que apprehende, refaz immediatamente o todo incognito, reconstruindo o facto com aquelles escassos e incompletos fragmentos, como Cuvier com um só osso reconstruia o respectivo animal; e eil-o parte ancioso, febril, affogueado, a transmittir a descoberta ao primeiro amigo que encontre. Mas não lhe transmitte o que ouvio, por acaso não; diz-lhe o que elle indusio e julgou desco brir nas poucas palavras que apanhara, como cousa positiva, contada directa e claramente a elle. Este segundo sujeito dá logo curso ao que ouvio, juntando-lhe novos elementos de convicção, emquanto o primeiro faz o mesmo por

outro lado. Ao fim de uma hora a noticia fatal, o caso espantoso está no conhecimento de mil pessoas; no fim de tres horas no de dez mil, pois a força de expansão do boato é estupenda, mais poderosa que a da propria luz, creio eu, e só comparavel á do pensamento.

O boateiro, quando emitte o boato, transfigura-se como um fakir da India ou um derviche egypcio na pratica dos seus mysteriosos ritos; empallidece, arrepella-se, tremelica, dá palavra de honra, jura por Deus, pela luz que o allumia, por tudo o que ha de mais sagrado, pela honra da mulher, pela felicidade dos filhos... E' extraordinario! No fim das contas é tudo mentira.

O boateiro é então um calumniador, um mentiroso impudente? Nem sempre; muitas vezes elle obra em bôa fé. *Il se laisse emballer, voilà tout.* Perde a cabeça; ouve o que ninguem lhe diz, vê o que não existe e acaba convencendo-se de que a cousa monstruosa que o seu cerebro gerou e pario é a pura verdade, a bôa e casta verdade, núa e crúa.

Um exemplo. Elle vae num bonde e ouve entre dois sujeitos, que não conhece, o seguinte dialogo:

— Olá! Desejava mesmo encontral-o.

— E eu tambem.

— Diga-me, e *aquillo*? Como vae?

— Vae bem. Rebenta por estes dias.

— E' preciso ter muito cuidado; veja lá.

— Não tem duvida. A cousa está bem madura.

O boateiro de raça, ouvindo esse fragmento de diagolo, *adivinhou tudo* e ao chegar ao largo de S. Francisco abotôa o primeiro conhecido e despeja-lhe nas trompas eustachianas:

— Sabe? Está preparado um levante militar; rebenta por estes dias. E' um plano terrivel, amadurecido com vagar. Estou no segredo da conspiração, que apanhei por acaso num bonde, fingindo que dormia, mas não posso dizer mais nada para não me comprometter. Adeus.

Entretanto os dois sujeitos referiam-se simplesmente a um leicenço que affligia um d'elles, ha dias! E é assim que nascem os boatos.

Oh! os boateiros! *Pudesse uma só nau contel-os todos e o piloto fosse eu!*

Mas não haveria náu bastante grande para contel-os, porque boateiros somos nós todos. Temos o amor do boato na massa do sangue.

O DOUTOR BRAULIO

Venho dar cumprimento a uma promessa antiga : traçar a biographia do Dr. Braulio.

Para me desempenhar d'esse dever, que me impoz o pedido de um amigo, eu aguardava apenas o enviamento dos dados necessarios.

Foram-me remettidos, não ha muitos dias, com a seguinte carta :

"Ahi vão os documentos que sobre a vida do meu finado e grande amigo me foi possivel colher. Verás que te não mentia, quando te asseverava ser o Dr. Braulio d'esses raros caracteres que lembram folhas de sabre : rigidos, rectos, inflexiveis e limpidos.

"Em verdade, era elle um dos exemplares, hoje pouquissimos, e inestimaveis portanto, da velha raça de varões, cuja divisa e preceito resumiam-se eloquentemente no brocardo vulgar : "*Antes quebrar que torcer.*" Em L..., pequena cidade paulista, que lhe foi berço e tumulo, dizia-se d'elle : "E' um verdadeiro Catão." E era ! Jámais a intriga logrou pical-o: serpejava-lhe ás plantas e fugia, medrosa de estalar os dentes no aço que lhe abroquelava a honradez.

"Morreu o Dr. Braulio em uma digna pobresa, deixando sobre a familia, como benção luminosa e santa, o seu immuculado nome.

"Foi pranteado o seu trespasse, como o de um justo, e o respeito que lhe circumda a memoria é a mais eloquente prova do quanto havia de superior e de puro naquelle espirito. Tenho que, com os documentos e as notas que te envio, poderás compor um bello trabalho, de todo ponto digno do assumpto.

"Ponho nisso grande interesse, por motivos que conheces e me dispenso de repetir. Recebe por mais este titulo á minha gratidão e á minha estima os cordiaes e sinceros agradecimentos etc..."

Ao volver a folha encontrei o seguinte *Post scriptum :*

"*P. S.*— Não me lembrou descrever-te nos apontamentos o aspecto physico do Dr. Braulio. Como, porém, te possa servir de esclarecimento proveitoso e de natural ornato á narrativa, faço-o aqui mesmo, e com tres pennadas.

"Era o Dr. Braulio um homem alto, hombros largos, musculatura rija ; a barba negra, alongada sobre o peito, ornava-o de certo ar sevéro e altivo ; os olhos claros e grandes sabiam vêr com bondade, tranquillamente, como intangiveis ás commoções ; fronte dilatada, denunciando intelligencia prompta. A impressão que deixava, era das mais agradaveis: aquelle ho-

mem figurava-se de logo um homem de severidade e de proceder rectilineo, sem hesitações, mas egualmente sem maculas.

"Tal era, meu caro V., esse homem. A' tua penna incumbe agora o resto."

———

Examinei com cuidosa attenção os documentos e as notas. O Dr. Braulio fôra, com effeito um homem honrado, austéro, bondadoso, incorruptivel, recto.

Um compendio de virtudes: para tudo dizer em uma phrase.

Nesta éra de industrialismo feroz, de soberano egoismo, de transacções e de electricidades, éra em que a virtude bem se póde medir pela definição amargamente exacta de Corneille traduzindo Thomaz de Kempis: *Qui vit sans crime est vertueux*", um homem qual o Dr. Braulio merece cousas maiores que necrologios e panegyricos: merece a eternidade de um bronze, uma pagina da Historia, os buzios da Fama, o Kalendario Positivista, um preito que jámais falleça e que estruja sempiternamente o caso novo e digno de memoria.

No emtanto, nem a simples homenagem de um elogio biographico me é dado neste momento offerecer-lhe. Mas, afim de não faltar á promessa com que me endividei para com o amigo meu e do illustre morto, vou trasladar

para publico os proprios apontamentos que elle me enviou.

Vão desacompanhados de elogiosos conceitos e de florescencias de entonado estylo: d'elles não carece a verdade.

Ouçamos, pois...

" Desde a edade mais verde denunciou-se no pequeno Braulio, filho do honrado professor publico de L..., um genio voluntarioso e altaneiro, de par com uma intelligencia perspicaz e irrequieta.

" As primeiras lettras e os rudimentos scientificos ensinou-lh'os o pae; aos doze annos entrou no collegio jesuitico de Itú, sob a protecção de um dos professores, amigo do pae e admirador das habilidades do pequeno.

" Concluido o curso de linguas e de sciencias, cujos exames foram galhardamente prestados, devia o menino, segundo a ambição paterna, matricular-se em alguma academia—formar-se; mas as condicções pecuniarias da familia empeciam tão fagueiro desejo.

" Fôra difficilimo, senão impossivel, ao pae, levar por deante as respectivas despezas; a custo se alimentava e vestia e aos seus, dos redditos da escola. Mas acudiu-lhe generosa a bolsa de alguns amigos, que os tinha sinceros, e o pequeno Braulio foi para capital matricular-se na academia de direito, com a modesta mas bas-

tante mensalidade que lhe fizeram os amigos do pae.

"Não tiveram elles de que se arrepender: o seu protegido portava-se como um sisudo rapaz, compenetrado de seus deveres.

"Foram rapidos os progressos do seu talento e as affirmações bellissimas: era encomiado pelos mestres e respeitado pelos collegas.

"Cerebro valente e desassombrado, deixou-se de prompto ganhar pelas mais avançadas idéias politicas e litterarias, e vencer, outrosim, pelo prurido da publicidade e da discussão. Foi um corajoso publicista... academico. Eleito redactor de varios periodicos ingenuamente incendiarios, taes como o *Noventa e tres*, *A Barricada O Rebate*, pennejou rubros e tonantes ataques ao throno, ao altar, ás instituições juradas.

"Modestia ou prudencia, abstinha-se cautelosamente o estudante de mandar semelhantes obras ao pae e aos protectores...

"Um dia, quando elle cursava o quarto anno, recebeu do pae uma carta, em que lhe dizia o velho, d'entre outras innocentes e boas facecias, que os seus protectores e amigos pensavam em fazel-o deputado provincial, logo que se elle graduasse; que esperavam nelle uma forte columna para o partido conservador... Sentiu-se o rapaz harpoado no ponto mais delicado da sua consciencia — as idéias politicas,

e respondeu ao pae em uma carta decisiva, embora respeitosa e moderada.

"Perdôe-me, meu pae, dizia-lhe; respeito-o e amo-o profundamente e sou muitissimo grato aos meus bons protectores e amigos; não devo porém, trazel-os em illusão, e por isso peço venia para lhes declarar terminantemente:—não contem nunca com o meu auxilio e concurso. Sou republicano, e com a minha consciencia não transijo, por preço nenhum, nem mesmo com Vmcê., que é meu pae, e com elles, que são meus protectores e acredores eternos. Respeito profundamente as suas opiniões politicas, e tenho direito a que sejam tambem as minhas respeitadas..."

"Eram as primeiras scintillas da imperterrita independencia de caracter, que tão justamente devia notabilisal-o mais tarde. Parece que o pae não reçumou do acontecido, e os amigos nada souberam. Volvido a ferias, receberam-n'o com festivos abraços.

"Estava-se em quadra de eleições provinciaes; não se falava, não se escrevia, não se sonhava senão politica. Era uma eleição disputada; por toda a parte e a todos os instantes estouravam contendas, cruzavam-se *portadores* mysteriosos e disparados; relampagueava dinheiro; tramavam-se *golpes*...

"A situação era conservadora, e portanto aos conservadores a victoria pela força do direito... da força.

" Mas os contrarios trabalhavam como uns perdidos, valentemente ; e era preciso não cochilar.

" Lembraram-se algumas das influencias conservadoras dos valiosos talentos do academico, seu protegido, e foram-se a elle : pediram-lhe que escrevesse uma serie de artigos para o *Jornal*, defendendo-os e aos seus candidatos ; levariam os artigos um pseudonymo, para evitar complicações. O procedimento do moço foi cheio de dignidade e de serena altivez. Fez vêr aos seus amigos e protectores que lhe não era possivel satisfazel-os nesse particular ; era republicano extreme, convicto, intrasigente, e d'elle não partiria nunca o mais tenue esforço, acção minima que pudesse levar um atomo de prestigio ou de sustento ás instituições monarchicas. E como então um dos amigos lhe recordasse com delicadeza a posição em que se elle encontrava para com os seus protectores, o digno moço declarou firmemente que a sua consciencia era o que mais prezava na vida, e que, a viver deshonrado preferia morrer; e desligou-os do compromisso que nobremente haviam tomado.

" Produziu este incidente as consequencias de esperar : os protectores retiraram-se magoados, feridos n'alma ; o pae reprehendeu-o severamente, por aquella "feia prova de ingratidão" e desanimou ante o novo aspecto que

tomava o futuro de Braulio ; mas a sua nobilissima independencia de caracter a muitos encheu de respeitosa admiração. Foi então que appareceram em uma folha democratica da Côrte aquelles artigos contra o partido conservador, que tanto emocionaram o mundo politico e tão valiosamente recommendaram o joven publicista.

" Como faltasse apenas um anno para concluiro curso, fez o honrado professor um esforço heroico, contrahiu um oneroso emprestimo e Braulio partiu pela derradeira vez para a capital.

" Um outro grave acontecimento tinha incidido com os que acabo de referir. Havia-se enamorado o estudante de uma formosa rapariga, inteiramente pobre, orphã de mãe, e dementado por paixão tão violenta, que, ao partir, não era tão sómente a pungitiva saudade que deixava no seio d'ella. Ao fim do anno voltou o moço com o seu pergaminho, coberto de louros e de saudosas lembranças. Foi recebido em triumpho. No dia sequente á chegada, teve o doutor uma larga conferencia occulta com o pae da sua amante, que o fôra visitar : era um honrado lavrador, irascivel e temido.

"Quinze dias depois desposava o Dr. Braulio a infeliz moça, obliterando assim a nodoa de vergonha com que lhe ennegrecera a existencia, e dando um pae á triste criancinha, fructo d'aquelle desvario.

"Foi esse um acto de justiça e de reparação que o vestiu do acatamento e da sympathia geral.

"Estabeleceu-se como advogado em L... e não lhe faltou trabalho.

"Dois annos depois, cahiu a situação: Chegara a vez dos liberaes; escusado é accrescer que, como por encanto, transmudou-se a maioria conservadora de L... em maioria liberal.

"O Dr. Braulio, o republicano austero, alistou-se immediatamente nella e apresentou-se candidato ás primeiras eleições geraes. Foi brilhantemente suffragado. Na camara estreiou-se por uma notavel oração politica, já hoje celebre nos annaes parlamentares. Fez o historico das suas idéias; sustentou-as intrepidamente. "Não apostatava; era republicano ainda, e republicano havia de ser até á morte! Como, porém, já não era uma criança desavisada e fogosa, encarava as cousas por um prisma menos illusionista e mais seguro. Não seria prudente perturbar a marcha indefectivel, posto que vagarosa, da evolução politica da sua patria; e, ao contrario, o dever de todo cidadão seria auxilial-a, facilitando o desenvolvimento do progresso dentro dos dominios da ordem. Declarava-se, pois, republicano evolucionista, e jámais revolucionario."

"Este notavel discurso sensacionou vivamente e sympathicamente o auditorio e a imprensa. O Dr. Braulio foi ministerialista extre-

mado e ferrenho, e ainda hoje é lembrado o importante discurso que produziu em defeza do então ministro da agricultura o conselheiro S., de quem fôra acirrado e implacavel inimigo na academia, durante o anno em que conviveram, elle no primeiro, e o futuro conselheiro no ultimo anno do curso. Era a questão gravissima ; accusava-se o ministro de gorda trampolinice administrativa ; entendeu o Dr. Braulio de seu dever defendel-o *totis viribus*, como sustentaculo parlamentar que se constituira do gabinete e da situação.

" A' porta da camara abraçaram-se cordialmente, commovidamente, e ficaram desde então elados por estreita amisade, que não mais devia desatar-se.

" O Dr. Braulio não hesitou nunca, em caso algum, por precipitoso ou delicado, deante da estrada rectilinea do dever ; d'isso deu ainda uma prova naquella mesma terrivel campanha, batendo-se denodadamente, no começo com argumentos, e por fim com insultos, com um deputado fluminense que lhe fôra extremoso amigo nas lides academicas e a quem dedicava profunda affeição. Com o coração retalhado embora, sangrando das mais intimas fibras, não discrepou um ponto da recta do dever, e sacrificou-se-lhe nobremente.

" Mais penosa prova o esperava, no emtanto, em sua cidade natal, e em seu proprio

lar. Dias depois de chegado, fremente ainda das pugnas parlamentares, coberto de louros, os golpes ainda quentes, desfechou-lhe demoniaco destino crudelissima punhalada; feriu-o o unico ponto incolume do seu coração—na sua honra domestica: a esposa trahia-o miseravelmente.

"Ninguem lh'o denunciou; o proprio crime assalteou-o inopinadamente, com todos os seus abjectos e terriveis incidentes. Valeu-lhe ainda em tão medonho momento a inalteravel placidez da sua consciencia inflexivel. Chamou immediatamente o pae da culpada e entregou-lh'a, guardando como consolo unico, naquella viuvez tristissima, o seu querido primogenito.

"Quatro annos depois morreu o velho professor pae do Dr. Braulio, exactamente tres dias antes das eleições municipaes, em que este se empenhava muitissimo.

"Tributou ao querido e venerando morto as ultimas honras, as derradeiras provas de entranhado amor, e, cumpridos os funebres deveres, atirou-se de novo á lucta. No dia da eleição viram-n'o todos, emmagrecido, olhos pisados, coberto de crepe, dirigindo e aconselhando, como verdadeiro general.

"No mais cerrado de peleja oppôz-se-lhe um velho amigo, d'elle e do morto, travou-se entre elles amarga e colerica disputa, de que resul-

tou o rompimento das antigas e amistosas relações. Venceu por fim a *chapa* do Dr. Braulio.

"Houve uma occasião em que a inflexibilidade dos seus principios moraes foi exuberantemente provada. Acolhera o Dr. Braulio, em tempos, um homem que lhe fôra recommendado por um parente, e affeiçoou-se-lhe sinceramente; depois o hospede partiu, deixando saudosas recordações.

"Mezes passados, descobriram-se varias tratantadas do tal sujeito: ordens falsas, firmas roubadas, etc... Veio o desgraçado proteger-se com o Dr. Braulio; este, porém, foi implacavel. Negou-se severamente a cobrir e a defender com o seu nome semelhante patife.

"Uma noite foi o advogado despertado em sobresalto: seu sogro agonisava. Correu ao seu leito. Ajoelhada, com a cabeça mergulhada nas coberturas, uma mulher soluçava.

"O velho lavrador tomou uma das mãos do genro, e, entre os rouqueijos da derradeira agonia, pediu-lhe que perdoasse á filha, que a não desgraçasse, pois, a não ser o marido, ninguem mais lhe restaria no mundo! Quem havia de amparal-a? Obedeceu o Dr. Braulio á derradeira supplica do moribundo, e perdoou á esposa.

"O honrado paulista está velho, sobrecarregado de familia e ás portas da miseria. Vê-se forçado a recorrer a um emprego. E' nomeado tabellião.

“ E sabem quem lhe valeu ?

“ Valeu-lhe aquelle velho amigo de seu pae, com quem rompera em uma refrega eleitoral, mas com o qual reatara a partida amisade, levado por um sentimento de gratidão, commovido pela defeza energica que elle fizera ao fallécido professor, por occasião de calumnias atiradas por mão anonyma sobre o seu tumulo venerando. . . ”

Continuam ainda os apontamentos ; mas delimito-os nos que acabo de transcrever, por dispensaveis e muito longos.

Para complemento d’esta noticia reproduzirei textualmente duas velhas cartas amarellentas e roidas, que encontrei entre os muitos outros documentos, sendo a segunda a cópia da resposta mandada pelo doutor á primeira :

“ Illm. Sr. Dr. — Venho de novamente suplicar á V. S. me pagar aquelles dois contos e quinhentos mil réis, a qual quantia meu fallecido Marido enprestou á V. S. sem ducumento, nem nenhum papel. V. S. bem sabe as minhas circumstansia ; nada posúo e tenho ceis filhos. E’ uma obra de caridade que espero de V. S. fazer a

Sua criada obrigada

MARIA ANGELICA. ”

Eis a resposta : "Minha senhora. — Seu marido nunca me emprestou dinheiro algum. Fui, é certo, seu amigo ; mas d'elle sómente recebi finezas e obsequios, a que sempre fui muito grato. E é attendendo a essa divida sagrada, unica de que me reconheço devedor, que com esta envio á senhora a quantia de 500$000, que peço queira acceitar, como penhor do muito respeito e consideração do etc., etc.— *B. R. S.*"

Se o leitor acompanhou com attenção esta biographia, terá reconhecido que foi o D. Braulio um homem de honra, de vida limpa ; mas o que eu receio é que ella o faça crer que a honra é um composto de meias infamias. Não creia isso, mas apenas que "quem não sabe que o sol tem manchas não pode crer que elle as tenha."

1882.

O ESPARTILHO

Li num diario dos nossos que vae accesa no continente de Jonathan uma campanha formidavel contra o uso dos espartilhos, campanha reforçada pelos padres, que, do alto dos seus pulpitos, fulminam, como invenção diabolica, attentatoria á Natureza, á saude e ao proprio Deus, aquelle artefacto delicado e maravilhoso.

Quando isso li, lembrou-me a nossa primeira entrevista, Nerisa. Recordas-te ?

Naquelle chalésinho rustico, perdido no seio do bosque silencioso, que o crepusculo melancolicamente esfumava e a lua começava a estriar de argento, como se fôra a grenha de uma cabeça de hercules, emquanto o ouvido adivinhava, fóra e em torno, o farfalhar macio dos passaros entrando os ninhos e o colleante deslisar dos reptis sobre as folhas seccas, saindo das tocas, no chalésinho rustico acabava o meu primeiro beijo de quebrar nos teus labios tremulos a tua ultima resistencia...

Tranquillisa-te : não vou contar aqui, com tinta de impressão em papel publico, as humi-

lhações do teu pudor e as insolencias do meu goso!

Só me referirei ao ponto em que a noticia do diario sobre a guerra aos espartilhos me lembrou a nossa primeira entrevista.

... Chegara a vez do espartilho : caiu tambem, sobre as saias de seda, amarfanhadas a teus pés, e, caido elle, viram meus olhos, deslumbrados, ardentes sob a humidade do desejo lubrico, os dois seios mais alvos, mais erectos, mais de Venus de Milo que hajam esculpido, pintado ou cantado os mais divinos estatuarios, pintores ou poetas!

E, então, sacudindo o pasmo, perguntaram-te meus olhos, mudamente, descendo dos teus seios olympicos ao miseravel artefacto de Mme. de Vertus :

— Para que, então, usas *isso?*

Respondeu-me, não o teu olhar, nem a tua voz, mas a onda de sangue que te purpurejou as faces.

E o que o teu pudor me respondeu foiisto :

— Se eu não usasse espartilho, todos os olhos de homem me queimariam o seio, perseguindo-o anciosos, porque veriam que *isto* é natural.

Ora ahi tens, Nerisa, porque a tal noticia do diario me lembrou a nossa primeira entre-

vista naquelle chalésinho rustico, escondido no seio do bosquete silencioso, naquelle chalésinho ao qual não mais voltámos, mas hão de sempre voltar as nossas saudades.

1891.

A CASA ALEGRE

A AMERICO MOREIRA

Era por essa designação que a conheciam no bairro, que aliás é triste. E chamavam-lhe alegre, áquella casa, porque todas as noites se lhe via pelas janellas abertas o salão das visitas fartamente illuminado, cheio de vultos claros de damas e de vultos sombrios de cavalheiros, indo e vindo, muitas vezes dansando, e porque de lá sahiam, em lufadas sonoras, risadas crystallinas, polkas saltitantes e *romanzas* da moda.

Os habituaes passageiros dos bondes contavam certo encontral-a com aquelle ar de festa, e a um d'elles ouvi como resposta á inquirição de quem alli morava :

— Não sei ; mas deve chamar-se Gaio, Alegria ou Fortunato.

Mais de uma viuva, amortalhada na consternação do seu luto, deve ter sentido naquella jovialidade ruidosa um como sarcasmo injurioso da sorte, que tão desegualmente reparte os gosos na terra.

E das gentes que, passando, presenciavam tanto e tão descuidoso folgar, muitas de certo

sentiram-se mordidas da vesga e insinuante inveja.

Era uma casa pequena, mas bonita, por isso que era pequena, e tambem por ser nova. Uma casinha assobradada, com duas janellas altas e bem talhadas e um frontão vistoso de estuque, com o monogramma dourado do proprietario e floreios de máo estylo.

O lustre de crystal e as cortinas de seda verde davam-lhe certo aspecto luxoso, que a luz crua do gaz accentuava á noite. Naquella casa deviam morar o conforto, o descuido e a alegria, ou não fosse ella um ninho de risos e cantos.

Era a casa mais conhecida do bairro; todos os visinhos e quantos por alli passavam chamavam-lhe "a casa alegre", e, quando o não diziam, pensavam comsigo, suspirando de inveja: "Que gente feliz aquella!"

Eu habitei aquelle bairro algum tempo e muitas vezes o pensei tambem. Quando deixei o bairro a famosa casa mostrava a alegria de sempre, alongando-a noite dentro em casquinadas de risos, esfusiadas de notas e gestos vivos de dansas. Nunca sube quem eram os venturosos mortaes que nella moravam, apesar de o haver indagado varias vezes, sem grande curiosidade aliás.

Fora isso ha bastantes mezes, e já me não lembrava mais de tal casa nem de tal gente

quando, um bello dia, recebi a visita do Ribeirinho, um bom e velho amigo que eu perdera de vista havia uns quatro ou cinco annos, desde que elle, tocado pela varinha magica da Fada do *Ensilhamento*, saltara da pobresa á opulencia, trocando as botas cambaias e fiadas de fura-vidas pelos escarpins maravilhosos de principe desencantado.

O Ribeirinho ! (Designo-o só pelo appellido, desacompanhado do nome baptismal e desfigurado ainda pelo diminutivo, por um motivo de discreção e de conveniencia, facil de comprehender.) O Ribeirinho em carne e osso—muito mais em osso que em carne, valha a verdade.

Estava outro, tão outro do que fora que me custou reconhecel-o. Envelhecera em tudo : nos cabellos, nos olhos, na voz, no riso, nos gestos. Vestia com asseio, mas quasi pobremente, e todo elle respirava inquietação e má sorte.

Vinha pedir-me um emprego, um emprego qualquer—no foro, no jornalismo, no commercio, na Intendencia, no Inferno.

Tinha ás costas—figuradamente, é certo, mas muito menos do que se possa julgar—uma familia de dez pessoas : a mulher, a sogra, a cunhada, um afilhado e seis filhos, dos quaes tres mocinhas.

Eu contemplava-o e ouvia-o, calado, obstupido. Pois era aquelle o Ribeirinho millio-

nario, o Ribeirinho da *Geral*, que tinha trens principescos, do alto dos quaes esputava o seu luxo desdenhoso sobre os pobres piões desfavorecidos da sorte ?!

— Mas eu acreditava-te rico, podre de rico! exclamei.

— Já o fui, sim ; hoje estou podre mas é de dividas. A historia da minha fortuna tu a conheces; a da minha desfortuna é simples: gastei um terço, perdi outro ao jogo e roubaram-me o ultimo.

— Mas quem t'o roubou ?

— Ora quem ? os amigos. Pois isso é cousa que se pergunte ?

Eu calei-me ; enrolei, accendi, fumei um cigarro, parafusando como poderia soccorrer o pobre rapaz. Elle passeava, monologando entre dentes, com os olhos humidos e as mãos atraz das costas, crispadas uma na outra.

E, de repente, estacando ante a minha cadeira :

— Mas eu ainda não te contei o melhor, isto é: o peior. Não conheces todo o tragico da minha situação, que te dou licença para achar comica, pois o é um pouco, com todos os grandes dramas. Ouve lá.

"Moro em Villa-Isabel, na rua Barão de Mesquita, um chalé bonitinho, assobradado, construido de pouco.

"Passei-me para elle quando os credores me tomaram o palacete das Larangeiras, roido de hypothecas ; metti-me nelle corrido e miseravel como um cão de raça, obrigado a deixar a casinhola confortavel por um desvão lamacento.

"Mas ainda me restavam algumas joias e não poucos papeís. Fui vendendo estes aos poucos, mas apparentando sempre fortuna e contentamento.

"Minha mulher é muito orgulhosa. Prefere a morte á humilhação. Justificou com as amigas a mudança de um modo habil e continuou a recebel-as com a mesma largueza ; e eu tive de imital-a com os meus *amigos.*

"Continuámos a dar jantares, chás, bailaricos, festas. Queimados os ultimos papeis por preços irrisorios e empenhadas as ultimas joias, começámos a viver de expedientes engenhosos e de humilhações secretas.

"Minha mulher tem altercações diarias com os fornecedores. Sabes quanto devo ao padeiro ? Um conto e quinhentos ! Parece mentira : um conto e quinhentos mil reis de pão ! Elle foi fiando sempre, na esperança de receber o atrazado e para não perder o freguez ! Mas ha tres dias que me suspendeu a cesta.

"Devo em todos os armazens da visinhança, cujos caixeiros não nos deixam a porta. O senhorio penhorou-me os trastes e intentou a acção de despejo.

"O unico amigo a quem me faltava *dar facada* eras tu. Resisti emquanto pude. Tinha vergonha de procurar-te, porque me lembrava que te esqueci completamente no tempo das vaccas gordas, a ti que sempre foste tão bom para mim!

"Pois aqui estou eu. Comecei pedindo-te um emprego para preparar o verdadeiro pedido, que é de dinheiro.

"Empresta-me cincoenta mil reis. Assusta-te a minha pallidez, a ternura da minha voz?

"Não almoçámos hoje e passei a noite de hontem sobre o sofá da sala, em seguida a uma disputa terrivel com minha mulher, depois que as visitas se foram embora. Sabes: "casa onde não ha pão, todos gritam e ninguem tem razão."

"Tenho pensado no suicidio. E' uma covardia, bem sei, com uma familia tão numerosa, que ficará na miseria. Mas que queres? Não posso mais lutar: estou exhausto.

"Minha mulher diz que é preciso fingir um certo bem estar para não sermos cuspidos pelo despreso dos parentes e dos amigos, e que é preciso dar festas para podermos casar os filhos...

E eu deixo-me levar, sem forças, sem energias, sem animo, sem dignidade.

"Tenho medo de acabar estellionatario... Arranja-me um emprego, seja qual for...

"Mas, antes, empresta-me cincoenta mil réis. Preciso d'elles sem falta para esta noite. Temos visitas,—uns parentes de minha mulher, fazendeiros em S. Paulo, que nos julgam ainda ricos; e precisamos recebel-os decentemente.

"Olha, vae até lá, se queres. Talvez se danse. Ouvirás cantar a minha *Miluca*: tem uma bonita voz de meio soprano.

Dei-lhe os cincoenta mil réis. Prometti frouxamente que iria á noite á casa d'elle, mas, como não soubesse ao justo onde era, perguntei-lh'o.

Já t'o disse. Rua Barão de Mesquita, numero... E indicou o numero; mas para que eu não me enganasse, como devia ir á noite e sou myope, determinou bem a posição da casa:—um sobradinho novo e bonito, logo depois da chacara do Commendador Fructuoso.

Era a "casa alegre"!

Outubro—1895.

A VIDA (*)

(DO MEU CADERNO DE IMPRESSÕES)

Os cemiterios são calumniados.

E' costume dizer-se que são tristes e sombrios e fala-se d'elles com um calefrio de horror. Acredita-se que nelles se encontra frente a frente a morte a cada momento. E' um engano. E, senão, ouçam.

Eu ia visitar os tumulos das minhas duas filhinhas.

Eram sete horas da manhã, manhã rosada e fresca, colorida ternamente pelos primeiros raios solares.

Não encontrei os rouxinoes de que nos fala com tanta emoção Alphonse Daudet: não ha rouxinoes no Brasil.

Mas tive a occasião de apreciar alguma cousa de extraordinario, como vão ver. As arvores funeraes estavam carregadas das pedrarias scintillantes do orvalho e ornadas de dia-

---

(*) Foi este conto primitivamente escripto e publicado em francez no *Brésil Republicain*. O que se vae ler é a versão portugueza feita pelo Sr. Domingos A. Meira e revista pelo autor.

Nota do editor.

demas de esmeraldas e topazios, onde o sol brincava alegremente. Afinal nada tinham de funebre. O ar, puro, fresco, dilatava deliciosamente os pulmões. Flôres por toda parte. Ellas cobriam o solo, á beira das aléas arenosas, e sobre os tumulos formavam tuffosos jardinsinhos, cheios de rosas, vermelhas e brancas, jasmins e folhagens variegadas. Tudo aquillo rescendia um aroma muito agradavel. Os anjos carpidores dos mausoléos pareciam regozijados nas sus lisas tunicas de marmore, tão alegre era a luz e o ar acariciador.

Havia tumulos tão carregados de flôres desabrochadas, onde beija-flôres e borboletas dançavam vivamente, que as pessoas, vendo-os, esqueciam-se alli, sem se preoccuparem mais com a idéia do além-tumulo do que se estivessem em jardim profano — fosse de Armida ou dos Capuletos.

Viam-se tambem sepulturas núas, ennegrecidas pelo tempo e pelo abandono, cujas inscripções se apagavam, mais ai! menos depressa do que da memoria da familia do morto. Essas não tinham sequer um pésinho de herva para desentristecer a sua desolação.

Esses tumulos eram sombrios, mas eram esses justamente os mais procurados pelos passarinhos, os quaes sobre as pedras limosas bicavam-se, brincando. Dirse-hia que o bom Deus enviara aquellas avesinhas expressa-

mente para consolar os pobres abandonados, que estão sob a terra, da ingratidão de seus amigos.

Por toda parte ouviam-se cantos joviaes. Eram esfuziadas de notas debulhadas no ar matutino, como perolas caindo em cascata dentro de uma bacia de metal.

" Orai por elle " diziam os tumulos. E como os parentes e amigos dos mortos estavam ausentes, os passaros oravam pelos mortos. E o Senhor os escutava, certamente. Nada alli havia que falasse da morte.

Nem mesmo os coveiros.

E' verdade que elles cantavam e abriam covas como os coveiros de Shakespeare, porém o que cantavam era uma aria da moda e pareciam abrir covas para as flôres.

A Morte e a Primavera casavam-se alegremente e os passaros celebravam seu hymeneo.

A Morte.... que digo eu?

Que pessoa ou cousa nos fala aqui da Morte? Ninguem; nada. E' a Vida, a Vida, sim, que brota por toda parte. Estas flôres, estas avesinhas, estes renovos primaveraes, este alegre sol, esta frescura, estes perfumes, estes gorgeios, tudo isto só nos fala da Vida. E os proprios mortos, coitados! é da Vida que falam. Porque é dos seus corpos que vem o germem fecundante das plantas; são elles proprios que sorriem agora no pequeno coração de escarlate

das rosas e que nos saúdam com os braços inquietos dos arbustos.

Alli estão os bellos olhos de Ophélia, que nos espiam d'aquelle tumulosinho branqueado de cal... sim, nas violetas, que ella amava tanto e que seu irmão desejava ver nascer sobre a sepultura d'ella. Quereis ver as mimosas mãos patricias de Julieta ? Ellas não atiram mais a escada de seda ao seu Romeo querido: florescem agora nestes soberbos lyrios.

A Morte não é senão uma mudança de fórma ; a essencia, o espirito fica ; elle se furta de nossos olhos para ir insufflar a vida alhures. Nossos mortos nos cercam, nos acariciam, nos acompanham, até que nos chegue a nossa vez de nos reunirmos a elles no seio calmo e impenetravel do Desconhecido.

A Morte é a Vida.

1893.

MORTALHA HEROICA

AO DR. VICENTE DE SOUZA

Havia tres mezes que arrebentara a revolta de 6 de setembro de 1893, e cada dia que passava era assignalado por um chuveiro de balas despedidas da Ilha das Cobras, de Willegaignon, das baterias dos navios de guerra e por alguma grande desgraça, ferimentos e mortes de homens, mulheres e crianças estranhas á luta, nas ruas, nas proprias casas. A' noite eram as lanchas revoltosas, sobre tudo a famigerada *Lucy*, que costeavam as praias, dizimando e varrendo á metralhadora e canhão-revolver as guarnições que as defendiam, para impedir desembarque.

A população, muito desfalcada pela parte que fugira espavorida para fóra da cidade, vivia num constante sobresalto, numa angustia indizivel. Aos primeiros tiros, por occasião do primeiro bombardeio, havia tido um terror panico e fugira quasi que em massa. Mas depois, visto que a revolta não acabava, que ia durando mais um mez e mais outro e ainda outro mais... e como não era possivel abandonar as officinas, as repartições, os escriptorios, os empregos,

emfim, que garantiam o pão ás familias, foram-se todos resignando pouco a pouco áquella situação tragica, excepcionalisisma, e uma especie de fatalismo sereno passou a dominar todos os animos.

Que fazer? Que remedio encontrar? A chuva de chumbo cahia todos os dias sobre a cidade, como se a maldição divina pesasse sobre ella, e era preciso ganhar o pão de cada dia com o suor do rosto.

Nenhum homem, ao sahir da casa e ao despedir-se dos filhos e da esposa ou dos paes, podia estar certo de que não entraria horas depois agonisante ou morto, com o coração ou o craneo ferido por uma bala.

Aquelle adeus podia ser o derradeiro. Pobres mães, o que soffrestes!

O recrutamento fazia-se ferozmente, cégamente, sem regra, sem methodo, sem humanidade. Recrutavam á direita e á esquerda, de dia e de noite, sem attender a nenhuma consideração, a nenhum motivo de escusa.

O canhão uivava e gania pedindo, exigindo carne; era preciso dar carne ao canhão. A fome do monstro era grande e insaciavel o seu ventre. Forçoso era, portanto, caçar homens ás centenas, diariamente, para que a ração da féra não diminuisse; alguns d'esses homens eram apenas creanças e não podiam sequer com o peso da espingarda, que os derreava e banhava

em suor. Mas o essencial não era que os soldados fossem robustos nem aguerridos; o essencial era ter soldados para guarnecerem as praias e receberem nos corpos, votados ao sacrificio inconsciente pela patria, as cargas de chumbo do inimigo. Se assim não fosse, elle desembarcaria e viria estrangular a Lei e varar de lado a lado o Direito no seu grande e silencioso palacio de marmore.

Por isso, não chegaram aos ouvidos dos detentores da auctoridade os gemidos de dor, os soluços de miseria, os ululos de desespero das mães, das esposas, das noivas, das irmãs... E a fuzilaria rechinava como chuva grossa e atroavam os ares repetidos estrondos de canhoneio. Emquanto o ar cheirava a polvora, corria o sangue de brasileiros, por brasileiros derramado; corria em silencio, mysteriosamente, para que a população não o visse e não se assustasse e crêsse que da parte da Legalidade, do lado forte do Direito ninguem morria, não havia sangue a abeberar a terra, que a canicula escaldava. Mas, parallelamente ao rio espumante e vermelho do sangue, corria, no silencio e no mysterio, outro rio não menos caudaloso — o das lagrimas da orphandade e da viuvez, dos paes e das noivas, que viam vasios o leito e a cadeira dos seus queridos, que desappareceram um dia e não voltaram mais.

O sonhador e o poeta, esses videntes do invisivel e que ouvem no silencio das noites não só estrellas mas tambem prantos, elles ouviam o dialogo dos dous rios—o rio vermelho e o rio branco, o rio de sangue e o rio de pranto.

Dizia aquelle :

— Eu sou o rio, rubro e quente, do sangue da mocidade. Nas minhas ondas, que tingem de vermelho as hervas humildes, e fecundam as sementeiras próvidas, vão cantando os sonhos e as esperanças dos moços que a guerra estupida das ambições immolou cruelmente. E' a bravura, a innocencia, a mocidade, que fornecem, abrindo as veias, a tinta generosa para a purpura do manto da Patria. Eu levo nas minhas ondas o humus fccundissimo do Futuro — o sangue puro e innocente dos moços, dos que morreram sonhando amor ou sonhando gloria.

E o rio branco gemia, correndo parallelamente ao outro :

— Eu sou o rio das lagrimas. Nas minhas ondas sem espumas nem cachões vão soluçando, desfeitos em pranto, os corações das pobres mulheres que a Vida condemnara ao supplicio ineffavel do amor e a quem a Morte cruelmente libertára d'elle—arrebatando-lhes os entes idolatrados. " Deus, Senhor Deus ! .. ululam as miseras — ouvide-as, vós que passaes — ordenaes-nos que amemos, impondes-nos a lei do Amor, e consentis que uma palavra — a " Pa-

tria" .. nos dilacére os corações, roubando-nos os filhos, os noivos, os esposos, os irmãos, os companheiros! Que nos importa a Patria? A patria d'elles é o nosso coração! Não conhecemos, não queremos outra." E os prantos correm, avolumam-me, fazem-me largo, profundo e triste. Vou regar o Campo Santo, vou fecundar a sementeira das roxas saudades.

A' viuva Abrantes, coitada! chegou-lhe tambem o dia nefasto. Sexagenaria e paupérrima, vivia do magro ordenado do filho, que era typographo, e das costuras que ella e a filha, a pallida Joanninha, cosiam para uma loja de roupas feitas. Não descontinuava na velha casinha do morro de Paula Mattos o ruido secco e trepidante da Singer: "tec, tec, tec, tec."

Tudo tão caro e tanta doença em casa! O proprio Isaltino não gosava grande saude. Era fraco de compleição e tinha uma tossesinha secca, nada boa. Aquellas noitadas a compor estafavam-n'o. De dia pouco descansava tambem, porque ia sempre trabalhar algumas horas em uma officina de obras. A pobre velha e a rapariga — que tão bonita fôra, agora tão acabada pelo trabalho e pela tristesa de não casar — procuravam tornar o mais agradavel que podiam a existencia de Isaltino — faziam-lhe mingaus, pratos especiaes, davam-lhe vinho

fino. Bem o merecia, coitado! porque só vivia por ellas e para ellas, destinando-lhes quasi toda a feria da semana, de que apenas tirava alguns mil réis para suas despezas particulares.

Grande fôra o terror d'aquella gente no começo da revolta; mas, com o correr dos dias como Isaltino tivesse uma declaração do editor da folha em que trabalhava para garantil-o do recrutamento e como o pão houvesse escasseado em casa com as duas semanas de ocio forçado que lá passara escondido, voltou ao trabalho e não houve novidade. A viuva estava até relativamente satisfeita porque havia conseguido obter costuras da guarda nacional, que eram muito bem pagas. A machina cosia dia e noite, e todos os dias Isaltino trazia e levava trouxas de blusas e calças cortadas e promptas.

Joanninha, muito religiosa, havia tido uma piedosa lembrança, ao terminar a primeira blusa, e fôra: marcal-as todas por dentro, no peito, com uma cruz de linha preta.

— Talvez que esta pequena cruz proteja da morte os pobres soldados; disse ella com um sorriso melancolico.

— Ou que a faça menos dolorosa; ponderou a viuva.

E, então, tanto ella como a filha, bordavam ligeiramente no interior de cada blusa, do lado do coração, uma pequena cruz preta e, para

completarem a sua obra de fé, rezavam um padre-nosso e uma ave-maria pela intenção dos infelizes que tivessem de vestil-as.

Isaltino sorrira-se um dia d'aquella bobagem, sceptico que se fizera no officio de compor artigos impios para um jornal sem Deus nem rei : mas teve a delicadesa de calar-se logo, para não offender as excellentes creaturas.

Uma madrugada Isaltino não entrou do trabalho. Pela manhã, não o havendo encontrado na cama, ao levar-lhe o cafésinho quente, a pobre velha teve um presentimento terrivel, tão forte e tão claro que não podia enganal-a :— o filho fôra recrutado. Foi logo um choro desmanchado na casa. Mas era preciso agir promptamente. Dona Maria enfiou seu velho vestido preto e desceo para a cidade. Dirigiu-se logo ao commando superior da Guarda Nacional.

Lá esteve quatro horas, em jejum, fraca, despenteada, banhada em pranto.

Mas tanto pedio, chorou e subio e desceu escadas que, por fim, conseguio entrar na sala do commandante. Este estava deitado em um sofá, com a farda desabotoada, e conversava alegremente com uma roda de officiaes, uns de pé, outros escarranchados em cadeiras, fumando, rindo e gritando, emquanto se ouvia longe o espoucar da fuzilaria, como cartas de bichas da China.

O commandante falou-lhe como estava, interrompendo de máu humor a anecdota picaresca que estava contando. Disse á viuva, depois de mandar verificar, que seu filho fôra effectivamente recrutado ás duas horas da madrugada.

A viuva ajoelhou-se junto ao sofá, pondo as mãos, beijando a do commandante, que brincava com um chicotinho de cabo de prata. Pedio, supplicou a soltura immediata do rapaz: que era o seu unico filho, o seu arrimo, a sua esperança, a sua unica alegria na vida; além disso tão fraco, tão doente! Que o soltasse!

— Não póde ser, minha senhora. Tenha paciencia. Não é só a senhora que soffre. E' preciso vencer a revolta. E quem há de pegar em armas? Os cachorros? Seu filho já está de farda ás costas e aquartellado. Não posso servil-a. Passe bem.

E tudo foi baldado. Mas, ao sahir da sala, um rapaz sympathico, que tinha tres galões dourados nas mangas da farda, acompanhou-a, e, fóra da sala, pediu-lhe o nome e a moradia e prometteu-lhe que lhe mandaria noticias do filho, que elle tomava desde aquelle momento sob a sua protecção. A pobre senhora beijou-lhe as mãos. E regressou para a casa, cahindo de fraqueza, mas com uma verde folhinha de esperança brotando entre as lagrimas que lhe afogavam o coração. Ha mentiras piedosas.

Tres dias depois chegou uma carta do filho. Isaltino estava destacado na praia de Santa Luzia, mostrava-se resignado e procurava animar a familia.

— Que desgraça, meu Deus! o que vae ser de nós! era o estribilho constante que se ouvia quando a "Singer" parava.

Passaram-se tres dias, quinze, vinte...

As cartas cessaram e com ellas as noticias do ausente.

Até que uma manhã — manhã fatidica e maldita—recebeu a viuva uma carta laconica, em que o Dr. Abreu, cirurgião chefe do hospital de sangue installado na Escola Normal, lhe participava que seu filho Isaltino, ferido na noite anterior no combate com uma lancha revoltosa na praia de Santa Luzia, desejava muito vêl-a e á irmã e com a maior brevidade.

Partiram como doidas, apenas vestidas, com os olhos pisados de pranto, engasgadas de soluços. Chegaram esbaforidas ao hospital, perguntando pelo Dr. Abreu. Este, depois de ouvir quem eram, teve algumas palavras banaes de animação :— que o ferimento fôra serio, sim, mas que havia esperanças de salvar o rapaz. E mandou conduzil-as ao seu leito.

Um cheiro violento de antisepticos enchia a vasta sala; sangue, gemidos, tinidos de ferros, fardas, espadas, tudo isso passou num turbilhão, como a visão de um pesadelo, por deante

dos olhos da desgraçada mãi, que só buscavam o leito em que o filho soffria, agonisava talvez.

Agonisava, sim! Já não poude reconhecel-as. Da bocca aberta subia o estertor final, num cheiro acre, e dos olhos vidrados corriam mansamente duas grossas lagrimas turvas. Expirou nos braços da mãe e da irmã, sem o saber, sem o sentir. E, no emtanto, fôra esse o seu derradeiro desejo!

Como lhe havia de ter aggravado a agonia a ausencia dos dous entes unicos que amava na terra!

De repente, Joanninha deu um grito lancinante e exclamou:

— Veja, mamãe, veja aqui na blusa. A cruz de linha preta!

— Ah! filho, filho da minh'alma! Filho das minhas entranhas! Meu filhinho adorado! Fui eu, fui eu que te cosi a mortalha!

Janeiro—1896.

ENTRE AMIGOS

A JOÃO RIBEIRO

Quando eu viajava pelo Estrangeiro, nas horas de repouso, quando espirito e coração se volviam, de tão longe, para a patria, e me tomavam saudades das pessoas e das cousas amadas que nella deixara, não era dos meus livros que eu menos saudosamente me recordava. Sim, sentia uma falta enorme do meu gabinete de trabalho, forrado de livros e jornaes, atulhado de papéis.

Tinha saudades fundas dos meus *bouquins*. Revia-os arrumados nas estantes, por ordem de materias e de auctores, com as suas lombadas vermelhas:—os francezes, azues:—os portuguezes, verdes:—os brasileiros, amarellas:—as brochuras. E lembrava-me que desfizera o meu escriptorio, vendendo a minha velha secretaria, onde trabalhara, tão longamente, e que, por não ter tido a coragem de vender os livros, os encaixotara todos, ás pressas, sem ordem. Lá estavam elles me esperando, criàndo traças, que os devoravam gulosamente...

Pois bem, ha dois dias que tenho gosado o grande prazer, finamente sensual, de arran-

cal-os das suas sepulturas de pinho para repol-os nas estantes.

Tiro-os um a um, desamortalho-os dos seus envolucros de papel de jornal, sacudo-os, bato-os, expurgo-os dos bichos, polvilho-os de naphtalina, leio-lhes os titulos, abro-os ao acaso, percorro uma pagina, um periodo, uma phrase... como um confeiteiro guloso que vae provando dos doces que arruma nos mostradores.

Eis-me sentado no soalho, em meio d'elles, nessa doce occupação, coberto de poeira, e abstracto, esquecido de tudo—dos affazeres que me esperam na cidade, da formosa manhan que chalra nas mangueiras, humidas de orvalho, e se retoiça nas primeiras ondas da luz do sol...

Que cahos interessante! As sciencias e as lettras estão de mistura. Os tratados de direito são cavalgados pelos livros de versos, os diccionarios esmagam as ediçõesinhas Guillaume, os livros frivolos de *Gyp*, Pierre Véron, Scholl, Xanrof, Chavette, Courteline, abalroam ironicamente os graves volumes de Spencer, Comte, Stuart Mill, Max Muller, Lombroso, Macleod, Montesquieu, Bluntchli...

O divino, o suavissimo Michelet espia d'entre as paginas de um Paulo de Koch!

A "Immitação de Christo" dá o braço ao "Decameron" de Boccacio. A "Biblia" repousa no seio aberto da "Força e Materia" de Buchner. O cavalheiro de Faublas abraça-se a

" Graziella "; " Nana " beija Santo Antonio, Pigault-Lebrun esbarra com Santo Agostinho; Homero encontra-se com Bocage!

Ponho-me a considerar na formidavel força cerebral representada nestes centenares de volumes, na prodigiosa massa de phrases, na incontavel quantia de idéias, alli amontoada naquelles frageis cofres abertos, de papel.

E assisto ao desfilar das vozes, das opiniões, das iras. das paixões, das dores, dos sonhos, dos desesperos, dos delirios, das blasphemias, dos idylios, das calumnias, das supplicas, dos beijos, dos soluços... d'aquelles centenares de almas e de cerebros...

E quantos já mortos, levados pela aza negra do Nada, em meio da labuta, no mais acceso da batalha intellectual! Mortos, mudos, extinctos... e eil-os, no emtanto, aqui ainda, chorando, predicando, amando, zombando, instruindo, mentindo, mordendo...

Oh! os livros... Bem diziam os Goncourt: os livros são como os homens—" têm uma alma e são comidos dos vermes". Sacudo as traças de um e ouço-lhe a alma. E' o pallido e ardente Musset—ardente e pallido como um cyrio:

Aprés avoir souffert il faut souffrir encore;
Il faut aimer sans cesse après avoir aimé.

Tinhas razão, desventurado: amar e soffrer, soffrer e amar é a lei da vida. Obedeces-

te-lhe, resignado ; não quizeste seguir o exemplo que fizeste o teu Jacques Rolla dar a ti proprio. Amar e soffrer, não tem outros titulos de nobresa o homem sobre a terra, em face do céu, entre os brutos que utilisa e domina. Prazeres não ha senão um :—o de amar sabendo-se amado; prazer fecundo de maguas, de dores, de padecimentos innarraveis ; mas que importa ? Ha uma delicia ineffavel em todos os soffrimentos gerados do amor. Só elle justifica a existencia ; é elle que divinisa a lama que somos todos, sob uma apparencia mais ou menos perfeita.

Entre que livros dormiram as tuas *Poesias Novas*, no caixão, Musset ? Entre as *Flôres do mal*, de Baudelaire e um volume das obras de George Sand ! Que companhia te fizeram elles ? Baudelaire não te horrorisou com a sua poesia torturante e os seus versos torturados ? E a tua deliciosa tyranna, repetiu-te ella os idylios chilreados no *canalazzo* de Veneza, na gondola negra vogando ao luar, em frente das cupolas de S. Marcos ?

Um livro de Darwin ! Que desencanto ! Que nos ensinas, afinal, grande sabio ? A ver em cada homem um inimigo, prompto a devorar-nos se formos mais fracos, a perder o derradeiro encanto que ainda encontravamos em umas tantas palavras que uma philosophia, que elle desbaratou, enchêra de promessas risonhas.

e de sonhos embriagantes. Talvez tenhas razão, grande sabio. Descendemos quiçá do gorilla e do chimpanzé... Mas eu preferia que nos provasses que descendemos de anjos, que somos anjos degenerados... Fora melhor que sermos simios... aperfeiçoados.

Como roeram as traças o teu *Eurico*, meu pobre Herculano! Eis um livro que se póde reler.

Faz bem ouvir pulsar o coração d'esse bravo homem, o coração alanceado, sob a estamenha do habito.

Espronceda e Lobão, Quatrefages e Cervantes, Campo Amor e Walter Scott, Machado de Assis e Buffon ! Que confusão ! E deixando de pensar nos auctores e de *petiscar* nos livros, penso no trabalho que vou ter com arrumar e classificar tudo isso...

Um volume do " *Journal des Goncourt*, o segundo. Não resisto : abro-o ao acaso e leio: " As idolatrias populares ! Querem saber quantos altares e tumulos teve Marat ? quarenta e quatro mil ! "

E, por um acaso estranho, encontro em seguida *L'amour sous la Terreur*, de M. de Lescure.

Curioso capitulo—" O coração de Marat ".

Quem poderia crer que esse homem hediondo pudesse ter sido amado ? Pois foi-o. De

Lescure conta-nos que o foi por tres mulheres, fóra as aventuras ephemeras, e que se chamavam marqueza de Laubespine, (que elle havia defendido contra o marido e contra a morte) Simonne Evrard, (que foi para elle o que foi Therèse Levasseur para Rousseau, o das *Confissões*, e graças a cujo dinheiro poude o sanguinario pamphletista fundar o *Ami du Peuple*, e, por fim, mademoiselle Fleury, do Theatro Francez.

Segundo o testemunho de Madame Roland e o, menos suspeito ainda, de Fabre d'Eglantine, Marat era um farcista de primeira ordem : a sua immundicie e pallidez desgrenhada eram de pura *pose*, para fazer de martyr e agradar ao povo : em casa o homenzinho tinha sedas, coxins, boa mesa, doçuras de todo genero.

Mas dexemos esse livro—que, do contrario, não consigo começar a arrumação de todos.

Oh ! as *Odes Funambulesques* — primeira edição. Precioso livro ! Impresso em Alençon, em 1857, a duas cores, preto e vermelho, com um frontespicio gravado a agua forte por Bracquemond, segundo um desenho de Charles Voillemot : sobre um monte (talvez o Parnazo) Pierrot toca violino, fazendo dançar em torno d'elle um collar de jovens faunos—bustos de anjos, pernas de capros. A maior curiosidade é, porém, não ter o livro nome de auctor. Essas

odes eram então uma ousadia litteraria de tal ordem, rompiam tão fundamente com todas as convenções e preceitos da época que Banville não ousou assignal-as. E, abrindo o volume ao acaso, releio com prazer o decimo *triolet:* "Opinion sur Henri de la Madelène:"

J'adore assez le grand Lama,
Mais j'aime mieux La Madelène.
Avec sa robe qu'on lama,
J'adore assez le grand Lama.
Mais La Madelène en l'âme a
Bien mieux que ce damas de laine.
J'adore assez le grand Lama,
Mais j'aime mieux la Madelène.

Isto é que é um senhor *triolet!*

Nada! Não abro mais livro nenhum. E' sacudil-os, limpal-os e ir arrumando-os, "sem *provar...*" A' obra! Olé, senhor Emilio Zola! Vossa Naturalidade enche-me um longo raio de estante! Trinta e tres volumes, e incompleto ainda! Que obra gigantesca! Pois vou collocal-o ao lado do gigante, seu mestre. Aqui, Balzac, preside-me a toda esta sucia, todos mais ou menos teus filhos: o Zola, o Flaubert, o Daudet, o Maupassant,—a quem só faltou a edade para egualar-te na estatura, — o Huysmans, os Goncourt.

Tu, velho Dumas, immenso Dumas, tu vaes presidir esta outra galeria — Sandeau, Karr, George Sand, Gautier, Murger, Koch... Quanto aos poetas..todos juntos, misturados, sem distincção de nacionalidade, nem de epoca, nem de escola. Quero a estante dos poetas em tudo semelhante a um viveiro de passaros: misturem-se e cantem juntos sabiás e rouxinóes, calhandras e colleiros, canarios e toutinegras... Dante, Camões, Milton, Victor Hugo, Leconte de Lisle, Guerra Junqueiro, os passaros-reis, casarão as vozes potentes aos cantos delicados de Musset, Lamartine, Campo Amor, Chenier, Stecchetti, Sully-Prudhomme, Varella, João de Deus, Castro Alves, Manzoni, Raymundo Corrêa, Papança, Bilac... Que matinada! que algazarra! que opera de Wagner!

Agora, sim, estou contente! Cá estou entre os meus amigos. Nem todos dizem a verdade e fazem o bem. Mas ao lado dos venenos ponho os antidotos: Schopenhauer e Michelet, Buchner e Lamartine, Comte e Lamenais.

Sim, sois vós, meus livros, os meus melhores amigos, porque, bons ou máus, dizeis-me sempre as mesmas cousas, fielmente, inalteravelmente!

Agosto—1895.

INDICE

Foi ultimada a impressão deste livro nas officinas da typographia ALDINA, no dia 8 de Março de 1896.